

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Identidade cultural em comunidades de usuários
e desenvolvedores de software livre: o caso Debian-RS**

Guilherme Carvalho da Rosa

Profª Drª Ana Carolina Escosteguy
Orientadora

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

Porto Alegre, janeiro de 2008

**Instituição depositária:
Biblioteca Ir. José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R788i Rosa, Guilherme Carvalho da
Identidade cultural em comunidades de usuários e desenvolvedores de software livre : a caso Debin-RS / Guilherme Carvalho da Rosa. — Porto Alegre, 2008.
154 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação Comunicação Social. PUCRS, 2008.

Orientador: Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy

1. Comunicação. 2. Software Livre. 3. Debian-RS – Identidade Cultural. 4. Identidade Cultural. I. Título.

CDD : 301.2

Bibliotecário Responsável
Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

GUILHERME CARVALHO DA ROSA

**IDENTIDADE CULTURAL EM COMUNIDADES DE USUÁRIOS
E DESENVOLVEDORES DE SOFTWARE LIVRE: O CASO DEBIAN-RS**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof^ª Dr^ª Ana Carolina Escosteguy – PUCRS

Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut – PUCRS

Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda – PUCRS

AGRADECIMENTOS

- A Deus por ter estado comigo nestes dois anos;
- A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento deste estudo através de bolsa de estudo concedida pelo PPGCOM/PUCRS;
- A minha orientadora, Prof^ª Ana Carolina Escosteguy, por sua presença sempre atenciosa, pelos aprendizados e por ter aceitado a orientação desta pesquisa;
- Aos meus pais, Jorge e Ivone da Rosa por terem me educado com amor incondicional nas mediações desta vida;
- A minha namorada Vivian Herzog, por ter deixado este final muito mais feliz;
- A Rede Marista por ter acompanhado e incentivado toda minha trajetória educacional até o presente momento;
- Aos queridos amigos/mestres Fábio Souza da Cruz e Raquel da Cunha Recuero, por um dia terem acreditado em mim como pesquisador;
- A Nestor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Stuart Hall, que, através de seus pensamentos e palavras, fazem com que a pesquisa possa ser diretamente conectada com a vida;
- A todos que de alguma forma contribuíram com esta formação.

(...) o coração tem suas próprias razões.
Stuart Hall – Identidade Cultural e Diáspora

RESUMO

O presente estudo tem como objeto a dinâmica de comunicação e construção das identidades culturais a partir de comunidades de usuários e desenvolvedores de software livre. A pesquisa adota como estudo de caso o Grupo de Usuários Debian do Rio Grande do Sul (Debian-RS). A perspectiva é de fornecer um olhar, a partir das ciências da comunicação, para a dinâmica destes grupos que suscitam uma discussão sobre o político nas tecnologias. O quadro teórico provém, fundamentalmente, da aproximação dos estudos culturais britânicos e latino-americanos sobre a questão das identidades culturais. As opções metodológicas provêm de uma combinação de técnicas de pesquisa com relação a práticas de aproximação etnográfica e observação participante em nível *offline* conjugadas com evidências do objeto a partir dos espaços virtuais de interação. Como resultado, a pesquisa aponta três elementos-chave: (1) a identidade com o software livre como cosmovisão (2) o dialogismo e os repertórios culturais em relação à formação instável dos discursos e (3) uma lógica global a partir de necessidades locais para o posicionamento do grupo.

Palavras-chave: identidade cultural, estudos culturais, software livre, Debian

ABSTRACT

This study brings a subject of the dynamics of communication and discursive formation of cultural identities from communities of users and developers of free software. The research takes as a case the Rio Grande do Sul Debian Users Group (Debian-RS). The approach is to provide a look, from communication studies, to the dynamics of these groups that's raise a discussion about the political in technology. The theoretical framework fundamentally comes from the british and latin american cultural studies on the issue of cultural identities. The methodological options come from a combination of research techniques with the practice of ethnographic approximation and participant observation in offline level in conjunction with evidences of the object from the virtual spaces of interaction. As a result, the research points at three key elements: (1) the identity with the free software as a macroview (2) the dialectics and cultural skills on the formation of unstable speeches and (3) a global logic from local needs for the position of the group.

Key Words: cultural identity, cultural studies, free software, Debian

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. UM PANORAMA SOBRE O SOFTWARE LIVRE.....	14
1.1 O que são sistemas operacionais?.....	14
1.2 A dinâmica do software livre na cibercultura: uma perspectiva histórica.....	16
1.2.1 <i>Ousada demais para ser privada: a internet e a gênese do desenvolvimento colaborativo</i>	17
1.2.2 <i>O desenvolvimento colaborativo e a cultura hacker</i>	25
2. A IDENTIDADE CULTURAL EM QUESTÃO.....	29
2.1 O conceito de identidade cultural.....	30
2.2 Identidade cultural e a discussão da modernidade.....	40
2.3 Identidade cultural e globalização.....	44
3. OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	51
3.1 A dupla- <i>via</i> metodológica: do empírico ao teórico e do teórico ao empírico... ..	63
4. COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR E OBJETOS EMPÍRICOS: TRAJETOS DE PESQUISA.....	65
4.1 O Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Intercom.....	67
4.2 O Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura da Compós.....	74
4.3 O Grupo Temático Comunicação e Sociedade da Informação da Alaic.....	83
5. A IDENTIDADE CULTURAL DO DEBIAN-RS.....	91
5.1 A lista de discussão do Debian-RS como espaço de interação online.....	92
5.2 A observação/participação presencial junto ao Debian-RS.....	97
5.3 Cosmovisão, cultura hacker e o jogo das diferenças.....	102
5.4 Dialogismo e repertórios culturais como negociação e conflito.....	119
5.5 Lógica global e necessidade local.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
GLOSSÁRIO.....	142
ANEXO A – Exemplo de entrevista transcrita (usuário Joel Corrêa).....	145
ANEXO B – Arte do cartaz confeccionada para o Debian Day 2007.....	153
ANEXO C – Fotos do Debian-RS durante o FISL 2007.....	154

INTRODUÇÃO

É visível o tempo de convergência entre o humano e a máquina (RÜDIGER, 2002 p. 13) que, como nunca, tem solicitado um pensamento transdisciplinar para tentar dar conta do que está acontecendo. Há a necessidade de compreensão global do processo tecnológico, “já que aquela faz parte de um processo mais amplo da relação entre técnica e sociedade” (LEMOS, 2004 p. 15). A comunicação, neste sentido, amplia possibilidades epistemológicas e se debruça sobre estas dinâmicas complexas: um momento propício para que outros olhares teóricos sejam convidados a dialogar com as tecnologias.

Neste sentido, o ponto de partida desta pesquisa será o de lançar um olhar sobre a problemática da identidade cultural (ESCOSTEGUY, 2001 p. 139), como um processo de comunicação, a partir da dinâmica da comunidade do software livre¹. É uma preocupação que provém do empírico, ao observarmos que estas dinâmicas de cooperação e desenvolvimento, quando confrontadas com a apropriação social da tecnologia, no mínimo, direcionam a reflexão para um olhar sobre o político. Como demonstra Laymert Garcia dos Santos ainda não é possível discutir a questão tecnológica em toda a sua complexidade e somos pouco capazes de observar as relações desta questão, partindo

da necessidade de politizar completamente o debate sobre a tecnologia e suas relações com a ciência e com o capital, em vez de deixar que ela continue sendo tratada no âmbito das políticas tecnológicas dos Estados ou das estratégias tecnológicas transnacionais, como quer o establishment (GARCIA DOS SANTOS, 2003 p. 11).

Em termos práticos, esta pesquisa tem como objeto um grupo de usuários e desenvolvedores da distribuição Debian GNU/Linux chamado Grupo de Usuários Debian do Rio Grande do Sul, ou Debian-RS² como convencionaremos chamar a partir deste momento. O Debian-RS é uma comunidade que atua a partir do virtual (online), através de websites, salas de bate-papo e de uma rede de contatos por correio eletrônico chamada de lista de discussão, e também por meio da experiência presencial³ dos sujeitos (offline) que, ao mesmo

¹ Quando nos referirmos à *comunidade do software livre* estaremos incluindo todos os grupos que participam desta dinâmica do desenvolvimento colaborativo de softwares sobre licença livre (GPL).

² Note-se que neste trabalho há uma grande necessidade da utilização de termos que pertencem a um repertório semântico do tecnológico. Estes termos serão, em parte, explicados ao longo do trabalho, mas também podem ser consultados no glossário.

³ Utilizaremos o termo *experiência presencial* para definir os espaços de existência e representação além do ambiente virtual, como reuniões e encontros realizados em locais concretos. O termo presencial é utilizado com

tempo em que mantêm espaços de representação no ciberespaço, promovem eventos e participam de encontros e seminários. Além de constituir uma organização própria e enunciar seu pertencimento geográfico, ao estado do Rio Grande do Sul, o Debian-RS é integrante de uma organização mundial de grupos de usuários e desenvolvedores do sistema operacional Debian, chamada de Projeto Debian. Esta organização tem como objetivo central o desenvolvimento de uma distribuição livre para computadores que é a segunda mais antiga dentre as distribuições de software livre. A distribuição e o Projeto foram iniciados em 16 de agosto de 1993 pelo programador alemão Ian Murdock. Há nesta organização uma estrutura formal de funcionamento e processos de trabalho delimitados por uma série de regulamentos com aplicações específicas⁴. Essencialmente, todos os participantes do Projeto Debian se dividem entre *usuários*⁵, que participam dos grupos a partir de diversos níveis de engajamento, desde o esclarecimento de dúvidas sobre o sistema até envolvimento na organização de eventos e outros projetos, e *desenvolvedores*, que efetivamente constroem os softwares livres. Esta divisão envolve uma organização política do Projeto, no sentido de os desenvolvedores assumirem um compromisso maior e terem responsabilidades de decisão a partir disto. No mundo todo, há o total de 1490 desenvolvedores, a maioria deles concentrada no hemisfério norte⁶. Há uma coordenação geral do projeto, composta pelo líder chamado de DPL (*Debian Project Leader*) e um comitê técnico que auxilia a gestão. Mesmo havendo esta distinção entre desenvolvedores e usuários, é possível que qualquer usuário possa se tornar um desenvolvedor a partir de um processo formal de trabalho e avaliação estipulado pelo Projeto Debian.

Em um parâmetro com a postura dos demais grupos da comunidade do software livre, podemos dizer que o Projeto Debian tem uma posição radical e “purista” (SCHWINGEL, 2006, online)⁷ na defesa da liberdade total dos programas quanto à utilização e possibilidade de modificação no código-fonte. Esta postura é expressa a partir de um documento, publicado

freqüência na pesquisa em educação à distância para estabelecer dualidade com o virtual. Um exemplo desta utilização está em Moran (2002, online) [<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm> acesso em 7/2/2007].

⁴ Um exemplo dos processos do projeto Debian pode ser observado a partir da página dos desenvolvedores: <http://www.debian.org/devel/> (aceso em 14/11/2007)

⁵ Neste trabalho, utilizaremos a palavra *usuário* para definir o participante do Debian-RS. No entanto, como o próprio Debian-RS coloca em suas regras internas de funcionamento, há a necessidade de classificar os usuários a partir de seu nível de engajamento. Portanto, quando for necessária esta distinção, adotaremos a nomenclatura de *usuário colaborador* para aqueles que apenas participam dos momentos de interação do grupo e *usuário efetivo* para aqueles que assumem responsabilidades perante o grupo, como a organização de encontros e participação em reuniões periódicas. Os *desenvolvedores* estão automaticamente inseridos neste segundo grupo mais engajado.

⁶ Há um mapa da concentração de desenvolvedores pelo mundo em <http://www.debian.org/devel/developers.loc> (acesso em 14/11/2007)

⁷ Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n53/cshwingel.html> (acesso em 10/2/2007)

online⁸, composto por duas partes que são o *Contrato Social Debian* e a *Definição Debian de Software Livre* (DFSG). Uma das condições para a participação no Projeto é a aceitação destas diretrizes (COLEMAN, 1999 online)⁹ que, em termos gerais, especificam a condição de o Projeto Debian e seu desenvolvimento “permanecerem 100% livres” e a preocupação final com os usuários em fornecer “um sistema integrado, com materiais de alta qualidade, e sem restrições legais que possam impedir tais usos do mesmo”. As diretrizes da DFSG ratificam esta posição do Contrato Social Debian e especificam condições para que um programa possa ser considerado efetivamente livre pelo Projeto. Nosso estudo de caso, o Debian-RS, procura orientar suas ações e seu posicionamento a partir destas diretrizes tidas como uma espécie de orientação-padrão dos grupos do Projeto Debian para a reflexão de sua própria prática.

Geralmente os grupos Debian são organizados por países, como Debian-France¹⁰, Debian-Portugal¹¹, Debian-España¹² entre outros. No Brasil são 11 grupos que formam o Debian-Brasil¹³, divididos a partir de seus estados de origem, como é o caso do Debian-RS. Este projeto está inserido na comunidade do software livre que se caracteriza pela prática do desenvolvimento colaborativo (SCHWINGEL, 2006 online)¹⁴ na produção de um sistema operacional e programas (softwares) para computador com licenças de uso livre que essencialmente permitem que os programas sejam distribuídos sem o pagamento de *royalties* e que os usuários possam visualizar e modificar o código fonte dos programas. Todos os usuários do Debian-RS, assim como das diversos grupos identificados com esta dinâmica, estão envolvidos em um processo de popularização do sistema operacional e softwares de licença livre junto aos usuários de computador que necessitam, obrigatoriamente, destes programas para desempenharem qualquer função, desde editarem um texto até se comunicarem através das ferramentas da internet. Em muitos países, de forma especial nas nações que compõem a América Latina, o software livre está ligado a iniciativas de inclusão digital da população, como demonstra Silveira (2003, p.45) e Michelazzo (2003 p. 268). O desenvolvimento dos softwares adaptados aos usuários finais é apontado por Castells como

⁸ Disponível em http://www.debian.org/social_contract (acesso em 10/2/2007)

⁹ Disponível em http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=805287 (acesso em 16/11/2007)

¹⁰ <http://www.debian-fr.org/> (acesso em 1/8/2007)

¹¹ <http://www.debianpt.org/> (acesso em 1/8/2007)

¹² <http://www.esdebian.org> (acesso em 1/8/2007)

¹³ O Debian no Brasil está presente em São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A relação dos grupos pode ser acessada em: <http://debian-br.aliath.debian.org/?id=Regionais> (acesso em 14/11/2007).

¹⁴ Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n53/cshwingel.html> (acesso em 10/02/2007)

“uma condição fundamental para a difusão dos microcomputadores” (CASTELLS 2005 p. 80).

O Debian-RS é um grupo com seis anos de existência, fundado no ano de 2001, na cidade de Porto Alegre, por quatro usuários que, de acordo com sua própria definição, “perceberam a pequena divulgação que o software livre (e o Debian em especial) tinham em seu meio”¹⁵. O encontro que permitiu o início das atividades aconteceu, de forma presencial, durante a realização do 2º Fórum Internacional do Software Livre (FISL), um evento de reconhecimento internacional que reúne usuários e desenvolvedores de diversos países, inclusive grupos de usuários Debian do mundo inteiro. A data de fundação do Debian-RS foi estipulada pelos fundadores como a da primeira mensagem (virtual) na lista de discussão por correio eletrônico acontecida no dia 21 de agosto de 2001 que é próxima da fundação do Projeto Debian.

O grupo possui mecanismos de entrada para a participação de novos membros que acontece por meio da participação nos espaços de interação do grupo, tanto online quanto offline, como a lista de discussão, o canal de Internet Relay Chat (IRC), o website do grupo e os encontros presenciais. A condição primária para participar do grupo é ser usuário de sistema operacional Debian GNU/Linux. No entanto, a inscrição junto à lista de discussão, tem uma importância simbólica enquanto pertencimento. O Debian-RS também possui usuários que auxiliam o grupo em outras áreas como a tradução de textos, desenvolvimento de documentação, assessoria de imprensa e suporte aos usuários, embora o desenvolvimento seja a atividade primordial.

De forma direta, os objetivos deste trabalho estão concentrados a partir de dois interesses que vão orientar todo o processo de investigação e têm relação direta com o contato teórico com o tema das identidades culturais. Nosso primeiro interesse se direciona em perceber *qual é a identidade cultural do Debian-RS* a partir da identificação de elementos que compõem essa identidade, formada a partir do discurso e, aliado a isso perceber de que forma o Debian-RS constitui sua identidade. Já o segundo interesse refere-se em *identificar os conflitos presentes na construção desta identidade cultural* e como acontece a relação dialógica do grupo com outros discursos conflitantes.

¹⁵ O website do Debian-RS possui um texto de apresentação da comunidade que pode ser visto em: <http://www.debian-rs.org/sobre> (acesso em 9/2/2007)

A partir desta intenção, faz-se importante delinear a justificativa deste estudo com relação à episteme comunicacional e, de forma específica, os estudos de comunicação que envolvem objetos relacionados à convergência sócio-técnica. Tais justificativas podem ser mais bem compreendidas se, desde já, evidenciarmos o *caráter empírico* da investigação a partir de dois níveis: um primeiro surge a partir da experiência do pesquisador como usuário de software livre e o segundo parte do surgimento do tema como uma agenda de discussão, de certa forma, presente tanto nos veículos de comunicação massiva quanto na utilização da tecnologia como parte de políticas públicas por órgãos estatais¹⁶. Esta presença empírica permite situar a investigação a partir de um panorama expresso no capítulo quatro que procura fazer um mapeamento da pesquisa em comunicação mediada por computador feita a partir de objetos de natureza empírica. Ao concluir este panorama, observamos que esta investigação pode significar uma contribuição em dois âmbitos: (1) no sentido do diálogo de objetos empíricos ligados à tecnologia com outros olhares teórico-metodológicos e (2) como um estudo de caso sobre uma comunidade de usuários de software livre, pouco recorrente nos trabalhos observados no mapeamento.

O caminho metodológico que escolhemos para o desenvolvimento dos objetivos propostos acima pode ser compreendido a partir de uma *combinação de técnicas de pesquisa* entre a utilização de elementos da aproximação etnográfica e observação participante, especialmente utilizadas nos contatos offline com nosso caso de estudo, conjugadas com evidências do próprio grupo que surgem a partir da observação de sua dinâmica de interação online. No caso específico do Debian-RS esta complementaridade entre o acompanhamento concomitante de online e offline é necessária em vista da interdependência destes dois espaços para a dinâmica do grupo, como veremos posteriormente. Também serão utilizados alguns dados quantitativos e observações feitas a partir do online que terão caráter *complementar* para a investigação.

Não poderia deixar de mencionar aqui as justificativas internas deste estudo que estão localizadas a partir de “um local de fala” e de circunstâncias bastante particulares. Minha experiência empírica com a tecnologia vem desde a infância, a partir de um imaginário, dos anos 1980, marcado pelo contato com os jogos eletrônicos e da grande curiosidade de saber como aquilo tudo funcionava. Um dos fatos marcantes, e diríamos, a primeira experiência

¹⁶ Um exemplo deste agendamento é a reportagem da revista Veja de 17 de maio de 2006, com o título “O grátis saiu caro” que traz uma interpretação a respeito da utilização de software livre por parte do governo federal brasileiro. A reportagem está disponível online: http://veja.abril.uol.com.br/170506/p_068.html (acesso em 5/12/2007)

com códigos abertos que tive, foi quando utilizava na escola e em casa um microcomputador que ligávamos na televisão, chamado de MSX que, absolutamente, não vinha com nenhum programa a não ser sua própria linguagem chamada de Basic. Então, se quisesse fazer meu computador funcionar, tinha que escrever as linguagens. Nesta brincadeira, percebi que poderia modificar o código a partir de minhas próprias necessidades, e aquilo parecia algo fascinante. Seguindo a trajetória da massificação dos computadores, que ocorreu a partir de então, conheci o software livre durante a época da graduação. Mesmo não trilhando o caminho das ciências da computação, em vista da pouca habilidade com números, percebi que aquela dinâmica se parecia bastante com minha experiência de infância, e que, mais do que isto, significava o surgimento de um conflito com a lógica do desenvolvimento proprietário da tecnologia. Tendo este processo pessoal em vista e condicionado por experiências de iniciação científica em comunicação mediada por computador, optei pela dinâmica do software livre como objeto de estudo, desde a graduação até o presente momento. Compreendo, no entanto, que estas pessoais colocam esta pesquisa em uma situação de questionamento. Estou sujeito a esta posição, por conta do envolvimento com o objeto.

A estrutura deste trabalho foi organizada a partir de cinco partes. A primeira delas tem o caráter de apresentar e contextualizar a questão do software livre ao leitor, dado que representa um tema, de certa forma, pouco agendado nas discussões cotidianas e até mesmo com relativa incidência de investigação junto à pesquisa em comunicação mediada por computador. Esta localização ocorrerá tanto em nível cotidiano quanto no intuito de localizar o software livre a partir do panorama da cibercultura. O segundo momento é destinado a uma revisão teórica sobre a questão da identidade cultural e sua problematização a partir da discussão do moderno e do posicionamento global/local. Na terceira parte estão observadas as opções metodológicas de trabalho, que, adiantamos, trazem como opção a utilização da aproximação etnográfica e da observação participante em combinação com outros elementos de pesquisa. A quarta parte tem um caráter cartográfico: traz um panorama da pesquisa em comunicação mediada por computador com objetos empíricos a partir das trajetórias de congressos de pesquisa. O último momento está reservado para as observações junto ao grupo estudado a partir de dois vetores que orientaram as questões de pesquisa: a identidade cultural do Debian-RS e os conflitos presentes nesta construção.

1. UM PANORAMA SOBRE O SOFTWARE LIVRE

A partir deste momento, faremos uma pequena incursão no contexto do software livre para compreender melhor a dinâmica a qual o Debian-RS está envolvido. Conforme a apresentação do objeto, feita no início do texto, a dinâmica da comunidade do software livre tem como principal objetivo o desenvolvimento de um sistema operacional que dá base a outros programas. Veremos algumas informações sobre os sistemas operacionais com o objetivo de contextualizar a importância do objeto de estudo. Em um segundo momento, faremos uma pequena revisão histórica sobre o software livre e sua localização a partir da cibercultura.

1.1 O que são sistemas operacionais?

O sistema operacional é uma espécie de coração do computador em sua parte não-tangível, que é chamada de software. Ele pode ser compreendido como uma fusão de diversas partes importantes que fazem com que os computadores possam desempenhar suas funções básicas. Presentes desde o início da informática, os sistemas operacionais vêm atingindo uma evolução bastante rápida, desde o início da informática pessoal, nos anos 1970, até o presente. Sua trajetória nos revela uma preocupação com o usuário que vem se intensificando há pouco mais de duas décadas, com o surgimento de interfaces gráficas para utilização do computador e a potencialização de alguns recursos de interação. O advento das interfaces gráficas nos sistemas operacionais certamente contribuiu para que o computador abandonasse a pragmática estritamente científica e passasse a ser utilizado pela maioria dos agentes sociais, através de uma linguagem dinâmica, intuitiva e que reapropriasse o cotidiano de um simples apertar de botões.

O mais conhecido sistema operacional desenvolvido pela comunidade do software livre é conhecido simplesmente por Linux. No entanto, esta definição é parcial, pois o Linux isoladamente representa uma espécie de cérebro do sistema operacional, chamado na informática de kernel. Além disso, o nome Linux, tal como é empregado quando se fala em software livre, abarca uma infinidade de variantes que não se limitam ao sistema operacional, mas compreendem outros programas. Estas variantes têm grandes diferenças entre si e são conhecidas como distribuições. Por exemplo, a distribuição que é mantida pelo Projeto Debian é chamada de Debian GNU/Linux.

Então, ter acesso a um sistema operacional significa ter acesso à linguagem informática, ter acesso a ferramentas de trabalho como processadores de textos e planilhas de cálculos e, sobretudo, ter acesso à internet, através dos programas que permitem realizar as conexões em rede. Os sistemas operacionais, enquanto softwares, recebem classificações especiais por sua licença de uso, uma espécie de contrato firmado entre o usuário e o desenvolvedor do sistema operacional. A *Free Software Foundation* (Fundação do *Software Livre*), conhecida pela sigla FSF determina 13 tipos diferentes¹⁷ de software de acordo com dois aspectos básicos em cada tipologia que se referem, essencialmente, ao uso e ao acesso ao código-fonte dos programas. No entanto, vamos nos ater a quatro classificações mais pontuais que serão necessárias para a compreensão de nossa proposta de estudo:

- software proprietário: é aquele em que os usuários não têm acesso ao código-fonte dos programas nem podem utilizar livremente sem o pagamento de *royalties*. Em outras palavras os usuários não podem copiar os softwares proprietários livremente sem que paguem por um novo registro de cada nova cópia;
- software freeware: é um software que permite que os usuários copiem livremente o programa, mas não permite modificações em seu código-fonte.
- software shareware: o software shareware funciona como uma amostra grátis de um programa que pode ser utilizado por alguns dias, ou ter algumas limitações. No entanto, o usuário não tem permissão de modificar o código-fonte e se quiser utilizar o programa em definitivo deverá pagar os *royalties* ao programador através de um registro com senhas ou outros métodos;
- *software livre*: é o tipo de programa que dá liberdade total aos usuários, permite que os programas sejam copiados e utilizados livremente e também dá acesso ao código-fonte e possibilidade de alteração deste código para realização de melhorias ou adequação do programa às necessidades específicas. Os softwares livres são desenvolvidos sobre um tipo de licença chamada *General Public License*, ou GPL. A licença GPL garante o preceito de liberdade aos programas e exclui possibilidades da inclusão de restrições a partir de novos desenvolvimentos (distribuições). Este dispositivo é chamado de *Copyleft*.

Estas quatro definições, de uma forma geral, abarcam a grande maioria dos programas de computador disponíveis. São importantes para colocarmos as diferenças, em termos de

¹⁷ Disponível em <http://www.gnu.org/philosophy/categories.pt.html> (acesso em 4/3/2007)

definição, do software livre para outros tipos de software, sobretudo com relação ao software proprietário.

1.2 A dinâmica do software livre na cibercultura: uma perspectiva histórica

Nosso objetivo nesta parte será o de lançar um olhar histórico para delinear como a idéia de uma “informação livre” esteve presente na gênese da internet e observar como influenciou o formato das redes de informação e comunicação, tal qual as conhecemos. Em um primeiro momento faremos este percurso histórico baseado em algumas construções teóricas e relatos da história das redes. Em um segundo momento, iremos contextualizar a postura do software livre no ambiente da cibercultura, observando o posicionamento da chamada *cultura hacker* e outros discursos que trazem a questão da liberdade da informação como norte. Como nos mostra Beatriz Martins (2006, online)¹⁸ a cultura hacker pode ser definida a partir de dois princípios:

Dois princípios acompanham a atuação hacker: a *cooperação produtiva* como seu modus operandi e a defesa da *liberdade de informação* como condição para a operação desse modelo produtivo. Desde a época em que passavam as madrugadas no prédio 26 do Massachusetts Institute of Technology – MIT, decifrando os segredos dos primeiros computadores, até os dias de hoje, na produção de Software Livre e de Código-Aberto, a livre circulação de informações e a produção cooperativa são essenciais para sua atuação (MARTINS, 2006 online).

Por hora, tomaremos esta definição a partir dos dois vetores (cooperação produtiva e defesa da liberdade de informação) como referenciais. Como nos indica Martins, o desenvolvimento destes vetores e da cultura hacker de uma forma geral tem nas comunidades envolvidas com o software livre seu maior exemplo. Portanto, nosso olhar irá recair sobre como as comunidades de software livre estão situadas neste contexto a partir de sua condição de pertencente a este escopo. Como macro visão das relações culturais na internet, tomamos como parâmetro teórico a classificação feita por Manuel Castells (2003 p. 34) estruturada em quatro camadas: (1) cultura tecnomeritocrática, que tem suas origens no desenvolvimento acadêmico-científico: há uma crença no bem “inerente ao desenvolvimento tecnológico” (2) cultura hacker, constituída principalmente pela comunidade do software livre (3) cultura comunitária virtual, relacionada às comunidades virtuais e os diferentes gregarismos mediados pelas redes telemáticas e (4) cultura empresarial¹⁹, relacionada às iniciativas

¹⁸ Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n52/10Cintra.pdf> (acesso em 17/7/2007)

¹⁹ Cabe ressaltar que mesmo a cultura hacker formando certa oposição às utilizações das redes, como menciona Castells (2003, p. 35), a cultura empresarial tem grande importância no desenvolvimento da internet., por conta de seu poder de circulação. Talvez a internet não teria o exponencial número de usuários de hoje se a cultura empresarial não tivesse contribuído para a formação das redes.

corporativas na rede. Nossa tarefa compreende também o mapeamento destas comunidades de software livre face ao caráter inter-relacional que assumem com as outras tipologias propostas: muitas vezes os grupos assumem posicionamentos dos demais tipos de cultura para ingressarem no jogo das identidades.

1.2.1 Ousada demais para ser privada: a internet e a gênese do desenvolvimento colaborativo

No ano de 2005 completamos 10 anos da presença da rede mundial de computadores na sociedade contemporânea. É o período em que a web efetivamente passou a interferir na vida cotidiana dos agentes sociais, mediando relações humanas e instaurando dinâmicas de trabalho e lazer. Neste tempo, uma gama de estudos já se dedicou a narrar a história das redes, a partir das iniciativas de comunicação militar dos anos 1960 e da ética acadêmica de geração do conhecimento presente na motivação daqueles que geraram tecnologias que até hoje sustentam os fluxos de informação. Mas, poucos autores deram o devido destaque para a relação da estrutura das redes com a ética e o sistema de crenças que motivou uma geração de jovens cientistas da computação a criarem tecnologias abertas, descentralizadas, que permitissem um exponencial crescimento da internet. O que podemos perceber, em uma primeira aproximação, é que o desenvolvimento de tecnologias que efetivamente modificaram estruturas de comunicação passou por caminhos muito semelhantes: de um fim belicista com descrédito de investimentos dos mercados e a iniciativa pelo prazer da descoberta de jovens programadores. A microinformática e a dinâmica das redes, talvez por conta de uma origem comum, de certa forma, partilharam de um mesmo sistema de crenças na liberdade e, por conta desta congruência, tiveram sua inscrição nos mercados e na vida cotidiana por um caminho muito semelhante: as duas se desenvolveram de forma marginal, descentralizada, e foram rechaçadas pelas grandes corporações por representarem direções demasiado ousadas (LÉVY, 1993; CASTELLS, 2005). Essa descentralização do sistema de comunicação internet é possível a partir do protocolo TCP/IP, que permite que o fluxo das informações seja feito desta forma.

Os projetistas de redes TCP/IP, por sua vez, assumiam, desde a sua concepção original, que a rede não era confiável e que o software dos computadores (hosts) de cada uma das pontas deveria sempre cuidar para que os pacotes fossem transmitidos (e retransmitidos quando necessário) sempre da melhor forma e pela melhor (e mais barata) rota possível. O controle da rede, neste modelo, estava na mão dos operadores dos computadores, ou seja, a inteligência estava nas pontas. A interconexão se daria pela interligação das inúmeras redes privadas que

implementassem esse mesmo protocolo (MENEZES DE CARVALHO, 2006 online)²⁰.

A estrutura das redes, historicamente, surgiu com este caráter fluído e livre de instrumentos de regulação e ordenamento. O sistema de nós foi organizado de forma que não esteja condicionado a somente a um núcleo central, mas a partir de vários pequenos núcleos que fazem com que tenha uma grande penetração e tenha sido convertida, rapidamente, em um meio de comunicação. Mesmo para os pertencentes à cultura empresarial das redes, esta compreensão da descentralização é fundamental para que se possa estabelecer, por exemplo, algumas lógicas de consumo devidamente reorganizadas no ambiente informacional. Assim como afirma David R. Johnson, co-diretor do instituto de legislação sobre o ciberespaço nos Estados Unidos e um dos membros do *Digerati*, formado por nomes de grande influência na revolução da comunicação digital:

A verdadeira pergunta é qual deve ser a regra padrão. Deveria ter que se colocar algo em sua vitrine na internet, qualquer um deveria poder vê-la a menos que você a cubra com algum artifício técnico? Ou deveria seguir a regra tradicional do copyright que diz que todos têm que pedir permissão todas as vezes que fazem uma cópia? Está muito claro que a Web não poderia funcionar se não se seguisse como regra padrão a informação poder fluir livremente (JOHNSON R., 1996, online)²¹.

Esta “regra padrão” colocada por David Johnson é justamente o pensamento que acompanhou o desenvolvimento das redes. Se a informação não circular livremente, não há como buscar lugar neste ambiente. André Lemos, a partir de Ithiel de Sola Pool, coloca os novos media eletrônicos em uma condição de *tecnologias da liberdade* que “não se pode controlar o conteúdo, que colocam em questão hierarquias, que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o pólo da emissão não-centralizada” (LEMOS, 2004 p. 70). Identificamos certa contradição em pensar a estrutura das redes a partir de uma lógica comercial e globalizante enquanto discurso de dominação. No entanto, ver a web a partir deste quadro referencial que observa uma apropriação social da tecnologia e a compreensão de que era preciso fazer com que a informação fluísse livremente é mais correspondente com o que percebemos no cotidiano.

²⁰ Este fragmento é de uma dissertação de mestrado sobre a história da internet no Brasil. Disponível em <http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf> (acesso em 16/7/2007)

²¹ O texto do livro está disponível online em: <http://www.edge.org/documents/digerati/Contents.html> (acesso em 17/7/2007) Tradução minha do inglês. Texto original: “The real question is what the default rule should be. Should it be that if you put something in your store window on the Web, someone should be able to look at it unless you cover it up by some technical means? Or should it be the traditional copyright rule that says everyone has to get permission every time they make a copy? It's pretty clear the Web couldn't function if you didn't make the default rule that the information can flow freely.”

Por outra parte, a própria história da microinformática e das nanotecnologias, como co-responsáveis pelo surgimento das redes, também devem ser compreendidas neste contexto libertário. Conforme coloca Castells (2004 p. 78) e também Lévy (1993, p. 43), a microinformática criou uma “revolução dentro da revolução” ao fazer com que a informática dos grandes centros fosse direcionada paulatinamente para o nível pessoal, com a minimização das estruturas que partiu de pequenas empresas que nos anos 1970 desenvolveram os primeiros protótipos do computador pessoal e do microprocessador. Estas pequenas empresas foram, em sua maioria, fundadas por jovens advindos das universidades da Califórnia que, mesmo sob interesses mercadológicos, empregaram uma forma de trabalho mais pessoal e com base no método de construção do saber acadêmico: uma pesquisa prescinde de outras pesquisas, um saber é apoiado em outras construções do saber, de forma aberta. O microcomputador, pensado em nível pessoal, provavelmente não teria sido desenvolvido se sua lógica seguisse o pensamento industrial dominante da época que evocava grandes mecanismos tecnológicos (*mainframes*) como modelo. O que vimos foi o microcomputador ser construído a partir de múltiplos conhecimentos que se inter-relacionaram em uma vontade de apropriação e uso pessoal da técnica.

O microcomputador fora composto por interfaces sucessivas, em um processo de pesquisa cega, no qual foram negociados, aos poucos, acessos a redes cada vez mais vastas, até que um limite fosse rompido e a conexão fosse estabelecida com os circuitos sociotécnicos da educação e do escritório. Simultaneamente, estes mesmos circuitos começavam a se redefinir em função da nova máquina. A “revolução da informática” havia começado (LÉVY, 1993 p. 48).

Este desenvolvimento cego apontado por Lévy era motivado por desenvolvedores que viam em seus projetos não apenas um objetivo racional e funcionalista, mas uma vontade de *libertação* da tecnologia, de grandes modelos para pequenas apropriações. Nenhuma grande empresa alocada no desenvolvimento tecnológico viu o computador pessoal como o futuro da informática, ele se desenvolveu de forma marginal e por iniciativas de terceiros. Como é o caso de uma das primeiras iniciativas protagonizadas pela *Apple Computers* fundada pelos jovens Steve Jobs e Steve Wozniac na garagem de seus pais, no Vale do Silício. Os jovens transformaram a pequena empresa em uma mega corporação em muito pouco tempo. Como relata Castells (2004, p. 79) a Apple representa “uma saga verdadeiramente extraordinária que acabou se tornando uma lenda sobre o começo da Era da Informação”. Como já dissemos, esta explosão da microinformática teve sua motivação enraizada não apenas nas questões técnicas, mas a partir da efervescência de uma nova sensibilidade, de uma vontade de

socialização das informações inerente a um imaginário presente na época e que foi cunhado a partir dos ambientes acadêmicos e de um tipo específico de solidariedade de cooperação entre os jovens desenvolvedores de tecnologia. O advento da microinformática, em parte, pode ser compreendido pela via das movimentações sociais e reivindicações políticas deste momento. De outra forma, não seria possível que tivéssemos as redes com a estrutura aberta e os computadores provavelmente não estariam nas casas das pessoas: este olhar era demasiado ousado para os riscos calculados do capital das grandes empresas. Como mostra André Lemos (2001, p. 104), a mordida na maçã representada na logomarca da Apple significa uma reivindicação e apropriação dos computadores para as pessoas. O surgimento da microinformática teve uma pretensa libertária como seu principal motor:

Mais que simples inovações técnicas, o nascimento da microinformática (e da cibercultura) é fruto de movimentos sociais. Aqui parece uma nova lógica em relação às novas tecnologias “cede, em parte, o lugar a uma imagem lúdica, criativa e enriquecedora da informática”. A microinformática é uma invenção de radicais californianos, como explica Breton, tendo por meta lutar contra a centralização e a posse da informação (e, conseqüentemente, do destino da sociedade informatizada) pela casta científica, econômica, industrial e militar. Ela é resultado de dois adventos importantes deste fim de século, um técnico e outro sociocultural. (LEMOS, 2001 p. 105)

Outra idéia para pensar este tempo é a proposta por Georges Bataille em sua idéia de despesas improdutivas, perdas e excessos (apud LEMOS, 2005b online)²², onde a sociedade, para se desenvolver, precisa considerar um espaço para o excesso para o que não é produtivo. Esta “ousadia”, em pensar a informação de uma forma liberta e ter constituído tanto a microinformática quanto as redes com uma estrutura aberta, está situada no excesso denunciado por Georges Bataille: “Talvez vejamos aqui algo que seja inverso à lógica do capital e da acumulação econômica, que seja mais próximo da despesa improdutiva, do excesso e dos momentos efervescentes que dão vida a um corpo social.” (LEMOS, 2005 online)²³.

A internet não foi fruto de apenas uma iniciativa desde sua origem até sua estrutura atual, ela é a resultante de uma hibridação de diversos sistemas e de conhecimentos que foram se construindo coletivamente. Havia algo de incompreensível nas razões pelas quais os primeiros cientistas da informação deram um caráter descentralizado às redes, mas, por conta desta abertura é que houve sua franca expansão e o desenvolvimento crescente das tecnologias e dos protocolos de comunicação por computador. Retornando a história das

²² Disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=129&secao=espaco> (acesso em 12/6/2007)

²³ Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf> (acesso em 17/2/2007)

redes, trazemos à lembrança suas primeiras estruturas surgidas a partir do ano de 1962 com o surgimento de um projeto chamado de Arpanet, ligada à Darpa, um órgão do Departamento de Defesa dos Estados Unidos e, portanto, financiado pelo poder militar. A Darpa era uma iniciativa para estimular a pesquisa em comunicação interativa e tinha como premissa o financiamento da pesquisa em computação nos Estados Unidos. Como mostra Castells, o objetivo era que “os cientistas fizessem seu trabalho e esperar que algo interessante surgisse disto” (CASTELLS, 2003 p. 20). Os fins militares eram tidos como um segundo-plano e, ao contrário de outros projetos desenvolvidos pela Darpa, o estado americano não compreendia as razões pela qual a Arpanet foi desenvolvida, era um projeto misterioso e sem um propósito explícito para as autoridades, mas que os cientistas entendiam como uma utopia comunicacional:

A Arpanet principal fonte do que viria a ser afinal a Internet, não foi uma consequência fortuita de um programa de pesquisa que corria em paralelo. Foi prefigurada, deliberadamente projetada e subseqüentemente administrada por um grupo determinado de cientistas da computação que compartilhavam uma missão que pouco tinha a ver com estratégia militar. Enraizou-se um sonho científico de transformar o mundo através da comunicação por computador, embora alguns participantes se satisfizessem em simplesmente promover a boa ciência computacional (CASTELLS, 2003 p. 21).

Apesar de a maioria das versões sobre a internet enfatizarem apenas a importância da Arpanet para o surgimento das redes, ela não foi a única responsável pelo surgimento. Outras iniciativas foram decisivas para a constituição da *world wide web*. Uma destas era chamada de *bulletin board system* (BBS) um sistema de quadro de avisos que funcionava a partir da interconexão de computadores e representava uma das primeiras formas de comunicação online onde os usuários poderiam compartilhar mensagens e também trocar arquivos de dados. O software que permitia esta comunicação fora distribuído gratuitamente pelos seus inventores, Ward Christensen e Randy Suess em 1978. Mais tarde outro programador, com base na tecnologia, desenvolveu seu próprio programa de BBS chamado de Fido e criou a primeira rede de BBS's entre os computadores, a Fidonet (CASTELLS, 2003 p. 16). Outra rede importante para o surgimento da internet foi a Bitnet, criada em 1981 por Ira Fuchs e Greydan Freeman, com base em um protocolo chamado RJE da empresa IBM.

Pode-se dizer que a cultura hacker esteve presente na formação destas diversas redes que tinham em comum uma estrutura descentralizada de informações e constituída por diversos nós com ligações múltiplas entre os pontos. Com base em Lévy, Martins (2006, online) identifica três fases do desenvolvimento dos hackers.

A primeira atitude hacker da história acontece no final dos anos 1950, localizada no Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde se desenvolviam uma das mais avançadas pesquisas em computação do planeta através de grandes *mainframes* que ocupavam salas inteiras. A interface de programação eram os cartões perfurados e os desenvolvedores tinham de esperar dias para ver o resultado de seus experimentos, poucos deles tinha acesso direto à máquina. Criou-se uma geração de programadores que não se contentavam em manter distanciamento da máquina e desenvolviam projetos paralelos de uso que eram colocados em prática nos intervalos das atividades oficiais. Estes “projetos paralelos” eram chamados de *hacks*, logo quem os praticava eram os *hackers*. Como destaca Martins, destes experimentos saíram avanços como a máquina de escrever, a calculadora e os jogos de computador. Portanto, os experimentos militares, que eram as finalidades dos grandes computadores, disputavam espaço com as primeiras apropriações pessoais da informática, desenvolvidas pelos primeiros hackers que pouco se importavam em passar as madrugadas em trabalho, afinal “qualquer coisa que parecesse interessante ou divertida era adequada para a computação” (LÉVY apud MARTINS, 2006 online)²⁴.

A segunda fase de desenvolvimento da cultura hacker acontece em uma fase de turbulência histórica: a década de 1970. A sociedade americana vivenciava o ambiente da guerra do Vietnã, de um lado, e de outro o surgimento de inúmeros protestos e movimentos “contra culturais” vindos, especialmente, de estudantes e organizações juvenis. Temas que adormeciam foram suscitados como discussões de primeira ordem na agenda da sociedade americana, e também em outras sociedades, a exemplo da insurreição dos movimentos estudantis europeus e os processos ditatoriais latino-americanos com grandes conflitos sociais. Discussões sobre etnicidade, raça, sexualidade, liberdade de expressão e direitos civis rapidamente ocuparam as agendas das comunidades e dos veículos de comunicação. Neste meio, estavam os engenheiros e cientistas da computação de Berkeley, conforme observa Lévy (apud MARTINS, 2006 online), muitos deles procuraram combinar estas motivações libertárias de sua geração com a dinâmica do prazer da descoberta e do aprimoramento plantada a partir das primeiras iniciativas hacker. Com o pensamento de converter os grandes *mainframes* em computadores para uso pessoal, surgiram diversas experiências de microinformática e microeletrônica até que, comercialmente, no ano de 1975 é lançado o Altair, um computador incompleto, com o processador Intel 8080, que precisava de

²⁴ Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n52/10Cintra.pdf> (acesso em 17/7/2007)

desenvolvimento por parte de quem os adquiria. Uma primeira geração de hackers não hesitou em comprá-lo e logo formar, provavelmente, a primeira comunidade de desenvolvimento tecnológico colaborativo, a *Homebrew Computer Club* (HBB). As reuniões da HBB aconteciam para divulgação das principais descobertas tanto de hardware quanto de software.

Uma terceira fase se inaugura, quando, em atividade de franca programação, muitos hackers destinam seus esforços à programação dos jogos de computador que, por exigirem um esforço maior das máquinas, por conta da necessidade de plataformas gráficas e mecanismos mais complexos de programação. Muito do desenvolvimento tecnológico, tal como o conhecemos hoje, por exemplo, a partir das interfaces gráficas, tiveram seu embrião nesta fase. Um fato importante neste momento foi o início de uma apropriação comercial para os jogos, convertidas em vídeo-game que despertaram um grande interesse comercial sobre a cultura hacker. Conforme observa Pierre Lévy, este interesse comercial fez com que a cultura hacker perdesse, um pouco, sua força, já que muitos projetos aconteciam de forma isolada e sem a colaboração coletiva. O fato capital deste momento foi quando um jovem que havia escrito uma linguagem de programação para o Altair, em 1976, reivindicou o direito de cobrar pelo software. Seu nome era Bill Gates e escreveu uma carta chamada *Open Letter to Hobbyists* manifestando seu descontentamento com o retorno financeiro da programação, com a frase “mais diretamente, o que vocês [*hobbyists*] fazem é roubar”²⁵. Esta frase e o pensamento de Gates, de certa forma, representaram um divisor de águas no desenvolvimento de softwares, um modelo privado a partir das empresas que contratariam programadores para o desenvolvimento de programas proprietários. O código aberto, antes um instrumento de acesso ao conhecimento para os programadores, passou a ser um segredo industrial: os desenvolvedores passariam a assinar termos de responsabilidade e sigilo perante aos códigos que iriam desenvolver.

Mesmo o fato de este pensamento, como é do conhecimento comum²⁶, ter sido determinante para o desenvolvimento de programas proprietários, a prática do desenvolvimento colaborativo continuou existindo. Havia um sistema operacional de

²⁵ Tradução minha do original “Most directly, the thing you do is theft”. Bill Gates e seu parceiro Paul Allen sentiam-se mal remunerados sobre a programação que desenvolviam. Apesar de não ter tradução literal, *Hobbyists*, provavelmente era um termo utilizado para definir quem utilizava o computador como atividade lúdica, no caso os outros hackers que utilizavam seu sistema. A versão original da carta pode ser encontrada em http://www.digibarn.com/collections/newsletters/homebrew/V2_01/homebrew_V2_01_p2.jpg (acesso em 18/7/2007)

²⁶ Bill Gates continua como sócio majoritário da Microsoft que é a maior empresa de software proprietário do mundo. Seu principal foco são o Microsoft Windows, sistema operacional, e um pacote de aplicativos de escritório chamado Microsoft Office.

computadores chamado Unix, desenvolvido pelos laboratórios Bell e liberado as universidades para fins de pesquisa no ano de 1974. Esta então se tornou a linguagem oficial dos departamentos em ciências da computação das universidades. Apesar de ter o código aberto e permitir que os estudantes pudessem observar seu funcionamento, o Unix era um sistema proprietário. Cinco anos mais tarde, um grupo de estudantes em um congresso de informática desenvolveu um programa que permitia a comunicação entre computadores com o sistema Unix e o distribuiu gratuitamente em uma feira de informática. Estava formada a rede de usuários de Unix, chamada de *Usenet News*, que funcionava fora da estrutura da Arpanet, mas foi integrada posteriormente. A *Usenet News* foi o ambiente de formação do movimento do software livre, fundado por um programador do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) chamado Richard Stallman, em 1984, em oposição, entre outros acontecimentos, à postura dos laboratórios Bell que reivindicavam direitos de propriedade sobre o Unix. Stallman fundou uma organização chamada de *Free Software Foundation* (FSF) e o desenvolvimento de um projeto chamado de GNU, que representa *Gnu is Not Unix* (GNU Não é Unix) justamente em repudia a natureza proprietária do Unix. Stallman e sua organização instituíram um tipo de dinâmica chamada de *copyleft*, onde os programas deveriam essencialmente ser distribuídos livremente e também permitirem a possibilidade de modificação do código e redistribuição. Esta rede está presente até hoje, e, a partir das demais posturas identificadas com a cultura hacker é a que apresenta um dos posicionamentos mais radicais com relação à defesa da liberdade da informação. Uma forma de organização política e um sistema de crenças na liberdade presentes desde a formação destes grupos permitiram que o desenvolvimento colaborativo ganhasse mais adeptos e se desenvolvesse a ponto do desenvolvimento de um sistema operacional de características robustas presente em servidores e computadores pessoais. Um dos passos importantes para este desenvolvimento foi à contribuição de um programador finlandês chamado Linus Torvalds, que, tendo presente à dinâmica da colaboração, em 1991 desenvolveu o kernel que permitiu a franca expansão do software livre através de um sistema operacional chamado de GNU/Linux. Em um estudo antropológico sobre o software livre, Apgaua (2004, online)²⁷ descreve qual era a idéia de Torvalds nesta iniciativa do desenvolvimento colaborativo:

Perguntavam se ele queria que lhe enviassem 30 dólares, mas ele recusava. Embora sem grandes posses e com o seu PC comprado através de um financiamento de três anos, ele preferiu que, em troca, as pessoas enviassem cartões-postais, para saber onde elas estavam utilizando o Linux. Ele explica: "não estava apenas partilhando

²⁷ Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100010&script=sci_arttext (acesso em 18/6/2007)

meu trabalho para que os outros pudessem achá-lo útil; eu também queria *feedback* (tudo bem, e elogios). Não via razão para cobrar de pessoas que podiam de fato me ajudar a melhorar meu trabalho." (APGAUA, 2004 online)

Peter Kollock (2000, p. 231) coloca que o desenvolvimento colaborativo a partir da organização do software livre ocorre porque as pessoas colocam seu trabalho sobre um tipo de licença que permite ao desenvolvimento ser constantemente melhorado, e a certeza de que seus esforços contribuirão para um sistema apropriado e eles poderão consultar o código fonte a hora que quiserem para observar as modificações e melhoramentos e aprender com isso. O crédito para os avanços feitos pelos desenvolvedores é importante como o reconhecimento daqueles que contribuem para o bem coletivo. Castells (2003, p. 36) enuncia alguns valores presentes na cultura tecnomeritocrática como o reconhecimento pelo desenvolvimento tecnológico como valor supremo, relevância das descobertas para o campo como um todo, reconhecimento pelos pares da comunidade, o respeito é conseguido a partir de contribuições relevantes, as regras devem ser observadas e, o mais importante, o cerne do processo deve ser a fonte aberta dos programas que efetivamente propicia o desenvolvimento colaborativo.

As gerações anteriores, no MIT e na Califórnia, e a que se seguiu, a dos programadores de Software Livre ou de Código Aberto, tiveram na cooperação produtiva e na defesa da livre circulação da informação o cerne de sua atuação: sempre o empreendimento coletivo e sempre a existência de uma comunidade com a qual se partilha o conhecimento, com vistas à sua evolução (MARTINS, 2006 online)²⁸.

É bom salientar que, apesar de estarmos usando o software livre como exemplo principal deste desenvolvimento, este pensamento transita entre outros grupos da internet. A cultura hacker como o desenvolvimento colaborativo não estão limitados aos grupos que desenvolvem sistemas de informação ou programas. Há iniciativas de produção coletiva de conhecimento, como atividades de escrita colaborativa e de realização coletiva de produtos culturais como filmes e músicas²⁹ licenciados a partir de *copyleft*.

1.2.2 O desenvolvimento colaborativo e a cultura hacker

A partir de agora iremos fazer algumas relações entre a atividade do desenvolvimento colaborativo e o que podemos chamar de cultura hacker, com o objetivo de situar essas movimentações na cibercultura. É o momento de explicar o que compreendemos por cultura hacker e sua posição em relação às outras culturas da internet, conforme mapeou Castells (2003). Antes de falarmos em cultura hacker, precisamos compreender o conceito do termo

²⁸ Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n52/10Cintra.pdf> (acesso em 17/7/2007)

²⁹ Um exemplo disto é a licença Creative Commons (<http://www.creativecommons.org.br/>)

hacker a partir do senso comum e da definição contida nos textos do criador da ética hacker, Pekka Himanen (2001).

A palavra hacker tem sido largamente utilizada pelos veículos de comunicação desde a popularização da internet como o indicativo de um criminoso virtual que invade sistemas bancários e desvia recursos eletronicamente, ou como o indivíduo que cria mecanismos de pane nos sistemas informáticos como os vírus. No entanto, quando falamos em hacker, ou em cultura hacker, não estamos nos referindo ao perfil do criminoso ou do instaurador do caos digital, como define Lawrence Lessig, em seu livro sobre propriedade intelectual chamado Cultura Livre, “*hackear* é um verbo muito mais construtivo” (LESSIG, 2005 p. 196). Como podemos perceber no recorte histórico, os hackers estão presentes desde o início das redes telemáticas e da microinformática e são, em parte, responsáveis pela reivindicação libertária das informações e pelo desenvolvimento colaborativo perdurar desde o início da organização em rede. Há, reconhecidamente, um desvio de sentido na palavra hacker quando é utilizada pelo senso comum e também uma insuficiência do termo para a compreensão da transição do ambiente acadêmico para a estrutura horizontal das redes como nos mostra Castells:

Precisamos de um conceito mais específico de hacker para identificar os atores na transição de um ambiente de inovação acadêmica, institucionalmente construído, para o surgimento de redes auto-organizadas que escapam de um controle organizacional (CASTELLS, 2003 p. 38).

É curioso observar que algumas das principais referências sobre a cultura hacker têm uma origem empírica: alguns deles foram produzidos sem especificidade científica, no entanto, por conta de sua importância na própria comunidade do software livre, são amplamente citados em trabalhos acadêmicos e livros sobre os hackers. Um dos autores mais citados em textos acadêmicos que falam sobre o software livre (CASTELLS, 2003 p. 38; LAKHANI e WOLF, 2005, online³⁰; APGAUA, 2004 online³¹; SANTOS, 2002 online³²) é Eric S. Raymond, que se dedica a escrever sobre o desenvolvimento colaborativo. Raymond escreveu documentos importantes para a compreensão do desenvolvimento colaborativo como a proposta de seu modelo catedral/bazar para compreensão do modo horizontal de trabalho do software livre (bazar) com relação à cultura empresarial da internet e as grandes corporações de software

³⁰ Disponível em: <http://hacker.textfiles.com/papers/lakhaniwolf.pdf> (Acesso em 12/11/2007).

³¹ Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100010&script=sci_arttext (acesso em 18/6/2007)

³² Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/FranciscoCoelho.zip> . Acesso em 15/7/2007

(catedral). Outro (RAYMOND, 2001 online)³³ é destinado a mostrar indicativos de como se tornar um hacker e o que a cultura hacker significa. Raymond descreve as principais atividades do hacker, geralmente voltadas à programação, apesar de considerar que o termo possa ser usado em outras atividades, como a música e o conhecimento, de uma forma geral. O hacker é um sujeito que assume um sistema de crenças com a liberdade da informação e seu principal objetivo e a razão de seu trabalho é a solução de problemas, sendo que um problema nunca pode ser resolvido duas vezes, por isso o texto justifica a importância de partilhar as informações. A atividade de programar e de desenvolver soluções, segundo o texto, não deve ser uma relação de mero trabalho. O hacker tem “alegria” em desenvolver soluções e tem isso como um objetivo de vida:

Ser um ráquer (sic) é muito divertido, mas é o tipo de diversão que requer muito esforço. O esforço requer motivação. Atletas de sucesso conseguem motivação a partir de um tipo de prazer físico em trabalhar com seus corpos, em se esforçarem para ultrapassar seus próprios limites. Da mesma forma, para ser um ráquer, você deve ter um ardente desejo em resolver problemas, aperfeiçoar suas técnicas e exercitar sua inteligência. (RAYMOND, 2001 online)

Outra referência central em relação à cultura hacker é o do filósofo e antropólogo finlandês Pekka Himanen (2001) que após ter analisado diversos discursos dos grupos envolvidos com esta dinâmica, procurou traçar o que ele chamou de uma *ética hacker*. O autor protagonizou diversos estudos sobre a cultura hacker e os destinos da sociedade da informação. O mais famoso deles é um livro chamado *A ética do hacker e o espírito de era da informação*, onde apresenta um estudo sobre as motivações centrais da cultura hacker, Himanen coloca a paixão como a grande propulsora do desenvolvimento colaborativo. Uma alegria de sempre ter como objetivo a solução de um problema e a possibilidade de que alguma tecnologia possa ser otimizada.

O primeiro valor a guiar a vida de um hacker é a paixão, ou seja, algum objetivo interessante que move os hackers e que é fato gerador de alegria na sua realização. (...) Os hackers não organizam sua vida em termos de dias úteis rotineiros e continuamente otimizados, mas sim em termos de um fluxo dinâmico entre trabalho criativo e outros prazeres da vida, nos quais há também lugar para o ritmo. A ética de trabalho dos hackers consiste em combinar paixão com liberdade, e foi essa a parte da ética dos hackers cuja influência foi sentida com maior intensidade. (HIMANEN apud AMADEU, 2007 online)³⁴

O autor destaca também que mesmo com o capitalismo e a dinâmica mercadológica que rege o mercado da computação, muitos hackers ainda seguem o hackerismo original de colocar o retorno financeiro não como um bem em si mesmo, mas agregar valor no reconhecimento.

³³ Disponível em <http://jydm.freeshell.org/pt/raquer-howto/#believe4> (acesso em 18/6/2007)

³⁴ Disponível em http://www.hackerteen.com.br/material_etica_hacker22.php (acesso em 18/6/2007)

O percurso histórico feito até este momento servirá de apoio para compreendermos a relação da cultura hacker com a formatação de uma cultura mediada pelas tecnologias. A postulação libertária da microinformática e do surgimento das redes, na verdade, foram as grandes responsáveis pelo surgimento de uma sociedade midiaticizada a partir das redes telemáticas. Lemos (2001 p. 16) nos traz presente à idéia que “a cibercultura resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica”. Havia nas apropriações tecnológicas uma vontade inerente de fazer com que a técnica ficasse próxima ao homem. Quase todas as grandes revoluções tecnológicas da microinformática tiveram inclinações no sentido de estabelecer novas formas de comunicação, de converter a estrutura uma vez criada para os cálculos matemáticos em meios de socialização. Se trouxermos novamente o exemplo da Arpanet podemos perceber que a motivação da sua criação foi um tanto cercada de mistério de incompreensão do ponto de vista da cibernética wieneriana que postulava uma apropriação funcionalista da técnica, para uma apropriação simbólica da técnica, a exemplo do clássico de ficção científica *cyberpunk Neuromancer*, escrito em 1984 por William Gibson. Era outra forma de compreender esta relação, muito pautada pelo direcionamento do humano para a questão da técnica, uma humanidade que seria mediada pela tecnologia. Esta nova apropriação resulta evidentemente na convergência dos processos sociais ligados a socialização tecnológica. Quando falamos de cibercultura, microinformática e cultura hacker (ou software livre) evocamos este pensamento da união entre tecnologia e vida social: todas estas motivações partem de um mesmo referencial e um mesmo pensamento social, como nos mostra André Lemos:

Muito mais do que um simples fenômeno tecnológico, a cibercultura caracteriza-se por dinâmicas sócio-comunicacionais, em muitos aspectos, inovadora. A cibercultura contemporânea é fruto de influências mútuas, de trabalho cooperativo, de criação e de livre circulação de informação através dos novos dispositivos eletrônicos e telemáticos. É nesse sentido que a cibercultura vai trazer à baila uma cultura baseada na metáfora do copyleft (LEMOS, 2005 online).

Estas dinâmicas sócio-comunicacionais nos permitem pensar a cibercultura como este conjunto de intenções para a apropriação da técnica que resultaram nas formas de mediação pelas redes telemáticas. Podemos perceber que a cultura hacker e as comunidades de software livre estão situadas neste processo de convergência tecnológica. O espírito libertário da informação, na verdade, pode ser considerado como uma vontade de apropriação humana da técnica e um conjunto de tentativas de exercício de poder sobre a informação.

2. A IDENTIDADE CULTURAL EM QUESTÃO

A partir deste momento iremos discutir o tema da identidade cultural como uma reflexão necessária ao andamento deste projeto. Partindo de algumas revisões teóricas sobre este tema, vamos procurar trazer para a discussão a concepção de identidade cultural, que será amplamente utilizada neste projeto de pesquisa, e também algumas reflexões que não podem ser dissociadas desta questão. A partir do pensamento contemporâneo das ciências da comunicação, e das ciências sociais como um todo, é notável a emergência da discussão das identidades como uma pauta necessária para compreensão das temáticas sociológicas do final do século XX. Sendo constituído como um tema historicamente recorrente na reflexão filosófica, sociológica e antropológica, este assunto, em tempos de crise, assume certa centralidade na análise de muitos autores, a exemplo de Castells (2005) que dedicou um dos volumes de sua trilogia denominada *A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura* à questão das identidades no panorama evidenciado pela configuração da “sociedade em rede” como ele próprio denomina no primeiro volume.

Como um assunto evidente, a identidade é observada a partir de diferentes prismas. Algumas abordagens, como a de Sherry Tuckle (1997), utilizam a perspectiva da identidade pessoal, do nível psíquico das identidades e das subjetividades modernas, como um dos caminhos para a discussão do termo uma “reflexividade da modernidade que se estende ao núcleo do eu” (GIDDENS, 2002 p. 37). Outros têm uma perspectiva de discussão que envolve a idéia de uma identidade coletiva ligada a sistemas culturais específicos (WOODWARD, 2000). Nesta perspectiva a identidade é compreendida como culturalmente formada e, por sua vez, está ligada a discussão das identidades coletivas, como as identidades regionais e nacionais e outras que formam “quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real” (HALL, 1996 p. 68). Nesta perspectiva afirmam-se alguns autores como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Douglas Kellner, Néstor García Canclini, dentre outros que compreendem o caráter de representação coletiva e da identidade como um conjunto de significados partilhados. No entanto, não colocamos estas duas posições em oposição, pois há uma forte relação entre o subjetivo e o coletivo na vivência das identidades como demonstra Woodward (2000, p. 15). Na verdade elas exercem uma interdependência e sua função social: o nível coletivo das identidades culturais está diretamente relacionado com o nível das escolhas pessoais e subjetivas. Esta distinção é necessária para que especifiquemos a opção deste projeto de

pesquisa em integrar o caminho das identidades culturalmente formadas, portanto das identidades culturais em sua perspectiva coletiva, como exemplo o que Benedict Anderson compreendeu como “comunidades imaginadas”.

Nossa opção teórica para a compreensão das identidades culturais passa pela trajetória dos estudos culturais que, particularmente, assumiu este tema como um dos eixos centrais em seu horizonte de pesquisa, a partir do surgimento de pesquisas que envolveram temas como raça, etnicidade e a discussão do moderno/pós-moderno, como demonstra Escosteguy:

Essa perspectiva [a da identidade cultural] passa a ser evidente, sobretudo como resultado da influência de reflexões em torno de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo, entre os mais importantes, dentro do espectro dos estudos culturais. (ESCOSTEGUY, 2001 p. 139)

Falar de identidade cultural evoca a abordagem não apenas de sua compreensão como conceito, mas também de outros temas que estão fortemente ligados a esta questão e que permitiram que a identidade cultural fosse observada como categoria central de análise. Como não poderíamos deixar de relacionar nossa discussão com algumas destes assuntos, primeiramente iremos discutir o conceito de identidade cultural a partir da visão de alguns dos autores e relacionar este tema com duas questões definidas a partir da proximidade com nosso objeto de estudo. Iremos delinear também outros temas pertinentes a questão das identidades como o panorama de crise da modernidade/pós-modernidade, a relação da identidade cultural com a globalização, de forma específica à questão do global/local.

2.1 O conceito de identidade cultural

Para compreendermos sobre o que estamos falando quando nos referimos à identidade cultural precisamos compreender, de forma breve, como este conceito chegou a ser discutido tal como o percebemos na contemporaneidade. Um termo que não pode ser eximido desta compreensão é um panorama de “crise das identidades” identificado por boa parte dos autores revisados para esta pesquisa. A discussão da identidade cultural emerge sobre um panorama agonístico onde as certezas plantadas no mundo cartesiano foram profundamente questionadas, paulatinamente, durante todo o período moderno. Vivemos um tempo de um sujeito de identidades fragmentadas e múltiplas que põe em questão uma série de certezas firmadas.

Desta forma, a identidade na modernidade tornou-se crescentemente problemática e o assunto da própria identidade tornou-se por si só um problema. De fato, somente em uma “sociedade em crise” poderiam os problemas de identidade pessoal, ou auto-identidade, tornarem-se preocupações e assuntos de debate (KELLNER, 1992 p. 143)³⁵.

Como demonstra Kellner, a identidade é um conceito que está localizado sobre um problema. Assim como demonstram também outros autores como Hall (2002, p. 9), Bauman (2005 p. 22), Gomes (2004 p. 211) e Martín-Barbero (2005 p. 288). Esta idéia é fundamental para compreendermos o que a identidade cultural representa, já que este panorama de crise de legitimação das narrativas faz com que elas tenham hoje uma nova configuração que permita a vivência de diversas identidades culturais e não apenas um conjunto de referências estáveis. Falar em identidade cultural então é compreender um tempo de mudança onde o moderno pode coabitar com o tradicional a comunidade pode coabitar com a sociedade, não há uma anulação de uma modalidade antiga para a substituição de outra e sim uma realidade que permite que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e estas possam ser vivenciadas concomitantemente pelos agentes sociais. Mesmo com a concepção de um significado partilhado nas comunidades imaginadas não há como compreender esta vivência de forma essencializada. A partir da compreensão de Brunner (1991 p. 25) moderno e tradicional “coexistem como princípios antagônicos das modalidades culturais, umas em extinção e outras em perpétua renovação”.

Um dos principais autores a discutir o conceito de identidade dentro dos estudos culturais é Stuart Hall, que, a partir da reflexão de sua própria experiência como migrante, iniciou a reflexão em torno da raça, a partir do final dos anos 1970. A partir deste início ao longo dos anos 1980 o autor ampliou a discussão para a etnicidade. O texto *A contribuição de Gramsci para os estudos de raça e etnicidade*, de 1985 (HALL, 2003), é um dos expoentes deste momento de pesquisa, onde o legado teórico do pensador marxista foi reapropriado para a compreensão das questões raciais e étnicas. Ainda dois textos podem ser destacados para o estudo da raça e etnicidade: *The Minimal Selves*, de 1987, e *New Ethnicities*, de 1989. O primeiro deles é o primeiro relato autobiográfico do autor, onde são apontados alguns balizamentos para a posterior teorização sobre a identidade cultural. Nos anos 1990, Stuart Hall inicia efetivamente a teorização sobre identidade cultural com os textos *Identidade*

³⁵ Tradução minha do inglês. Texto original: “In these ways, identity in modernity becomes increasingly problematical and the issue of identity itself becomes a problem. Indeed, only in a society anxious about identity could the problems of personal identity, or self-identity, or identity crises, arise and be subject to worry and debate.”

Cultural e Diáspora (1996) e *Quem precisa de identidade?* (2000). Escosteguy (2001, p. 141) identifica duas razões para o surgimento da identidade cultural como objeto de pesquisa nos estudos culturais: (1) a desestabilização gerada pela modernidade e a discussão do panorama de crise moderna e (2) os processos de globalização que se intensificaram a partir desta última década do século XX.

Em *Identidade Cultural e Diáspora* que Stuart Hall delimita um posicionamento sobre as identidades culturais. Apoiado sobre uma perspectiva discursiva, ele desenvolve um ensaio tendo como tema o cinema caribenho e o novo reconhecimento do povo do Caribe como negro, a descoberta de uma nova identidade a partir do tempo pós-colonial. Este ensaio, assim como boa parte de sua obra, a exemplo da entrevista concedida a Kuan-Hsing Chen, *A formação de um intelectual diaspórico* (HALL, 2003), é bastante marcado por sua trajetória pessoal como jamaicano e esta reconstituição da identidade cultural caribenha é desenvolvida por ele a partir deste olhar particular. O que favorece sua análise, pois permitiu não apenas a teorização, mas a vivência da experiência diaspórica, e, no caso deste artigo, o reconhecimento do território caribenho. Mas o que nos interessa nesta produção é o pensamento que o autor desenvolve acerca da identidade cultural. Hall agrega ao termo diversos aspectos que serão, a partir daí, amplamente discutidos no espectro dos estudos culturais. De forma primordial ele desenvolve a idéia que a identidade cultural pode ser vista a partir de dois enfoques: uma primeira concebe uma *cultura partilhada* que congrega os sujeitos sob uma mesma identificação. A condição unificadora dos discursos a qual esta primeira concepção esta posta, no entanto, apesar de racionalizar um quadro de referências fixas, tem de acordo com Hall um papel fundamental no surgimento de movimentos sociais e expressões raciais, étnicas e de gênero como o feminismo, o movimento de resistência negra e outras representações sociais que necessitam de referências fixas como condição de sua existência. De forma que não devemos desprezar o papel da identidade cultural sob uma perspectiva unificadora como condição de existência de comunidades imaginadas. Em outro texto chamado *Quem é esse negro na cultura negra?* Hall postula a necessidade de certa medida de unificação dos discursos identitários para que a questão racial pudesse ser conhecida tal qual a conhecemos:

Tenho a impressão de que, historicamente, nada poderia ter sido feito para intervir no campo dominado da cultura popular mainstream, para tentar conquistar algum espaço lá, sem o uso de estratégias através das quais aquelas dimensões fossem condensadas no significante “negro”. Onde estaríamos, conforme bell hooks comentou certa vez, sem um toque de essencialismo ou sem o que Gayatri Spivak chama de essencialismo estratégico, um momento necessário? (HALL 2003, p. 344)

O outro caminho para compreensão de identidade cultural traz uma perspectiva que, apesar de parecer ambivalente, como o próprio autor diz, têm relação com a necessidade da formação de quadros de referência. Ao mesmo tempo em que as semelhanças estabelecidas nas referências fixas têm a função de formatar a identidade cultural, também às diferenças têm um papel preponderante nos sistemas de representação coletivos. A diferença então é apontada aí como uma categoria central na constituição das identidades culturais que não tem a significação de uma simples oposição binária, mas uma posição mais complexa a partir da categoria derridiana da *différance*. Assim, o sentido da diferença nas identidades nunca está completo, não se encerra em oposições fixas, mas ao invés disto permite que a identidade cultural esteja sempre aberta para “outros sentidos adicionais e suplementares”. A partir da concepção de Woodward (2000, p. 54) a diferença exerce a função de “sistemas classificatórios” que permitem a construção de fronteiras simbólicas entre as diferentes comunidades imaginadas. Esta diferença faz com que, através de uma oposição, aparentemente, binária herdada do estruturalismo saussureano, os grupos possam estabelecer parâmetros e referenciais para seu próprio reconhecimento.

Há uma relação de interdependência entre a necessidade da formação de quadros de referência e posições baseadas na diferença que imprimem um caráter mais aberto à formação das identidades culturais. A partir disto, Hall define as identidades culturais desta forma:

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um *posicionamento*. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental (HALL, 1996 p. 70).

Esta compreensão das identidades culturais como um *posicionamento discursivo* é então um caminho que não encerra o conceito em uma concepção, não estabelece binarismos, mas compreende uma relação entre os quadros de referência formados no interior dos discursos e o construtivismo que compreende a identidade cultural através da diferença e em uma relação dialógica e não-definitiva. Temos então duas posições que sempre estão em jogo na discussão das identidades culturais: uma que “organiza” as identidades em um quadro de referência mais ou menos estável e outra que estabelece uma relação dialógica com o conceito colocando-o a partir da perspectiva das diferenças e da formação da identidade cultural a partir de relações de conflitos e negociações.

Outro autor que discute o conceito de identidade cultural é o chileno Jorge Larrain³⁶ que, assim como Stuart Hall, tem sua trajetória de pesquisa ligada a formação dos estudos culturais britânicos. Para o autor a identidade cultural também é vista a partir desta relação entre a formação dos quadros de referência e o construtivismo, no entanto, ele reivindica uma terceira categorização com base nas duas primeiras chamada de “histórico-estrutural”:

O construtivismo enfatiza a construção discursiva do caráter da identidade e, portanto, sua abertura para qualquer mudança de identidade. Para estes eu deveria adicionar ainda uma terceira posição intermediária que, na falta de um nome melhor, eu chamei de histórico-estrutural (LARRAIN, 2000 p. 37)³⁷

Para Larrain, a posição essencialista tem uma postura de “naturalização” da cultura e assume uma perspectiva desconectada historicamente que “constrói o passado com uma essência imutável”. A posição construtivista, na visão do autor, recebe a crítica de ter uma postura excessivamente discursiva de se ater aos textos e a capacidade do discurso de construir as comunidades imaginadas e se descuida de outras práticas e vivências sociais. Já a posição histórico-estrutural proposta pelo autor “deseja estabelecer um equilíbrio entre as posições anteriores” (LARRAIN, 2003 p. 40) e concebe tanto a identidade como algo que está plenamente em construção e reconstrução assim como considera a identidade como um processo discursivo público que vê as práticas cotidianas dos agentes sociais e uma interação recíproca entre a esfera pública e a privada. Podemos perceber que Larrain não exclui da concepção de identidade uma posição, de certa forma, estruturalista ao considerar as condições históricas e sociais dos sujeitos.

Outro olhar sobre a discussão das identidades culturais é a compreensão de Denis Cuche que, igualmente faz um paralelo entre as duas posições vistas até aqui, apesar de compreender sobre nomes diferentes, e relaciona estes posicionamentos com a noção de cultura sob a qual estamos falando que tem uma relação direta com a identidade. Para ele, a cultura “pode existir sem a consciência de identidade” (CUCHE, 1999 p. 176), porém uma identidade cultural, evidentemente não pode existir sem um sistema cultural. A identidade cultural, por sua vez, é compreendida através de processos conscientes de vinculações (normas) classificados por oposições binárias ao passo que a cultura é um processo

³⁶ Jorge Larrain foi diretor do Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham, no Reino Unido, berço dos estudos culturais britânicos.

³⁷ Tradução minha do inglês. Texto original: “Construtivism emphasizes the discursively constructed character of identity and therefore its openness to any change, of identity. To these I should add a third, intermediate position, which for lack of a better name I call historical-structural.”

inconsciente. A noção de identidade, portanto, é relacionada à noção de cultura que determina o essencialismo ou o construtivismo:

Há uma estreita relação entre a concepção que se faz de cultura e a concepção que se tem de identidade cultural. Aqueles que integram a cultura como uma “segunda natureza” que recebemos de herança e da qual não podemos escapar, concebem a identidade com um dado que definiria de uma vez por todas o indivíduo e que o marcaria de maneira quase indelével. (...) Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada como determinante, mas na herança cultural, ligada a socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural (CUCHE, 1999 p. 179).

Já Zygmunt Bauman, a partir de seu pensamento sobre a “modernidade líquida”, percebe uma ambigüidade entre as duas concepções identitárias. A liquidez da modernidade tardia enunciada por ele, ou até mesmo a vivência de um tempo pós-moderno postulado por autores como David Harvey, Frederic Jameson e outros, confere aos sujeitos uma posição agonística de “mal-estar” que não deixa à vontade para compreender uma identidade cultural fragmentada que estabeleça uma posição dialógica de abertura e constante transformação:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005 p. 35).

Bauman deixa claro um posicionamento em que as identidades culturais operam a partir de um panorama de crise e dúvida. O autor explora de forma mais abrangente esta perspectiva agonística das identidades e a partir de seus posicionamentos consegue distinguir em diversos momentos uma postura essencialista que, a partir da discussão das identidades nacionais, está em colapso e uma concepção fragmentária de identidade excessivamente calcada no presenteísmo e em concepções efêmeras advindas da “modernidade líquida”.

Douglas Kellner, a partir de seu estudo *A cultura da mídia* tem a proposta de, entre outros objetivos, observar como as identidades são constituídas no pós-moderno. O autor faz a análise a partir de alguns textos midiáticos presentes em propagandas, filmes e programas de televisão para observar como é o desdobramento das identidades culturais a partir desta cultura midiática. Kellner estabelece uma oposição clara entre essencialismo e construtivismo e considera nossas duas perspectivas de análise a partir do tempo moderno e coloca que o

essencialismo tem sido rejeitado pelas teorias pós-modernas que estão encarregadas de problematizar o construtivismo (KELLNER, 2001 p. 298). A grande questão para o autor é compreender se a identidade é fundamentalmente diferente no tempo pós-moderno e se é possível, efetivamente, estabelecer uma diferença entre estes dois tempos. A partir deste estudo, percebemos a opção pela concepção construtivista de identidade cultural que se encontra plenamente aberta às influências da mídia, de forma particular:

É assim que a propaganda, a moda, o consumo, a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando identidades e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluidas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo. No entanto, também vemos em funcionamento os implacáveis processos de mercadorização. A segmentação do mercado em diversas campanhas e apelos publicitários reproduz e intensifica a fragmentação, desestabilizando as identidades às quais os novos produtos e as novas identificações estão tentando devolver estabilidade (KELLNER, 2001 p. 329).

Há aí a ambigüidade de, em meio à fragmentação, recuperar os quadros de referências calcados na perspectiva estável das identidades. No entanto, este referencial é reconstruído no mesmo ambiente em que se opta por uma concepção radicalmente construtivista da identidade cultural.

A partir de uma perspectiva dos estudos culturais latino-americanos observamos a contribuição de Néstor García Canclini para a discussão da identidade cultural. Partindo de uma extensa obra dedicada à discussão da cultura no espaço latino-americano a concepção de García Canclini com relação às identidades culturais, vem, eminentemente, através de sua concepção de hibridismo cultural convertida “em modelo explicativo da identidade” (ESCOSTEGUY, 2001 p.171). Esta perspectiva faz parte de outras discussões presentes na obra do autor, entre elas a discussão da possibilidade, ou não, de uma identidade cultural comum aos povos da América Latina. A partir desta perspectiva, Garcia Canclini, a partir de *Diferentes, Desiguais e Desconectados* (2006), sua mais recente obra, propõe a compreensão não de uma identidade cultural, mas de um *espaço sociocultural latino-americano* onde estão inseridas as diversas identidades culturais:

Ao trabalhar com a multiculturalidade contida na América Latina, com os enfoques e os interesses em confronto, perde força a busca de uma “cultura latino-americana”. A noção pertinente é a de um *espaço sociocultural latino-americano* no qual coexistem diversas identidades e culturas. (GARCIA CANCLINI, 2006 p. 174)

Sua obra é marcada pelo trânsito entre diversas temáticas para discussão da cultura, passando pela sociologia a antropologia e a comunicação. O tratamento dado à identidade

cultural latino-americana, desta forma, encontra-se colocado sobre diversos eixos temáticos como a vivência da modernidade/pós-modernidade de forma específica na América Latina, a questão do consumo, estudos sobre práticas culturais entre outros. Em *Consumidores e Cidadãos* (2005), García Canclini realiza um estudo sobre a globalização e a ressignificação do consumo nas sociedades globais e o papel das indústrias culturais no processo de representação dos povos latino-americanos, sobretudo o papel dos textos midiáticos quando assumem a função de narrar historicamente as nações e assim contribuírem para a formação das comunidades imaginadas em torno de identidades culturais específicas. Nesta obra ele também aborda a identidade cultural a partir de nossas duas concepções: de uma realidade de referência fixa colocada, sobretudo, pelas identidades nacionais até a necessidade de uma rediscussão das identidades culturais face à postulação do tempo pós-moderno, embora a franca utilização deste termo cause certo incômodo ao autor (GARCÍA CANCLINI, 2005 p. 45). Essencialmente, a partir deste pensamento, García Canclini compreende a identidade cultural de uma forma mais construtivista. Para ele as identidades puramente essencialistas relegam a partilha por uma “entidade espacialmente delimitada” de caráter tradicionalista. Ao passo que uma concepção construtivista de identidade cultural, partindo de uma realidade multicultural (intercultural), deve ser compreendida tal como “uma construção imaginária que se narra”:

A identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra. A globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentam a ilusão de identidades a-históricas e ensimesmadas (GARCÍA CANCLINI, 2005 p. 117).

Outro ponto importante que podemos ressaltar na trajetória teórica do autor é o amadurecimento do termo multicultural para uma posição de interculturalidade (GARCÍA CANCLINI, 2006 p. 17). No primeiro momento, o que havia era um panorama de diversidade de culturas, propondo “políticas relativas de respeito”. Já na interculturalidade a compreensão não fica apenas na imbricação das culturas, mas considera os diversos tensionamentos e espaços de negociação e conflito aos quais as culturas estão colocadas. Esta posição é reafirmada na introdução a edição de 2001 de *Culturas Híbridas* (GARCÍA CANCLINI, 2006b p. XXIII).

Outra contribuição relevante para a discussão das identidades culturais no contexto latino-americano é o pensamento de Jesús Martín-Barbero, que assim como García Canclini, ocupa uma posição central nos estudos culturais latino-americanos (ESCOSTEGUY, 2001 p.

17). Em 1978 o autor propõe uma nova forma de pensar a comunicação no contexto latino-americano onde o pensamento de lógicas polarizadas dos anos 1970 que compreendiam a comunicação como um grande discurso de dominação para a dominação como um processo de comunicação. A partir desta inversão de sentido e pelo seguimento de sua trajetória teórica, a partir de uma de suas mais importantes obras, *Dos Meios às Mediações*, escrita em 1985, que o autor propõe uma revisão do olhar que era lançado sobre a prática comunicacional. Em essência essa mudança partiu de uma percepção excessivamente focada na análise textual para a complexidade do processo comunicacional, considerando como estes textos eram utilizados na prática cotidiana dos agentes sociais (mediações). A partir daí Martín-Barbero propôs um resgate da ação dos sujeitos no processo e sua obra contribui, por exemplo, para que se pudesse complexificar o processo de recepção, considerar os receptores na comunicação. A importância disto para nossa discussão das identidades culturais é justamente o reconhecimento destes agentes sociais e suas vivências, práticas populares, nos processos de comunicação. A partir deste enfoque, ante uma análise calcada somente nos textos midiáticos, observa-se que o processo comunicacional infere novos modos de as pessoas estarem juntas, “admitindo, então, que isto têm uma estreita relação com o encarar dos meios de comunicação como espaços de constituição das identidades e como espaços de conformação das comunidades” (ESCOSTEGUY, 2001 p. 159). As reflexões sobre as identidades culturais colocadas em *Dos Meios às Mediações* compreendem um espaço “de multiplicidade de temporalidades” a partir da mestiçagem dos povos latino-americanos:

A descontinuidade que tentamos pensar aqui está situada em outra chave, que nos permite romper tanto com um modelo a-histórico e culturalista quanto com o paradigma da racionalidade acumulativa em sua pretensão de reunir em um só tempo as diferentes temporalidades sócio-históricas. Para poder compreender tanto o que o atraso [da modernidade tardia] representou em termos de diferença histórica, mas não num tempo detido, e sim relativamente a um atraso que foi historicamente produzido (crianças que morrem diariamente por desnutrição, milhões de analfabetos, déficit de calorias básicas na alimentação das maiorias, quedas nas expectativas de vida da população, etc.), quanto o que apesar do atraso existe em termos de diferença, de heterogeneidade cultural, na multiplicidade de temporalidades do índio, do negro, do branco e do tempo recorrente de sua mestiçagem (MARTÍN-BARBERO, 2003 p. 227).

Esta descontinuidade percebida através da vivência deficitária da modernidade nos países (em menos de um século passamos de uma sociedade rural para a industrialização às vésperas da pós-industrialização) permite compreender o caráter aberto da identidade cultural na América Latina, que precisa, necessariamente, sustentar uma estrutura aberta para compreender estas múltiplas temporalidades mencionadas por Martín-Barbero. Neste contexto as identidades

nacionais e regionais necessitam abarcar sobre suas comunidades imaginadas várias identidades culturais em diversas configurações de tempo e espaço.

No seguimento de sua trajetória teórica destacamos a reflexão feita em *Ofício de Cartógrafo* (2005) que, a partir de novas reflexões, compreende a identidade como uma *representação da diferença* ligada ao mercado.

A identidade local é assim levada a se transformar em uma representação da diferença que se possa fazê-la comercializável, ou seja, submetida ao turbilhão das colagens e hibridações que impõe o mercado (MARTÍN-BARBERO, 2005 p. 268).

A partir de uma relação com o pressuposto político-econômico, podemos observar que Martín-Barbero considera um caráter de hibridação e colagem às identidades o que evoca uma condição construtivista, de vivência aberta das identidades culturais.

Como última referência sobre a discussão do conceito de identidade cultural, destacamos a abordagem de Manuel Castells no segundo volume de sua trilogia sobre a sociedade pós-industrial intitulado *O Poder da Identidade*. A partir de sua posição clara de não pretender em sua obra uma extensa revisão bibliográfica sobre os assuntos do livro e ter uma dedicação maior ao trabalho com os dados empíricos (CASTELLS, 1999 p. 19). Baseado nessa premissa o autor traz uma reflexão sobre o caráter múltiplo e fragmentário da identidade e, empiricamente, identifica que uma identidade, cultural ou individual, pode sustentar múltiplas identidades (CASTELLS, 1999 p. 22). No entanto o autor faz uma distinção entre identidades e papéis sociais (trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, freqüentador de uma determinada igreja e fumante, para utilizar os exemplos citados por ele), no sentido de os últimos estabelecerem uma relação de segunda ordem com as identidades, já que “a importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre indivíduos e essas instituições e organizações”. Já as identidades “constituem fontes de significados para os próprios atores”. Partindo daí, Castells propõe três categorizações de identidade construídas a partir de relações de poder, que sinteticamente apresentamos agora: (1) identidade legitimadora, com um caráter essencialista, instituída pelas instituições dominantes, (2) identidade de resistência, que seriam as entidades de certa forma essencializadas que representam os grupos contra-hegemônicos e (3) identidades de projeto, que é propriamente a perspectiva construtivista das identidades onde os atores “constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade. O autor concorda com uma perspectiva construtivista, de forma geral:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social. (CASTELLS, 1999 p. 23).

Apesar de o autor ter apresentado reflexões que contribuem para nossa reflexão sobre a identidade cultural, temos algumas ressalvas quanto ao posicionamento de Castells com relação aos papéis sociais que, em nossa opinião, podem constituir identidades culturais próprias. Muitos dos exemplos citados por ele podem constituir fontes de significados para os atores sociais que representam estes papéis. Hall (2002 p. 32) a partir da perspectiva de Erving Goffman, psicólogo social que em 1959 desenvolveu um estudo sobre representações sociais na vida cotidiana, considera a vivência dos papéis sociais como um processo de descentramento da concepção essencialista de identidade cultural. Consideramos que a vivência de diferentes papéis sociais possa significar, muitas vezes, a vivência de múltiplas identidades culturais.

2.2 Identidade cultural e a discussão da modernidade

A discussão do colapso moderno e a postulação, por parte de alguns autores, de uma sucessão pós-moderna não poderiam ser deixados de lado desta revisão sobre identidades culturais. Por conta de toda a trajetória de discussão deste conceito está intimamente ligada a questão das identidades, que, em tempos de crise, são as grandes “responsáveis” pelo mal-estar causado pelo questionamento de um tempo moderno. Este assunto, na verdade, traz consigo um grande potencial de discussão e tensionamentos teóricos entre os que acreditam que estamos postulando o surgimento de um novo tempo, para dar conta de todos os descentramentos possíveis, e aqueles que consideram incômoda a necessidade de delimitar uma nova etapa. Seja qual for a posição dos autores o que é consensual nesta discussão é um panorama de crise das estruturas modernas. A falência das grandes narrativas da modernidade, como, por exemplo, a imagem de um estado (de bem-estar social) protetor dos agentes sociais (BAUMAN, 2005 p. 50), é um dos grandes sinais deste tempo de tensionamento e o que impele, em boa parte dos estudos as reflexões sobre este tempo. Um dos autores mais proeminentes nesta discussão é David Harvey e sua obra *A Condição Pós-*

Moderna. Longe de uma posição integrada à transformação total em um novo tempo, em oposição ao moderno, ele identifica esta desestabilização essencialmente como uma “mudança de sensibilidade” uma possibilidade de colocar este tempo sob discussão:

A maioria, acredito, concordaria com a declaração mais cautelosa de Huysens (1984): O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o termo "pós-moderno" é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis. Não quero ser entendido erroneamente como se afirmasse haver uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica: qualquer alegação dessa natureza seria um exagero. Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, na prática e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente (HARVEY, 1992 p. 45)

Essa notável “mutação na sensibilidade e nas formações discursivas” também foi percebida a partir de outros autores como Jean François Lyotard com sua obra homônima a de Harvey. Lyotard foi um dos primeiros autores a identificar a vivência de um tempo pós-moderno como um problema de “legitimação do saber” (LYOTARD, 2004 p. 13). Neste panorama as estruturas que endossavam o conhecimento e referenciavam o mundo moderno entram em crise por terem o papel legitimador e indexador que ostentavam desde o século das luzes até a era pós-industrial. O que há então é uma estrutura baseada em “jogos de linguagem” a qual as linguagens podem ser manipuladas “exatamente como um jogo de xadrez se define como um conjunto de regras que determinam as propriedades das peças, ou o modo conveniente de deslocá-las” (LYOTARD, 2004 p. 17). Nesta perspectiva, evidentemente, o sujeito moderno, com sua estrutura legitimada a partir das diversas posições identitárias, também acompanha a crise enunciada por Lyotard³⁸. Tendo escrito a *Condição Pós-Moderna* em 1979, Lyotard antecipa um pouco a discussão sobre as identidades neste novo panorama:

O *si* mesmo é pouco, mas não está isolado, é tomado numa textura de relações mais complexas e mais móvel do que nunca. Está sempre, seja jovem ou velho, homem ou mulher, rico ou pobre, colocado sobre os “nós” dos circuitos de comunicação (LYOTARD, 2004 p. 28).

Esta relação das identidades com a comunicação, apontada por Lyotard é observada também por Harvey (1992 p. 53). Fazemos uma nota para salientar que esta figura do homem de relações mais complexas e mais móveis do que nunca, foi preconizada na literatura a partir da figura do *flâneur*, idealizada a partir de Charles Baudelaire, poeta francês do século XIX que

³⁸ Esta trajetória de “desconstrução do sujeito moderno” é reconstruída através de Hall (2002).

escreveu *O pintor da Vida Moderna*. Esta obra foi refletida por Walter Benjamin (1994) que observou a figura do *flâneur* face ao capitalismo moderno. Nas palavras de Baudelaire o *flâneur* era “um caleidoscópio dotado de consciência que, em cada um dos seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça móvel de todos os seus elementos” (BAUDELAIRE, 1993 p. 18). Pode-se perceber neste desejo de estar na multidão, uma configuração nova de sujeito que “representa a vida múltipla”. A figura do *flâneur* é amplamente utilizada para a discussão do fim do tempo moderno por diversos autores como Hall (2002), Martin-Barbero (2005) e García Canclini (2005). Marc Augé (1995 p. 36) compreende a problematização da condição pós-moderna sugerida por Lyotard como uma iniciativa que “deixa margem para a ação individual”. O sujeito antes preso às estruturas legitimadoras da sociedade agora tem espaço para desenvolvimento de suas próprias ações e é livre para construir os seus próprios referenciais.

Para Kellner a condição pós-moderna das identidades assume uma condição deliberadamente fragmentada. Os sujeitos são regidos por uma condição de histeria e romperam completamente com a idéia de identidade moderna. Assim não apenas os sujeitos são descentrados, mas também a variedade de textos midiáticos presentes no cotidiano, desde as linguagens televisivas com a estética dos videoclipes e o turbilhão de imagens colocadas em poucos segundos até as produções de televisão que assumem uma posição *non-sense*, como alguns desenhos animados para o público adulto, mudanças substanciais nas linguagens publicitárias.

Afirma-se, pois, que na cultura pós-moderna o sujeito se desintegrou num fluxo de euforia intensa, fragmentada e desconexa, e que o eu pós-moderno descentrado já não sente ansiedade (a histeria torna-se a típica doença psíquica pós-moderna) e já não possui a profundidade e a substancialidade e a coerência que eram os ideais e às vezes a realização do eu-moderno. Os teóricos pós-modernos afirmam que os sujeitos implodiram, formando massas, que a característica central da cultura pós-moderna é um modo de experiência fragmentado, desconexo e descontínuo, tanto em seus aspectos subjetivos quanto em seus textos (KELLNER, 2001 p. 298).

Bauman (2005) sustenta uma posição semelhante ao proporá a reflexão da identidade a partir da expressão “modernidade líquida” cunhada pelo próprio autor. Ele identifica que este processo de esfalecimento da modernidade a partir da metáfora do líquido (que adapta sua forma a partir do ambiente que ocupa) e compreende que as identidades evidentemente sejam conduzidas por este mesmo processo de “liquefação”:

A principal força motora por trás deste processo [de falência dos referenciais modernos] tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a

fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados por que não conseguem manter a forma por muito tempo e, ao menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças (BAUMAN, 2005 p. 57).

O que se pode perceber é que a postulação por uma posição menos essencializada e mais contrutivista das identidades está no âmago da discussão do colapso do tempo moderno. A pós-modernidade então pode ser considerada como um problema epistemológico, ou como uma “quebra de barreiras epistemológicas” como observa Homi Bhabha:

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas idéias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas (BHABHA, 2005 p. 24).

As outras vozes enunciativas identificadas por Bhabha nada mais são do que as identidades culturais de grupos que negociam seu posicionamento face ao reposicionamento dos limites epistemológicos colocados pelo autor. Mais do que o advento de um novo tempo com mudanças substanciais dos paradigmas modernos, a pós-modernidade é uma questão de deslocamento destas fronteiras, um reordenamento das diferenças onde estas são colocadas em profundo estado de negociação e conflito. Daí a necessidade de termos em mente um conceito que esteja longe dos essencialismos postulados pelo tempo moderno. Nesta ótica o pós-moderno não constitui um apelo ao presenteísmo. Seu sentido se completa, a partir da discussão proposta por Harvey, em uma profunda rediscussão de nosso tempo. Não há como postular uma postura pós-moderna sem compreendermos as diferentes escalas deste tempo, como, por exemplo, o que significa ser pós-moderno para diferentes grupos étnicos, raciais e de gênero, ou até mesmo seu significado para as massas excluídas dos países latino-americanos que experimentam, não por sua vontade, a experiência do desenraizamento, da vulnerabilidade e da desconexão, como nos mostra García Canclini:

No final dos festejos pós-modernos em torno da “sociedade de consumo”, ou flexível, encontramos a necessidade de reconfigurar uma concepção pós-metafísica do sujeito que não se detenha a uma desconstrução. Menos ainda que, por limitar-se só a ela, instaure uma metafísica do simulacro ilimitado. E, por este caminho, acabe tornando indiferenciadas as distintas situações que os indivíduos se tornam nômades, desenraizados ou excluídos. Não aceitamos que se fale do sujeito moderno, sem considerar condições estruturais ou o modo pelo qual são reordenadas nas ficções do capitalismo. Em raros autores pós-modernos, registram-se como parte

das transformações os dramas dos sujeitos familiares, individuais, étnicos para os quais migrar produz mais desenraizamento que libertação, mais vulnerabilidade do que aventura, mais solidão do que enriquecimento por multiplicação de pertencimentos (GARCÍA CANCLINI, 2006 p. 204).

Em uma perspectiva de repulsa a identificação de um tempo pós-moderno, expresso desde *Dos Meios às Mediações* (ESCOSTEGUY, 2001 p. 161), Martín-Barbero percebe o panorama de crise expresso pelo colapso do moderno através de sua percepção da fragmentação de algumas dinâmicas culturais. A lógica do consumo e o individualismo presente no tempo pós-moderno é um fator de rompimento com as perspectivas tradicionais e as territorialidades das culturas locais. O cenário visto pelo autor para a identidade na pós-modernidade é o da desestabilização das culturas e desestabilização dos referenciais essencialistas:

Dinâmicas de fragmentação do habitat cultural dos povos e das nações mediante a fragmentação dos públicos, a multiplicação dos canais e a segmentação especializada dos consumos. Dinâmicas de secularização dos mundos simbólicos, de desterritorialização das demarcações culturais – culto/popular, moderno/tradicional, nacional/estrangeiro, de hibridação das culturas e subculturas que dão lugar a identidades novas sem apego às velhas territorialidades e percebidas desde temporalidades curtas e precárias (MARTÍN-BARBERO, 2005 p. 238).

A partir de agora, veremos a questão da identidade cultural relacionada com outro elemento de discussão que tem estreita relação com o que vimos até aqui. Trata-se da globalização e dos processos de reconhecimento das identidades culturais no contexto global/local.

2.3 Identidade cultural e globalização

Tal como a discussão do tempo moderno e suas postulações, outro tema que não poderíamos nos furtar de tangenciar é a questão da globalização identificada como um grande fator de mudança na forma com que nos situamos, especialmente a partir da internacionalização dos mercados e posteriormente a ocorrência da chamada transnacionalização da economia, definida por García Canclini como um processo que “gera organismos, empresas e movimentos cuja sede não se encontra exclusiva nem predominantemente numa nação” (GARCÍA CANCLINI, 2005 p. 42), ou seja, há um desprovimento de centros e referenciais tanto para as atividades econômicas e políticas, como para a questão cultural. Seria certa redundância deste trabalho enunciar o que significa o processo de globalização já que é um tema amplamente discutido no âmbito acadêmico e na

agenda diária dos principais veículos de comunicação de massa. Também seria uma repetição aprofundarmos que este fenômeno que, embora tenha raízes político-econômicas, faz inferências sobre questões culturais e o sobre o modo os sujeitos se auto-significam, reorganizam suas relações e compreendem o mundo. Não se trata apenas de um processo de abertura dos mercados, de um pós-industrialismo, mas da mudança radical de um paradigma de sistemas econômicos e políticos que inferiam sobre uma sociedade particular para um panorama de alta conectividade, desterritorialização e fluidez.

A descontinuidade radical que existe entre a vida privada burguesa e o descentramento “inimaginável” do capital global não encontra seu esquema de representação na posição espacial ou na visibilidade representacional das sentenças autônomas, desconectadas, para as quais Jameson insistentemente nos chama atenção. O que deve ser mapeado como um novo espaço internacional de realidades históricas descontínuas é, na verdade, o problema de significar as passagens intersticiais e os processos de diferença cultural que estão escritos no “entre-lugar”, na dissolução temporal que tece o texto “global”. (BHABHA, 2005 p. 299).

De forma particular, estes efeitos da sociedade global, regida pela circulação da informação e sustentada em um “espaço de fluxos” têm uma relação muito próxima ao foco de discussão desta proposta de estudos. Como explica Castells (2005 p. 59), todas estas mudanças relacionadas aos macroprocessos de transformação institucional conferem a questão da identidade um “poder” e uma centralidade neste processo. Em um espaço de transitoriedade e múltiplas conexões há uma demanda crescente por afirmação e por localização, há a ameaça de muitas identidades culturais generalistas e ao mesmo tempo o surgimento de outras menores (HALL, 2002 p. 73) que ocupavam uma posição secundária no estado-nação moderno, desde minorias étnicas até posicionamentos de gênero. Esta ambivalência (BAUMAN, 2005 p. 82) de um tempo global que tem necessidade de encontrar referenciais locais é um dos fatores responsáveis pela aclamada “crise de identidade” e relaciona-se com todos os pontos que já observamos até este momento, ou seja, não há como dissociar a discussão do conceito de identidade cultural no contemporâneo da reflexão sobre o colapso do tempo moderno e o processo de globalização.

Desta forma, procuraremos enfatizar nesta discussão as convergências da identidade cultural com o fenômeno do global e mencionar algumas idéias sobre as quais esta relação está posta. Como por exemplo, é inevitável que esta discussão não compreenda a questão das identidades nacionais que tem a necessidade de se reposicionarem face ao sistema global. É quase consensual a idéia de que as identidades nacionais foram reconfiguradas pelo processo

de globalização, não se trata de discutir o seu fim imediato, nem muito menos de dizer que o global trará uma identidade cultural homogeneizadora, que elimina as diferenças, o que, como todo extremismo, seria uma discussão “simplista, exagerada e unilateral” (HALL, 2002 p. 77), mas de perceber seu posicionamento frente ao desafio lançado pela globalização. Outro foco de discussão que envolve diretamente a questão da globalização é a relação ambígua entre o local e o global na representação das identidades culturais. Um aspecto do discurso promovido pelas atitudes globalizantes é, sem dúvida seu efeito contrário de reforçar as referências locais e fazer com que os agentes sociais complexifiquem seus sistemas de representação, criando níveis cada vez mais internos de identidade que coabitam com outros sistemas simbólicos sem a situação controversa bastante comum às identidades nacionais plenamente fortalecidas do tempo moderno. Então situaremos nossa discussão sobre as identidades culturais e a globalização sobre estes dois eixos: o questionamento das identidades nacionais da posição que ocupavam no tempo moderno e a ambivalência entre global e local.

Iniciaremos falando das identidades nacionais que durante muito tempo foram os grandes exemplos de identidades culturais e sistemas simbólicos socialmente construídos, com um alto grau de relevância, pertença e significação na vida dos agentes sociais. Algumas idéias importantes para compreendermos as identidades nacionais e também a formação de sistemas culturais menores. Destacamos a concepção de Benedict Anderson das nações como “comunidades imaginadas”, como sistemas simbólicos partilhados por todos os indivíduos pertencentes a sistemas culturais não definidos por disposições geográficas, mas por uma condição imaginada prenunciada pelo autor.

Em um espírito antropológico, então, eu proponho a seguinte definição da nação: é uma comunidade politicamente imaginária – e imaginada inerentemente como limites e soberania. É imaginária porque até os membros das nações menores nunca vão saber da maioria dos seus compatriotas, conhecer eles, ou até ouvir falar sobre eles, contudo nas mentes de cada uma das vidas há a imagem de sua comunhão (ANDERSON, 1991 p. 6)³⁹

Apesar das reflexões sobre a transnacionalização e o pensamento de uma reconfiguração profunda do espaço e do tempo lançado pela pós-modernidade em questão, é bastante arriscado o desenho de um quadro de desaparecimento das identidades nacionais. As

³⁹ Tradução minha do inglês. Texto original: “In anthropological spirit, then, I propose the following definition of the nation: it is an imagined political community – and imagined as both inherently limited and sovereign. It is imagined because the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the mind of each lives the image of their communion.”

identidades nacionais vêm de uma trajetória histórica e exerceram a função de quadros de referência que abarcavam sobre si diversos outros sistemas culturais. Por exemplo, durante muito tempo, sobretudo nos países europeus, sustentaram-se questões étnicas, raciais e outros simbolismos discursivos sobre o conceito de identidade nacional. Como mostra Bauman (2005 p. 28), essas representações eram colocadas hierarquicamente em uma posição menor a das identidades nacionais e não tinham a menor chance de significarem mais do que pertencer a nação e eram confinadas a condição “agonística” dos nacionalismos.

Outras identidades “menores” eram incentivadas e/ou forçadas a buscar o endosso-seguido-de-proteção dos órgãos autorizados pelo Estado, e assim confirmar indiretamente a superioridade da “identidade nacional” com base em decretos imperiais ou republicanos, diplomas estatais e certificados endossados pelo Estado. Se você fosse ou pretendesse ser outra coisa qualquer, “as identidades adequadas” do Estado é que teriam a palavra final (BAUMAN, 2005 p. 28).

No entanto este paradigma, embora tenha permanecido durante a maior parte do tempo moderno, foi sofrendo sucessivos processos de descentramento e deslegitimação. As identidades nacionais, sobretudo as européias que viveram efetivamente o tempo moderno, perderam a imagem de um grande pertencimento a quem os cidadãos estavam confiados e protegidos. A falência do estado de bem-estar social (BAUMAN, 2005 p. 50) foi um fator determinante para que a nação tivesse sua posição discursiva gravemente ameaçada. As condições econômicas sobre as quais as nações foram submetidas, de forma geral, no século XX não davam mais eco aos discursos positivistas e nacionalismos exacerbados. Desenhava-se um novo panorama sob o qual as identidades nacionais deveriam desocupar a centralidade que ostentavam desde a revolução francesa e permitir o surgimento de outras identidades culturais concomitantes. Um parêntese pode ser feito para situar esta discussão na América Latina por conta de os países desta região terem vivenciado o tempo moderno de uma forma específica que não acompanhou os processos das sociedades européias. Esta diferença de temporalidade, de acordo com Martín-Barbero (2005 p. 286) “está exigindo pensar juntos a inovação e a resistência, as continuidades e as rupturas, a defasagem no ritmo das dimensões da mudança e as contradições”. Desta forma, também as identidades nacionais latino-americanas devem considerar esta discussão mais ampla que permita compreender a diferença entre uma modernidade vivenciada em dois séculos e outra comprimida efetivamente sobre menos da metade deste tempo. Dentro disso também considerar o que significa pertencer a uma nação quando sobre ela são colocadas diferentes temporalidades entre si: de populações

que vivenciaram o *well-fare state* e outras que não reconhecem a presença do estado em sua existência.

Portanto, ao invés de conduzir a falência das identidades nacionais, a discussão deve ser a percepção destas identidades em um tempo de reconfiguração dos próprios estados. Neste quadro, os paradoxos permanecem com os exemplos de nações da Europa ocidental que estão reconfigurando suas identidades face à reorganização econômica proposta pela união européia e de outro lado reivindicações de identidades nacionais por parte das nações que constituíam o bloco da ex-União Soviética como forma de reafirmação e *diferença*. De acordo com Castells, neste cenário “é pouco provável que as nações possam funcionar como Estados inteiramente soberanos” (CASTELLS, 1999 p. 59). Há então uma transformação do papel legitimador dos Estados e em lugar disso se observa uma perspectiva de resistência atribuída às identidades culturais por Manuel Castells, conforme sua concepção de resistência como uma condição de sobrevivência dos sistemas culturais menores, como uma luta hegemônica como demonstra George Yúdice:

Da mesma forma que os sujeitos são contraditórios mesmo que nivelados pelo nome, assim também é a “impossibilidade da sociedade”, constituída de uma multiplicidade de “diferenças instáveis” gerenciadas pela hegemonia. (YÚDICE, 2006 p. 55).

A questão, neste momento, é perceber como as identidades nacionais estão sendo apropriadas no contexto da globalização. Como está acontecendo este processo de sua reconfiguração? Como definitivamente não temos a identidade cultural com seu papel legitimador do estado-nação, algumas direções aparecem no sentido de as identidades nacionais se permitirem ser mais uma identidade cultural e terem certa equivalência com outras representações, a partir da perspectiva dos sujeitos: o peso da identidade nacional pode ser maior, menor ou equivalente a outros sistemas culturais. Evidentemente isso não significará o desaparecimento das identidades nacionais, mas sim seu deslocamento de uma função legitimadora para uma função de “costura” das diferenças sobre uma mesma perspectiva. Assim, não há um quadro estável e fixo de referenciais, mas vários quadros referenciais que negociam suas posições sobre uma condição hegemônica, mas nem por este motivo deixam de pertencer à comunidade imaginada da nação: “quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para costurar” as diferenças numa única identidade (HALL, 2002 p. 65). Identidades culturais

e por consequência identidades nacionais só podem ser compreendidas sobre a perspectiva de um espaço onde outras identidades se estabelecem e constroem sua interculturalidade:

Nesta perspectiva, as nações se convertem em cenários multideterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. Só uma ciência social – para qual se tornem visíveis à heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos num mesmo grupo e até em um só sujeito, bem como os empréstimos e transações interculturais – será capaz de dizer algo significativo nesta época de globalização. (GARCÍA CANCLINI, 2005 p. 131).

Então esta é uma das saídas para se pensar a identidade nacional junto ao processo de globalização: compreender seu papel de sutura de várias identidades culturais e vários sistemas simbólicos e ao mesmo tempo constituir um espaço onde é possível um imaginário da nação, onde seja viável que este sistema cultural possa estabelecer sua própria posição discursiva sem subordinar outras identidades.

Precisamente esta relação é onde está situado o debate sobre a relação do fenômeno da globalização com a necessidade do local. Ao contrário do que se previa no início do pensamento da globalização, de maneira apocalíptica ou integrada, as identidades locais e os regionalismos não desapareceram com as unificações econômicas, políticas e culturais. Na verdade, seguindo a linha de ambivalências e ambigüidades da globalização, o global e o local têm uma relação de interdependência. Não há como pensar o espaço global sem a localização dos sujeitos responsáveis pelo fluxo de informações e a reconfiguração espácio-temporal e não há como pensar a globalização como algo que atinja a toda a humanidade de maneira homogênea. Ela possui sua própria lógica espacial e mesmo sendo para todos estabelecem diferenças claras entre conexão e desconexão entre integração e exclusão (GARCÍA CANCLINI, 2006 p. 252). Portanto estamos longe de uma total desterritorialização já que apesar de o espaço e o tempo serem outros a noção de lugar permanece. Hall traz esta perspectiva a partir de um conceito de “modernidades vernáculas”:

E já que o novo mercado consumidor global depende precisamente de sua assimilação para se fazer eficaz, há certa vantagem naquilo que pode parecer a princípio como meramente “local”. Hoje em dia, o “meramente local” e o global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é condição de existência do outro. Antes a “modernidade” era transmitida de um único centro. Hoje, ela não possui um tal centro. As “modernidades” estão por toda a parte, mas assumiram uma ênfase vernácula. O destino e a sorte do mundo depende dos deslocamentos não regulados do mercado global – e, por esta razão, ele (ou ela) é hoje um elemento essencial de cada cálculo global (HALL, 2003 p. 46).

Há então este panorama das modernidades vernáculas que tratam de estabelecer a relação entre o global e o local. Percebe-se também uma busca pelos agentes sociais de referenciais locais para que os fluxos do global tenham sentido e estabeleçam suas conexões de um *local* para outro. Esta reflexão pode ser acompanhada a partir do surgimento de muitas identidades culturais depois que o estado-nação perdeu sua centralidade. Foi possível compreender mais de um referencial e estabelecer condições de fluidez entre estes referenciais. Só é possível compreender o global, a partir de sua geopolítica, através do local e dentro disto é possível ver as diferentes relações de pertencimento.

A grande questão é como as identidades culturais devem ser situadas em relação ao global e ao local. Qual a função que assumem em relação a esta relação entre territorialização e transitoriedade? Algumas pistas já foram dadas com relação a esta questão. As identidades culturais têm a função de permitir que os grupos tenham variação de seus repertórios culturais. Têm basicamente a função de relacionar, suturar, as interculturalidades proporcionadas pelos fluxos globais. Sobre sua responsabilidade estão tanto o pertencimento local como a fluidez do global.

Mas o que tratamos de ver atualmente, dado que as condições de produção, circulação e consumo da cultura não ocorrem numa só sociedade, é como se reelabora interculturalmente o sentido. Não só dentro de uma etnia nem sequer dentro de uma nação, mas em circuitos globais, superando fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de *repertórios culturais* diferentes (GARCÍA CANCLINI, 2006 p. 43).

Assim esta “porosidade” apontada por García Canclini é uma das características da identidade cultural no posicionamento local/global. A questão global evoca identidades que possam, além de discursivas, terem uma flexibilidade de centros, serem compartimentadas e permitirem que vários grupos possam estabelecer seus sistemas culturais e estabelecerem suas relações de forma intercultural, não apenas com imbricação de posicionamentos, mas com uma relação entre eles.

3. OPÇÕES METODOLÓGICAS

A partir deste momento, descreveremos os procedimentos metodológicos pretendidos para esta pesquisa. De início, fazemos o registro da realização de um trabalho qualitativo através de um estudo de caso do Debian-RS a partir de dois âmbitos complementares: o online com os espaços virtuais de interação e o offline a partir das experiências presenciais. Nossa compreensão de método está baseada na definição proposta por Lopes (1999, p. 81) como um “conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação. Os métodos constituem uma das instâncias da prática metodológica”. A partir desta perspectiva a proposição metodológica da pesquisa assume uma condição de paradigma teórico-metodológico, o método, de acordo com Maria Immacolata Lopes, então é uma das instâncias deste paradigma que especificamos a seguir. Para o estudo de caso, utilizamos nesta proposta a definição empregada por Godoy que caracteriza como “um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” e tem como propósito “analisar intensivamente uma dada unidade social” (GODOY, 1995 p. 25).

A colocação das escolhas metodológicas prescinde que sejam consideradas necessidades específicas que partem de nosso estudo de caso. Estas necessidades não se colocaram *a priori* e foram surgindo à medida que o trabalho de aproximação com o objeto foi sendo desenvolvido. Foram duas questões que trataram de interpelar metodologicamente este trabalho. A primeira delas provém do fato de que o Debian-RS *desenvolve sua dinâmica de forma paralela* tanto no online quanto no offline e estes dois momentos estabelecem uma relação de interdependência nas dinâmicas do grupo. Outra questão é que o grupo *credita aos encontros presenciais de interação uma grande importância* em sua dinâmica e o constitui como um espaço de reconhecimento coletivo e formação dos quadros de referências. Ou seja, não apenas há uma interdependência do online com o offline, como o offline torna-se, pela própria escolha do grupo, como veremos, um local preferencial para formação dos discursos.

Tendo em vista este quadro, nossa opção metodológica é a realização de uma *combinação de técnicas de pesquisa* para que possamos dar conta destas necessidades e viabilizarmos um caminho de aproximação com o objeto de estudo. Esta combinação, então, é composta de duas vertentes: a primeira dela provém da utilização de algumas técnicas de pesquisa da aproximação etnográfica e da observação participante e têm como pano de fundo a opção interpretativa da antropologia combinada com a possibilidade de aproximação de comunidades que se utilizam da comunicação mediada por computador (FORNÄS, 2002;

HINE, 2002). A segunda vertente provém de *evidências da dinâmica online* do Debian-RS, que permitem que a atividade de observação/participação seja complementada a partir de dados quantitativos sobre a utilização dos espaços virtuais de interação, registros de diálogos dos usuários e outras informações. Estas evidências estão especificadas no trabalho de investigação e assumem uma relação complementar com a primeira vertente. Os dados quantitativos provêm da observação feita a partir da dinâmica de comunicação online do grupo, principalmente a partir de alguns dados sobre fluxo e conteúdo das mensagens quantificadas a partir de mecanismos de registro da própria ferramenta de comunicação.

Tendo em vista a opção por fazer uso *parcial* de algumas técnicas de pesquisa de clivagem antropológica, julgamos necessário que sejam em parte problematizadas no trabalho a fim de podermos compreender as relações da prática etnográfica a partir de objetos de pesquisa ligados à tecnologia.

A utilização de algumas práticas de observação participante, nesta pesquisa, é motivada, especificamente, por alguns fatores particulares do desenvolvimento deste trabalho que pedem uma relação mais próxima com o objeto de estudo para vivência efetiva e contextualização das observações feitas no campo de pesquisa. Recuperamos o fato de que esta investigação teve como uma de suas motivações as experiências pessoais do pesquisador enquanto usuário de software livre e da participação na comunidade Debian-RS. Desta forma, entram neste projeto, como elementos empíricos, experiências que contribuem para compreensão das circunstâncias de formação da identidade cultural dos usuários. A observação participante, tal como um método que impele a relação direta com o objeto de estudo e estimula esta relação a partir de sua ambivalência, através de Guber (2001, p. 56), é uma forma apropriada de utilizar este repertório empírico já presente na realidade de pesquisa e estimular um contato mais aprofundado com o campo a partir do planejamento sistemático desta investigação. A instância fundadora da observação participante se encontra no trabalho de Malinowski, a partir da intenção de estabelecer uma relação efetivamente próxima com o objeto de estudo, a observação traz a perspectiva de que não há como estudar uma formação cultural se não estivermos em contato com ela:

O grande mérito de Malinowski será, no entanto, demonstrar que não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior, e ainda menos à distância. Não se satisfazendo com a observação direta “em campo”, ele sistematizou o uso do método etnográfico chamado de “observação participante” (expressão criada por ele), único modo de conhecimento em profundidade da alteridade cultural que poderia escapar ao etnocentrismo (CUCHE, 1999 p. 74)

Vale lembrar que esta noção de “distância” colocada por Cuché pode ser relativizada a partir das práticas etnográficas no ambiente virtual, já que, por vezes, o espaço de existência da comunidade virtual é o próprio espaço de fluxos e as noções de distância se alteram de forma aparente neste contexto. Percebemos uma relação de complementaridade na investigação feita a partir do virtual e do presencial. Como destaca Cristine Hine (2000, p. 63) é possível que a partir de características específicas do objeto de estudo, possa-se ter uma correspondência entre os dois espaços. A experiência de participação, ao mesmo tempo em que aproxima o pesquisador do objeto de estudo, permite a vivência da realidade estudada. Em nosso caso, é uma forma de aproveitar também as experiências anteriores de pesquisa (ROSA, 2004) também feita com uma comunidade de usuários de software livre. A partir de sua experiência na pesquisa antropológica, Brandão traz uma perspectiva sobre a observação participante como o objeto de pesquisa “ser convocado a ser sujeito” (BRANDÃO, 1984 p. 225). Nesta direção, o objeto assume uma centralidade e participa, efetivamente, da pesquisa, têm uma posição ativa e constrói a investigação junto com o pesquisador. Este, por sua vez, lança um olhar permeado de “sensibilidade teórica” (RECUERO, 2002 p. 86) para compreensão dos acontecimentos e do processo de formação discursiva da identidade cultural, especificamente. A relação entre pesquisador e objeto, no entanto, não deve resultar no que García Canclini chama de “paternalismo etnográfico”:

Apesar de as tendências hermenêuticas e pós-modernas não terem tido muita ressonância na América Latina, as críticas políticas à antropologia suscitaram, nos últimos trinta anos, uma difusa inquietação no sentido de evitar o paternalismo etnográfico e não substituir a voz dos atores estudados. Dentro e fora da academia, em organismos governamentais e em movimentos de educação popular de bairro, étnicos e artísticos, expandiu-se a consigna de deixar o povo falar. (GARCIA CANCLINI, 2006 p. 140).

Apesar de este procedimento ser uma forma de aproveitarmos as experiências empíricas e termos uma relação mais próxima com o objeto, é importante a ressalva, a partir de Bourdieu (1999, p. 48), de a pesquisa permitir “abdicações do empirismo” a fim de manter a vigilância e o distanciamento necessário para a construção das análises. Neste sentido de vigilância, há também outra preocupação que precisa estar presente, com relação à aproximação com o objeto e a “naturalização” de determinadas práticas que precisariam estar problematizadas. O que acontece é que o repertório empírico do pesquisador, pode, por vezes, mascarar dinâmicas sociais a partir de uma condição natural, já que estes processos são vivenciados cotidianamente pelo pesquisador, na qualidade de observador/participante. Esta

questão tem nossa atenção metodológica, a partir da problematização feita por Mirian Goldenberg:

O fato de ter uma convivência profunda com o grupo estudado pode contribuir para que o pesquisador “naturalize” determinadas práticas e comportamentos que deveria “estranhar” para compreender. Malinowski chama atenção para a “explosão dos significados” no momento de entrada no campo, em que cada fato observado na cultura nativa é significativo para o pesquisador. O olhar que “estranha”, em um primeiro momento, passa a “naturalizar” em seguida torna-se “cego” para dados valiosos (GOLDENBERG, 2003 p. 59).

Mesmo propondo-se a considerar o repertório empírico de pesquisa, a partir da vivência do pesquisador, faz-se necessário esta reflexão no sentido de mantermos nossa prática de pesquisa sobre este alerta e considerar a reavaliação e revisão das observações feitas junto ao objeto.

A apropriação da observação participante, mesmo sendo uma prática antropológica e constituindo um caminho de pesquisa a partir dos estudos de recepção, pode ser reapropriada como um procedimento de estudo dos grupos inseridos no ciberespaço, a partir do que Fornäs chama de *cybercultural studies*, caracterizada pela integração da abordagem dos estudos culturais, através dos estudos de mídia, face às práticas de comunicação acontecidas no ciberespaço (FORNÄS, 2002 p. 2). A partir deste quadro ele especifica que a aproximação etnográfica nas comunidades *online* que por vezes, no virtual, tem proximidade com a análise textual. A partir desta realidade, torna-se difícil estabelecer os limites entre a análise textual das mensagens produzidas pelos usuários de uma prática de aproximação etnográfica. A observação participante está inserida nesta dualidade como parte da “ciberetnografia”:

Os estudos culturais podem ter elementos quantitativos, mas precisam confiar primordialmente em interpretações qualitativas dos casos principais. Os estudos apresentam seu foco no trabalho etnográfico incluindo a observação participante, entrevistas em profundidade, leituras detalhadas das páginas da web e outros discursos textuais e pictóricos. O fato é que a etnografia da mídia em comunidades online desenvolve naturalmente resultados online em um apagamento dos limites entre etnografia e análise textual (FORNÄS, 2002 p. 4)⁴⁰.

⁴⁰ Tradução minha do Inglês. Texto original: “Cultural studies may have quantitative elements but must rely mainly on qualitative interpretations of key cases. The studies presented here focus on ethnographic work including participant observation, in-depth interviews, and close readings of Web sites and other textual or pictorial discourses. The fact that media ethnography in online communities naturally develops online results in a blurring of the lines between ethnography and textual analysis.”

Este apagamento dos limites que, a partir das práticas etnográficas tradicionais e até mesmo dos estudos de mídia, onde estavam relativamente bem delimitados, passam a constituir uma questão na apropriação da prática etnográfica no ciberespaço. Neste ambiente, esta fronteira já não é facilmente identificável por conta de estarmos lidando com práticas de comunicação onde os sujeitos podem assumir em determinados momentos a condição de produtores dos textos (midiáticos) e, por outro lado, também podem assumir a condição de audiência em face da convergência de mídias presente na rede e as possibilidades de interação. Esta imagem de um receptor múltiplo, ora produtor dos textos, ora receptor, é problematizada por Fornäs que observa que “o fenômeno da interatividade tratou de apagar a distinção entre produção e recepção como momentos de comunicação” (FORNÄS, 2002 p. 25). Em nosso caso particular, apesar de problematizar a aproximação etnográfica a partir do ciberespaço, a pesquisa não está restrita a este ambiente, e considera as duas vias como elementos da investigação.

Optar pelo quadro dos estudos culturais implica, também, em tomar contato com sua trajetória teórico-metodológica e utilizar em nosso trabalho a aproximação etnográfica, apropriada da antropologia pelos estudos culturais, especialmente a partir da pesquisa com as audiências e dos chamados “estudos de recepção” surgidos a partir dos anos 1980. Neste período, como identifica Escosteguy, a atenção recai sobre as audiências e os protocolos de investigação dos estudos culturais “passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico (ESCOSTEGUY, 2001 p. 36). Este período, também chamado de uma “virada etnográfica” (PRESS e LIVINGSTONE, 2005 p. 182), é responsável por alguns tensionamentos dos estudos culturais com a concepção clássica de antropologia, onde o pesquisador desloca-se até a sociedade estudada para a obtenção de dados (GARCÍA CANCLINI, 2006 p. 142).

A partir de uma caminhada consolidada pela pesquisa antropológica com as sociedades, desde o início do século XX, o conceito de etnografia foi ganhando legitimidade e forjado epistemologicamente na antropologia. Com o surgimento do pensamento de antropólogos como Clifford Geertz (1989) que postulou, nos anos 1950, a emergência de uma antropologia interpretativa ou hermenêutica, onde o objeto de estudo não poderia ser estudo dissociado de todo o resto e de suas relações com o tempo e espaço. O que há a partir de agora não é apenas a postura do antropólogo ocidental que compreende seu objeto de investigação como um sistema social isolado, mas uma perspectiva que compreende relações, conflitos e tensões, muito mais do que estratificações isoladas:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato, a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar (GEERTZ, 1989 p. 20).

A própria prática da observação participante, a partir desta mudança epistemológica da antropologia, adquiriu um caráter mais hermenêutico que permitiu sua problematização menos com relação à experiência e mais com relação a interpretação:

Entendida de modo literal, a observação participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre a experiência e a interpretação. (...) Experiência e interpretação têm recebido, no entanto, ênfases diferentes quando apresentadas como estratégias de autoridade. Em anos recentes, tem havido um notável deslocamento de ênfase do primeiro para o segundo termo (CLIFFORD, 1998 p. 34).

Este redirecionamento da prática etnográfica, em termos políticos e de relação com as sociedades, foi acompanhado por autores como James Clifford e George Marcus. Como salienta Clifford, a antropologia interpretativa “desmistifica muito do que anteriormente passara sem questionamento na construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas” (CLIFFORD, 1998 p. 38). Neste momento nos deparamos com um tensionamento presente na discussão da etnografia como uma prática apropriada aos estudos culturais, por conta de sua utilização fora de um contexto antropológico, na acepção tradicional do termo. O motivo das críticas está em como um estudo de audiências, muitas vezes feito “à distância”, a exemplo do trabalho de Ien Ang, intitulado *Watching Dallas*, a partir de relatos dos fãs da novela coletados por meio de um anúncio em jornal, poderia ser equiparado à prática etnográfica dos antropólogos. Armand Mattelart e Erik Neveu estabelecem esta crítica à trajetória etnográfica dos estudos culturais:

Ainda que esta investigação seja muito interessante, pelas questões colocadas para os telespectadores de *Dallas*, temos que sinalizar que a noção de “realismo emocional” que elabora está baseada em 42 cartas de leitores e leitoras do semanário holandês *Viva* obtidas pela autora a partir de um anúncio que ela propunha aos leitores que comunicassem por escrito suas reações ante a série. Isto tem pouco a ver com a etnografia descrita no manual de Marcel Mauss... (MATELART e NEVEU, 2002 p. 50)⁴¹.

⁴¹ Tradução minha do espanhol. Texto original: “Aunque esta investigación resulta muy interesante por los interrogantes planteados acerca del placer de los telespectadores de Dallas, hay señalar que la noción de

A nosso ver, existem diferenças entre a prática etnográfica tradicional e a aproximação etnográfica utilizada pelos estudos culturais com os estudos de recepção. O estudo de Ang, assim como outros deste período, compreendia a formação de uma comunidade entre os espectadores da novela *Dallas*, de acordo com Press e Livingstone (2006, p. 182). Segundo as autoras, a prática etnográfica dos estudos de recepção, apesar de ter passado por alguns problemas conceituais e metodológicos, está sendo modificada pela combinação de métodos da antropologia tradicional com métodos das pesquisas de audiência. A aproximação etnográfica empregada pelos estudos culturais, que é utilizada nesta pesquisa, não é exatamente a mesma prática empregada pela antropologia e sim, como demonstram Press e Livingstone, tem a proposta de combinar elementos da etnografia antropológica e da pesquisa com as audiências.

A utilização da aproximação etnográfica pelos estudos culturais constitui, então, um novo posicionamento metodológico e é recuperada e posta em questão com a prática de investigação das comunidades inseridas no espaço virtual a partir de uma revisão feita por Press e Livingstone (2006) que, partindo da pesquisa de audiências, colocam algumas questões com relação ao posicionamento metodológico para a abordagem das comunidades virtuais e grupos inseridos na dinâmica das tecnologias da comunicação e informação. O período de aproximação etnográfica significa, então, um novo direcionamento da pesquisa de audiência demarcado pela importância da análise não apenas dos textos midiáticos, mas também da prática e dos usos destes textos no circuito de produção e recepção proposto por autores como Richard Johnson (2004, p. 35). No seguimento da trajetória apontada por Press e Livingstone, também surgem outras contribuições destacadas como o estudo de Janice Radway, *Reading the Romance*, escrito em 1984, apontado pelas autoras como um dos exemplos metodológicos da utilização da etnografia nos estudos de audiência (PRESS e LIVINGSTONE, 2005 p. 178). Apesar de este trabalho ter sido antecedido de outras aproximações como o trabalho do próprio Morley e de Ien Ang, com *Watching Dallas*, o estudo de Radway pode ser considerado um dos primeiros que exerceram uma aproximação etnográfica com o objeto de estudo. Sua proposta de estudar a recepção dos romances populares, além de não ter se limitado estruturalmente ao texto, exerceu uma aproximação com o nível concreto das leitoras dos textos que foram organizadas através de uma

“realismo emocional” que elabora está basada en 42 cartas de lectores y lectoras del semanario Holandés Viva obtenidas por la autora a través de un anuncio en el que proponía a los lectores que le comunicasen por escrito sus reacciones ante la serie. Esto tiene poco que ver con la etnografía descrita en el manual de Marcel Mauss...”.

“comunidade interpretativa”. A partir de encontros e entrevistas realizados em uma livraria, a pesquisadora pode conhecer, de forma mais aprofundada, a prática do texto midiático no cotidiano das mulheres. Metodologicamente, a importância deste estudo está no estabelecimento de uma aproximação pela vivência das audiências e dos usos que eram feitos dos textos, de forma mais contextualizada.

Esta revisão histórica das autoras permite resgatar, de forma parcial, a caminhada teórica dos estudos de recepção. Uma trajetória que permitiu o deslocamento do referencial funcionalista das primeiras teorias da comunicação (RÜDIGER, 2002 p. 77 e ESCOSTEGUY, 2001 p. 36) para um receptor que é problematizado e começa a ser observado no processo comunicacional (HALL, 2003 p. 387). O resultado desta trajetória, no entanto, coloca algumas questões no momento em que nos deparamos com a pesquisa no ciberespaço. A primeira delas, efetivamente, é se podemos ou não utilizar a mesma concepção de audiência para os usuários da rede, outra se refere às diferenças estruturais dos meios massivos para as novas tecnologias de comunicação que permitem uma grande convergência de mídias e de comportamentos e possibilidades de uso. Estas mudanças, combinadas com o uso da tecnologia empregado pelos agentes sociais, trataram de reduzir (ou eliminar) as distâncias entre emissor e receptor como coloca Lemos (2002, online)⁴²:

A emergência dessas páginas pessoais está associada a novas possibilidades que as tecnologias do ciberespaço trazem de liberação do pólo da emissão, diferentemente dos mass media que sempre controlaram as diversas modalidades comunicativas. Esta liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação aos mass media) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas. O excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social.

A reflexão de Press e Livingstone e de Fornäs oferecem algumas premissas sobre como está acontecendo este processo metodológico que não pode ser considerado como finalizado por conta da brevidade e complexidade do novo objeto. Também é importante salientar que não há um caminho metodológico suficientemente delimitado que dê conta de uma completa apropriação da tradição dos estudos de recepção apropriados às novas mídias.

A desordem da discussão geral [sobre a CMC e a prática etnográfica] pode ser parcialmente explicada pela relativa novidade destas formas e pela sua rápida variabilidade nesta fase inicial de seu desenvolvimento. É ainda difícil prever como este agrupamento de mídia – e efetivamente toda mídia mundial – irá se desenvolver

⁴² Disponível em http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte_da_vida.htm (acesso em 12/2/2007)

no futuro próximo, então esta avaliação sumária permanece como um panorama provisório (FORNÃS, 2002 p. 16)⁴³.

Apesar de estarmos localizados sobre um campo ainda incipiente e que necessita de aprofundamentos, já podem ser identificados estudos e posturas metodológicas que problematizam a questão da aproximação etnográfica nos estudos com comunidades virtuais. Desde a pesquisa de audiências até o surgimento da internet como objeto de pesquisa, Press e Livingstone (2005, p. 187) perfazem uma caminhada onde, a partir do momento em que as comunidades online começam a ser estudadas, são identificadas duas gerações de estudos. A primeira geração mapeada pelas autoras é quando o estudo das comunidades tem como campo de análise exclusivamente o ambiente virtual. A observação dos grupos acontece a partir da análise textual⁴⁴ e do acompanhamento, (somente) a partir do ciberespaço, das relações de comunicação dos sujeitos. Este modo de análise apresenta algumas questões discutíveis como, por exemplo, o fato de não considerar outros fatores que podem estar presentes nos processos de comunicação e fechar a pesquisa nas trocas de mensagens entre os usuários. No entanto, esta prática pode esconder alguns fatores como as possibilidades da sustentação de falsos discursos e as condições pelas quais os usuários utilizam a internet, conectadas com a experiência presencial. Um exemplo considerado como emblemático pela classificação das autoras, neste sentido, é a pesquisa de Sherry Turkle (1997), *Life on the Screen: identity in the age on the Internet*, que, a partir de um trabalho com usuários adolescentes, observa como a questão da identidade é apropriada a partir dos espaços virtuais, especialmente os espaços de conversação entre os usuários observados pela pesquisadora (*chatrooms*). Tomando como partida sua trajetória como terapeuta ela se apóia em aportes psicológicos sobre a questão da identidade e a vivência de múltiplas identidades a partir da internet sob uma perspectiva “pós-moderna”⁴⁵ de fragmentação, vivência de diversos papéis sociais e conexão das experiências do *online* com as demandas concretas de socialização dos agentes sociais. Turkle não considera que a multiplicidade de papéis, possibilitada pela rede, seja manifestação de uma patologia de distúrbios de personalidade e que “a linguagem da saúde mental centra-se na

⁴³ Tradução minha do inglês. Texto original: “The disorder in the general discussion can partly be explained by the relative novelty of these forms and by their extremely fast variability in this early phase of their development. It is as yet hard to foresee how this media cluster – and indeed the whole media world – will develop in the near future, so this summarizing overview remains a provisional snapshot.”

⁴⁴ A análise textual, neste sentido, tem a relação de observar as interações a partir do conteúdo das mensagens trocadas pelos usuários. A partir de dispositivos de registro, as análises são feitas com o texto das mensagens produzidas pelos usuários nas salas de bate-papo ou em outros canais de interação utilizados no ciberespaço.

⁴⁵ O termo está entre aspas porque acreditamos ser inadequada a classificação pós-moderna como uma adesão completa à idéia de identidade desfragmentada. O pós-moderno pode significar a discussão deste tempo transitório e não tanto uma posição consolidada e parcial onde aportam diversos conceitos.

integração, no alcance de um estado de “unidade”. Não houve, ao menos na tradição americana, respeito suficiente pelos estados não patológicos de multiplicidade” (TURKLE, 1999, p. 119)⁴⁶. A vivência da identidade no virtual, na visão da autora, seria um contato com a “multiplicidade da unidade” vivenciada de forma não-patológica através da rede. Em termos metodológicos, o que é destacado como central é a postura etnográfica que ela desenvolve ao realizar a pesquisa sobre a identidade dos participantes das comunidades virtuais de vivenciar, junto com os usuários, a partir da inserção nas salas de bate-papo e ambientes de interação, as experiências de formação discursiva das identidades. Uma ressalva feita por Press e Livingstone ao trabalho da pesquisadora está na exclusividade de abordagem do virtual e nos textos produzidos pelos usuários. Em um dos exemplos utilizados em *Life on The Screen* onde uma usuária utiliza a internet para superar o trauma de um relacionamento com a mãe por conta de um aborto realizado sem consentimento. O questionamento feito é quanto ao fato de Turkle não ter observado as condições materiais pelas quais se dá esta relação:

O que não fica claro para a discussão da autora foram às condições materiais de surgimento deste papel. Encontramos a nós mesmos questionando o aspecto sócio-econômico da realidade desta mulher, questões das quais, as ênfases de Turkle permitiram que se evadisse. Como era possível para a estudante que passasse dias jogando games no computador quando sua mãe tinha cortado todo seu auxílio financeiro? A mãe não deveria ter tido aumento das horas do seu trabalho para auxiliar sua filha? O que aconteceu com seus estudos, seus amigos, seus familiares? Nós poderíamos não questionar as realidades inexplicadas desta situação, detalhes que sentimos necessário em ordem para realmente entendermos o significado do que representou o computador na vida desta adolescente (PRESS e LIVINGSTONE, 2006 p. 189)⁴⁷.

Como podemos perceber a partir deste exemplo, esta primeira fase de pesquisa com as comunidades virtuais e grupos inseridos no ciberespaço tem como uma questão a ser desenvolvida os fatores do local onde estão inseridas as práticas de comunicação pelo suporte digital. De acordo com este panorama, uma análise feita a partir das mensagens trocadas pelos usuários não é suficiente para dar conta da compreensão do processo de comunicação mediado pelas redes telemáticas. Outro autor que problematiza esta questão é Joan Mayans (2003, online)⁴⁸ que coloca esta questão da etnografia *online* estar, a primeira vista, restrita ao suporte virtual, como um desafio e uma oportunidade de discussão metodológica. O autor observa que este dilema de vivenciar “intensas relações humanas somente através de um

⁴⁶ Também disponível online em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/11/sherry.pdf> (acesso em 18/02/2007)

⁴⁷ Tradução de Cassiano Scherner e Guilherme da Rosa disponível em http://www.guilhermedarosa.com/press_livingstone.pdf (20/1/2007)

⁴⁸ Disponível em <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=23> (acesso em 18/20/2007)

monitor de quinze ou quatorze polegadas” é vivenciado não apenas pelo pesquisador, mas também por toda a comunidade estudada na pesquisa. Cristine Hine (2000, online) também trata desta questão da aproximação etnográfica realizada a partir do virtual com a mesma questão no sentido de a pesquisa feita exclusivamente no online deixar algumas lacunas a respeito do impacto efetivo da utilização da rede e das experiências comunicativas inferirem na vida cotidiana das pessoas:

Os etnógrafos da comunicação online são profundamente provocantes nas ênfases que colocam nos usos complexos e criativos para qual a comunicação mediada por computador está posta. Eles colocam em evidência que a Internet pode ser vista como contexto social em seu próprio direito. Porém, nós temos algumas incertezas sobre os impactos das interações on-line como são interpretadas dentro de vida on-line. Nós poderíamos fazer perguntas como: como as pessoas usam coisas que elas leram ou disseram na interação online em suas vidas offline; como eles utilizam a tecnologia de forma particular; como são feitas as relações familiares, contextos de trabalho ou representações midiáticas da Internet afetam suas utilizações da tecnologia? Para responder a estas perguntas, o estudo dos contextos online sozinhos são provavelmente insuficientes (HINE, 2000 online)⁴⁹.

Em vista desta questão, Press e Livingstone sinalizam que a pesquisa etnográfica com as comunidades virtuais “vá além do descritivo, identificando caminhos nos quais o lar está mudando, tornando-se o lugar da produção de conteúdo assim como o da recepção, da educação e do trabalho assim como o entretenimento e do lazer” (PRESS e LIVINGSTONE, 2006 p. 190). Johan Fornäs problematiza esta questão a partir da introdução do que ele chama de uma “ciberetnografia” e com relação à prática etnográfica, no sentido de ela pretender uma investigação fechada no objeto estudado ou se assume uma postura de compreender os sentidos e os canais de comunicação possíveis:

A ciberetnografia destaca problemas em toda etnografia da mídia. Quando os informantes (o termo original da antropologia tradicional para pessoas estudadas em seus contextos cotidianos) normalmente interagem somente de forma digitalmente, formas digitais mediadas de observação participante e entrevista na internet podem ser legitimadas pela etnografia como uma interação face-a-face. A entrevista e a observação dos usuários de chats na rede iriam oferecer aos pesquisadores como um contato íntimo com eles, como os usuários normalmente têm uns com os outros. Se a etnografia implica tomar parte de uma comunidade cultural em seus próprios termos, a simples participação na interação online deveria ser qualificada como etnografia. Mas se a etnografia demanda um estudo ao longo dos muitos sentidos e canais de

⁴⁹ Tradução minha do inglês. Texto original: “The ethnographies of on-line communication are thoroughly provocative in the emphasis they place on the complex and creative uses to which computer-mediated communications are put. They make it apparent that the Internet can be viewed as social context(s) in its own right. However, we are left unclear as to the ways in which on-line interactions impact on and are interpreted within on-line life. We might ask questions such as: how do people use things they have read or said on-line in their off-line lives; how do they come to use the technology in particular ways; how do family relations, work contexts or media representations of the Internet affect their uses of the technology? To answer these, study of on-line contexts alone is probably insufficient.”

comunicação possíveis, ela deve ser suplementada com contatos através de outros meios e como também pelo contato cara a cara (FORNÄS, 2002 p. 38)⁵⁰

A partir do direcionamento metodológico que pretendemos, a prática de pesquisa não pode ser uma prática exclusivamente feita pelo suporte virtual, deve, como relaciona Fornäs, compreender que a prática etnográfica solicita um estudo a partir de uma variedade de canais de comunicação. Em nosso caso, a compreensão desta multiplicidade pela combinação do acompanhamento no virtual e no presencial tem um sentido maior de complementaridade já que o grupo estudado se utiliza dos dois espaços de interação para desenvolver suas dinâmicas e prioriza um deles para as formações discursivas.

A partir daí é proposta uma segunda geração de estudos, identificada pelas autoras como uma nova fase da aproximação etnográfica feita a partir do ambiente virtual. Esta mudança está em suprir algumas carências apresentadas a partir da geração e fazer com que a proposição metodológica para a pesquisa com os grupos inseridos no ciberespaço compreenda tanto os desdobramentos acontecidos no virtual como também considere as práticas acontecidas a partir da experiência presencial. Deve-se então tentar estabelecer uma relação de complementaridade entre as duas práticas não apenas para o empréstimo mútuo de autoridades etnográficas entre os dois espaços, como também para que se possa perceber à medida que o virtual potencializa as relações estabelecidas no presencial. Hine coloca a necessidade de não compreender o ambiente das redes como uma esfera cultural separada e sim compreendendo a relação potencial entre presencial e virtual:

Um complemento útil para o estudo do universo online, que trata a internet como uma esfera cultural separada, seria a análise dos contextos das relações sociais offline ou presenciais nos que estas se articulam e transformam. Com isto, teríamos uma explicação muito mais rica sobre os usos da Internet e dos modos em que as relações locais confrontam seu uso tanto em tecnologia quanto em contexto cultural (HINE, 2002 p. 76)⁵¹

⁵⁰ Tradução minha do inglês. Texto original: “Cyberethnography highlights certain problems in all media ethnography. When the informants (the standard anthropological term for person studied in their ordinary contexts) ordinarily interact only digitally, digitally mediated forms of participant observation and interviewing on the Internet might be as legitimate for ethnography as is face-to-face-interaction. Interviewing and observing chatting users on the Net would offer researchers as close contact with them as the users normally have with each other. If ethnography implies taking parts in a cultural community on its own terms, just participating in online interaction should qualify as ethnography. But if ethnography demands a study along as many senses and channels of communication as possible, it has to be supplemented with contacts in other settings and face-to-face as well.”.

⁵¹ Tradução minha do espanhol: Un complemento útil para El estudio del universo online, que trata Internet como una esfera cultural separada, sería el análisis de los contextos de relaciones sociales offline o presenciales em los que ésta se articula y transforma. Com ello se lograría una explicación mucho más rica sobre los usos de Internet y los modos em que las relaciones locales conforman su uso em tanto tecnologia y, también, como contexto cultural.

Este é efetivamente o desafio que a pesquisa etnográfica tem para o cotidiano que, a partir do posicionamento das autoras, reivindica um reposicionamento da tradição dos estudos de audiência face à dinâmica dos grupos inseridos no ciberespaço (PRESS e LIVINGSTONE, 2006 p. 196).

3.1 A dupla-via metodológica: do empírico ao teórico e do teórico ao empírico

Até aqui, podemos perceber dois cenários na reflexão metodológica: um primeiro que envolve a questão empírica presente no empreendimento destes estudos e um segundo que envolve a trajetória teórico-metodológica dos estudos culturais, a prática da aproximação etnográfica e a intenção de realizar uma observação participante. Nosso propósito agora será o de descrever como a aproximação etnográfica e a observação participante poderão se relacionar com as experiências empíricas desta investigação.

Com sua tensão inerente, a observação participante permite recordar, a todo momento, que se participa para se observar e se observa para participar, isto é, que envolvimento e investigação não são opostos, senão partes de um mesmo processo de conhecimento social. Nesta linha, a observação participante é um meio ideal para realizar descobrimentos, para examinar criticamente os conceitos teóricos e para ancorá-los em realidades concretas, pondo em comunicação distintas reflexividades (GUBER, 2001 p. 62)⁵².

Portanto observar e participar podem ser compreendidos como práticas complementares. Há, inegavelmente, uma experimentação muito maior com a pesquisa participativa e mesmo com esta contradição aparente, acreditamos que uma apropriação de elementos específicos da observação participante pode constituir um caminho metodológico que possa corresponder ao que nos propomos neste trabalho. Em termos práticos, nosso panorama é de um caminho com uma dupla-via metodológica através da ambivalência da observação participante: um caminho que vá do empírico ao teórico (participar para observar)⁵³ e outro que estabeleça conexão entre o teórico e o empírico (observar para participar).

⁵² Tradução minha do espanhol. Texto original: Com su tensión inherente, la observación participante permite recordar, en todo momento, que se participa para observar e se observa para participar, esto es, que involucramiento e investigación no son opuestos sino partes de un mismo proceso de conocimiento social. En esta línea, la observación participante es el medio ideal para realizar descubrimientos, para examinar criticamente los conceptos teóricos y para anclarlos en realidades concretas, poniendo en comunicación distintas reflexividades.

⁵³ O movimento de participar para observar não é, absolutamente, a separação de uma instância da outra. O foco de atenção são as relações entre o empírico e o teórico sem dissociar os dois momentos.

Do empírico ao teórico, em participar para observar, nosso trajeto deve permitir que as experiências empíricas sejam conectadas com a teoria. No caso do estudo de caso do Debian-RS, esta prática assume a importância de contextualização do pesquisador nas relações semânticas e universo técnicos vivenciados pelas comunidades de software livre. Acreditamos que não seria possível fazer tal trabalho de investigação se a atitude do pesquisador fosse restrita a observação. É necessário, sobretudo, vivenciar os processos junto com os usuários e ser um usuário do sistema operacional Debian GNU/Linux.

Na outra via deste caminho está a proposição de ir do teórico ao empírico, observar para participar. É necessário, para a observação/participação, o contato com o quadro teórico do que pretendemos estudar, para que nosso olhar possa ser direcionado para estas sensibilidades e preocupações das agendas de pesquisa. Por exemplo, no caso da identidade cultural, não podemos deixar de observar a relação deste conceito com o aspecto global e local, pois se trata de uma preocupação teórica recorrente em diversos autores que se debruçam sobre a comunicação. A partir deste olhar nossa intenção deve ser a observação a partir do trabalho de campo para uma posterior participação, completando o outro caminho de nossa dupla-via metodológica. Esta observação inicial irá direcionar nossa participação para o foco de atenção deste trabalho.

4. COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR E OBJETOS EMPÍRICOS: TRAJETOS DE PESQUISA

Nesta parte, empreenderemos a revisão de duas trajetórias particulares da pesquisa empírica envolvendo comunicação mediada por computador. São particulares porque partem do local onde esta proposta de estudo está inserida: os contextos brasileiro e latino-americano da pesquisa em CMC. Trata-se de um levantamento cartográfico que pode auxiliar na localização deste trabalho como contribuição às ciências da comunicação. Julgamos que as trajetórias oferecidas pelos *encontros das associações de pesquisa* reconhecidas nestes ambientes ofereçam uma estratificação adequada às pretensas deste projeto, tendo como base a variabilidade de objetos que apresentam as pesquisas e na continuidade histórica que determinados assuntos vêm tendo nos encontros de pesquisadores.

O conjunto de observações foi realizado a partir de um período de tempo específico determinado pelo surgimento dos núcleos de pesquisa com objeto centrado nas tecnologias da informação em cada um dos encontros. A pesquisa brasileira foi cartografada através do itinerário de dois congressos de âmbito nacional, que são os da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)⁵⁴ e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)⁵⁵. Como indicativo da perspectiva latino-americana utilizaremos a trajetória dos congressos da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (Alaic)⁵⁶. A inclusão do congresso latino-americano permite que tenhamos em paralelo as visões latino-americana e brasileira, sobre um mesmo período de tempo.

Em termos práticos, o levantamento aconteceu a partir do contato com as comunicações científicas⁵⁷ apresentadas nos núcleos de pesquisa das respectivas entidades. As três trajetórias apresentam temporalidades diferentes de acordo com o surgimento de cada grupo: o núcleo de pesquisa da Compós iniciou suas atividades a partir do ano de 1996, o da Intercom a partir do ano de 2001 e o da Alaic a partir do ano de 2002. Com o objetivo de estabelecermos uma temporalidade comum, definimos o período de 2002 a 2006⁵⁸ para um

⁵⁴ <http://www.intercom.org.br/>

⁵⁵ <http://www.compos.org.br/>

⁵⁶ <http://www.alaic.net/>

⁵⁷ As referências bibliográficas das comunicações científicas utilizadas no levantamento encontram-se nos anexos de trabalho.

⁵⁸ Apesar de este trabalho ser concluído no ano de 2007, o levantamento se deteve em mapear o período até 2006. A produção científica de 2007 foi observada a partir de um acompanhamento nos websites, mas não foi

acompanhamento concomitante nos três congressos⁵⁹. A escolha dos núcleos de pesquisa destinados à discussão das tecnologias foi feita através da identificação pelo título dado ao grupo e pela leitura da ementa. Para o acompanhamento do congresso da Intercom, foi definido o Núcleo de Pesquisa *Tecnologias da Informação e Comunicação*, para o congresso da Compós foi escolhido o Grupo de Trabalho *Comunicação e Cibercultura*⁶⁰ e para o mapeamento do congresso da Alaic o GT definido foi o Grupo Temático *Internet e Sociedade da Informação e Cibercultura*. O trabalho foi dividido pelas edições anuais de cada congresso e em cada período foram selecionadas comunicações científicas para uma observação mais aprofundada por conta do grande volume de trabalhos apresentados nos congressos e também pela atenção deste levantamento com as pesquisas empíricas. As observações dos trabalhos apresentados foram feitas da seguinte forma: em uma *primeira fase* foram lidos os resumos e títulos de todos os trabalhos e feita uma primeira seleção daqueles textos que explicitavam *objetos de estudo relacionados com práticas empíricas do uso das tecnologias*. Desta forma foram observados trabalhos relacionados às comunidades virtuais e também àqueles que tratam dos desdobramentos da técnica na vida cotidiana, como, por exemplo, o uso da música eletrônica, dos jogos de computador, da utilização de *webcams*. Alguns trabalhos, de olhar mais amplo sobre os acontecimentos empíricos, que não necessariamente contemplam estudos de caso e relatos de experiência específicos, também estão contidos no percurso *por despertarem o interesse sobre temas emergentes em relação direta com esta pesquisa*. Com esta intenção foi feita uma revisão em cada edição dos congressos, dentro do período proposto por este levantamento. Em uma *segunda fase*, os trabalhos selecionados foram observados a partir de seu texto integral. Para a composição deste relatório foram destacados quatro trabalhos mais significativos⁶¹ de cada ano partindo da seguinte composição: primeiramente se procurou especificar alguns dados gerais sobre o período. Logo após, foi feito o destaque dos trabalhos que interessam pelo recorte apresentado⁶². Ao final do mapeamento, apresentamos um fechamento com as observações sobre a trajetória observada nos três

registrada no levantamento devido à disparidade de datas entre os três congressos, em relação ao cronograma desta pesquisa.

⁵⁹ Conforme o website da instituição o congresso da Intercom iniciou as atividades dos núcleos de pesquisa a partir de 21 de outubro de 2000. Desta forma, somente a partir do XXIV Congresso, realizado em 2001 na Cidade de Campo Grande/MS, que o Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Informação e Comunicação iniciou a apresentação das comunicações científicas em eventos. A primeira entidade a iniciar a apresentação de pesquisas de um núcleo específico em tecnologias em eventos foi a Compós que apresenta trabalhos na área desde o ano de 1996. O núcleo de pesquisas em tecnologias da Alaic foi iniciado a partir da edição de 2002.

⁶⁰ O grupo de trabalho da Compós teve modificações de nome ao longo de sua trajetória, atualmente possui o nome de Comunicação e Cibercultura.

⁶¹ Esta amostra significativa é composta por pesquisas que melhor exemplificam a investigação com objetos empíricos e temas emergentes com relação direta com o objeto de estudo desta pesquisa.

⁶² Para fins de consulta, o objeto empírico de cada trabalho relatado aparece em itálico no texto.

congressos de pesquisa. Iniciaremos nossa revisão pelo contexto brasileiro, a partir dos congressos da Intercom e Compós e partiremos para o indicativo da pesquisa latino-americana com os congressos da Alaic.

4.1 O Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Intercom

O Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação surgiu na Intercom a partir da criação dos núcleos de pesquisa no ano de 2000. No ano de 2001, o grupo teve a primeira apresentação de trabalhos no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na cidade de Campo Grande no estado do Mato Grosso do Sul. De acordo com a ementa, o objeto de estudo específico do núcleo é a Comunicação Mediada por Computador (CMC) e seus “dedobramentos sobre a indústria da comunicação e da sociedade”. O grupo é dividido em quatro seções temáticas: internet, hipermídia, sociabilidade virtual e tecnologia e cultura. A seção temática internet tem em seu escopo de análise o mecanismo de emissão e recepção a partir do ciberespaço, a segunda seção denominada hipermídia, analisa as iniciativas de construção da linguagem do meio de comunicação internet observando de forma particular o hipertexto, a convergência e a imersão. A terceira seção temática destinada à sociabilidade virtual observa os modos de sociabilidade do online como às comunidades virtuais, as salas de bate-papo, as páginas web e a questão da privacidade. A quarta seção cuida das relações entre cultura e tecnologia.

No ano de 2002 se realizou o XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na cidade de Salvador, estado da Bahia. O encontro do Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação contou com a apresentação de 51 pesquisas.

Um primeiro destaque do ano de 2002 é o trabalho de Alves e Rosa (2002, online)⁶³ que tem como objeto de pesquisa um projeto de inclusão digital com jovens de baixa renda. O trabalho é um *estudo de caso a respeito de um projeto social desenvolvido por uma empresa estatal do governo paranaense*, a Companhia de Informática do Paraná (Celepar). A iniciativa visa à realização de formações com estudantes de escolas estaduais, e, na fase acompanhada pela pesquisa, o projeto realizou a formação de mais de 500 estudantes de quatro escolas de Curitiba e cidades do interior. A pesquisadora descreve a intenção do projeto em não apenas oferecer formação técnica, mas também relacionar o acesso à informática com a cidadania. O procedimento para aproximação foi à realização de uma pesquisa com 164 informantes, a

⁶³ Disponível em: <http://hdl.handle.net/1904/18820> (acesso em 13/9/2007)

partir de questionários com uma abordagem qualitativa. As pesquisas foram realizadas dois anos após a realização do treinamento.

Outro trabalho que podemos destacar é a pesquisa de Hélia Santos (2002, online)⁶⁴ que faz uma comparação sobre a aplicabilidade da web enquanto suporte de criação para designers e artistas. A autora realiza *estudo de caso de websites de artistas e designers* e observa como as potencialidades do espaço virtual são aproveitadas enquanto possibilidades de criação artística. O estudo de caso inicia com websites de três artistas (Alexei Shulgin, Holger Friese e Vuk Cosic) que utilizam as possibilidades da internet para estabelecerem uma linguagem crítica em suas artes. A observação parte de alguns critérios técnicos da internet como a resolução da tela e a aproveitamento técnico dos recursos de interação. Também são observados três websites de *designers* (Holger Friese, Roger Los e Verônica D'Orey) que exploram com apuro técnico as possibilidades de interação e possibilidade de design gráfico, bastante preocupados com a funcionalidade e legibilidade das informações.

Outro trabalho é o de Krüger e Cruz (2002, online)⁶⁵ que estuda *à percepção do real e do imaginário de crianças sobre o jogo de computador The Sims* que simula situações do concreto. A proposta de pesquisa foi o acompanhamento de uma comunidade virtual formada por fãs do jogo através de um fórum de discussão na internet. A prática metodológica utilizada foi o acompanhamento da interação entre os participantes durante um período de tempo. Este acompanhamento foi feito de forma virtual através da coleta dos registros das mensagens dos usuários.

Um último exemplo de pesquisa deste período que utiliza outros quadros teóricos para a análise dos processos de socialização a partir da Internet é o trabalho de Brignol (2002, online)⁶⁶. O objeto de análise foi *uma pesquisa realizada com quatro famílias de estrato socioeconômico médio e alto da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, relacionada à observação com relação à competência cultural para uso social da internet e representação identitária*. O trabalho da pesquisadora é um dos primeiros observados que relaciona os objetos de pesquisa das tecnologias da informação e comunicação em diálogo com os estudos culturais, de forma especial, trazendo a contribuição latino-americana para o estudo da identidade cultural a partir do pensamento de Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini e igualmente o pensamento sobre a questão identitária a partir de Stuart Hall.

⁶⁴ Disponível em: <http://hdl.handle.net/1904/18857> (acesso em 13/9/2007)

⁶⁵ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/18834> (acesso em 8/11/2006)

⁶⁶ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/18822> (acesso em 12/11/2006)

Dando seguimento a este mapeamento, destacamos o ano de 2003 com a XVI edição do Congresso da Intercom, realizado na cidade de Belo Horizonte. Em termos quantitativos, este período representou uma queda no número de pesquisas apresentadas. Houve um total de 33 trabalhos apresentados no Núcleo de Pesquisa.

Como exemplos de trabalhos deste período, podemos destacar a pesquisa de Recuero (2003, online)⁶⁷ em seu trabalho de acompanhamento dos weblogs de guerra (*warblogs*) amplia o panorama de análise dos weblogs para outros desdobramentos, como o uso jornalístico da ferramenta e a possibilidade de utilizá-los para expressão de narrativas ficcionais. A pesquisadora escolheu *exemplos de weblogs utilizados durante a guerra do Iraque que tiveram grande notoriedade pública* a partir de sua divulgação pela internet e por outros meios de comunicação, como o weblog *Where is Read*, escrito por um iraquiano em Bagdá, e outro chamado *Back to Iraq 2.0* escrito por um jornalista estrangeiro. Também são observados weblogs “oficiais” ligados a grandes veículos de mídia.

Outro trabalho é a pesquisa de Sibília (2003, online)⁶⁸ que problematiza a questão do público e privado como uma imbricação dos dois espaços até que não haja diferenciação entre eles. A pesquisadora *observa a dinâmica das webcams e dos diários íntimos da internet*, no sentido de uma ênfase biográfica e interioridade psicológica. A exposição dos usuários através dos mecanismos de comunicação trata de reconfigurar a significação clássica do diário pessoal como uma introspecção para uma exteriorização da subjetividade. Neste contexto a problemática das identidades é apontada como um dos centros de discussão em relação ao desdobramento sociológico dos weblogs e outras formas de expressão da subjetividade através do ciberespaço.

Outro exemplo desta abordagem é o trabalho de Fischer (2003, online)⁶⁹ que relaciona a exposição do cotidiano com a noção de temporalidade. *O trabalho observa empiricamente a dinâmica dos weblogs de quatro usuários que têm suas identidades preservadas*. Para Fischer os *weblogs* são configurados como “armazenamentos de agoras” por conta de aspectos da ferramenta que permitem que os textos sejam identificados por data e armazenados através de um sistema de registro. A técnica de pesquisa utilizada é a da observação da configuração dos weblogs com relação aos dispositivos de armazenamento dos relatos chamados de *posts* e também a observação dos textos deste conteúdo através do *online*.

⁶⁷ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/4752> (acesso em 3/12/2006)

⁶⁸ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/4757> (acesso em 18/11/2006)

⁶⁹ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/4738> (acesso em 18/11/2006)

Outro trabalho que podemos destacar neste período é o estudo de Capparelli e Longhi (2003, online)⁷⁰ que tem como objeto a produção cultural para crianças inserida no ciberespaço. Como recorte empírico são observadas *as conversações de uma criança usuária em uma sala de bate-papo para crianças de até 12 anos do Portal Terra* e também a *experiência de navegação por websites infantis*. A pesquisa delimita como exemplo *websites* de histórias infantis com recursos de interação e considera o comportamento dos usuários com relação à convergência de meios que a rede proporciona, como, por exemplo, estar lendo uma história infantil e ao mesmo tempo conversando em um *chat*. No caso concreto utilizado a pesquisa utiliza outros objetos de análise além do estudo dos textos produzidos pelos usuários.

O ano de 2004 o XVII Congresso da Intercom foi realizado na cidade de Porto Alegre/RS. Em relação ao Núcleo de Tecnologias da Informação e Comunicação, o número de trabalhos apresentados manteve a mesma média da edição anterior com 35 trabalhos, apenas dois trabalhos a mais que em 2003.

Um exemplo de trabalho deste ano é Bastos (2004, online)⁷¹ que tem como propósito de estudo a função da fantasia como um elemento nas salas de bate-papo virtuais. O objeto empírico é composto de *canais de IRC que foram observados pelo pesquisador*. As conversações dos usuários são utilizadas como exemplos para a pesquisa que observa o caráter efêmero das identidades a partir dos *nicknames* dos usuários. O autor utiliza diversos registros de conversas gravadas a partir do IRC que demonstram um comportamento efêmero quanto a identidade e as relações sociais onde o elemento da fantasia está presente.

Um trabalho deste período que explora a questão das subjetividades é o estudo de T. C. Santos (2004, online)⁷² que adota como objeto à procura de relacionamentos afetivos pelos usuários através da rede. A proposta de estudo partiu de um *texto midiático da revista Veja* e observou o comportamento dos usuários a partir de *três websites de encontro para relacionamento amoroso: Par Perfeito, Almas Gêmeas e Como Vai*. A pesquisadora obtém alguns relatos publicados a partir destas páginas de encontro. Além do texto da revista foram utilizados textos produzidos pelos usuários a partir de sua representação nas páginas de relacionamento.

⁷⁰ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/4734> (acesso em 3/12/2006)

⁷¹ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17798> (acesso em 18/11/2006)

⁷² Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17790> (acesso em 18/11/2006)

Com relação aos desdobramentos práticos das tecnologias podemos destacar o trabalho de Fontanella e Phryston (2004, online)⁷³ que tem como objeto de estudos as relações sociais através do website de relacionamentos *Orkut*. As autoras utilizam a perspectiva do neo-tribalismo de Michel Maffesolli para dar conta do processo social do *website* e também perspectivas ligadas a *flânerie* exemplificada pelo poeta Baudelaire. O “estar junto” encunhado por Maffesolli tem um papel central na constituição das comunidades virtuais dos *websites*, no exemplo da pesquisa o Orkut.

Como último exemplo do ano de 2004, citamos o trabalho de Falci (2004, online)⁷⁴ que tem como objeto a percepção das performances tecnológicas com relação a expressão artística a partir das tecnologias de informação e comunicação. O autor faz um *estudo de caso sobre a obra de media-art Paisagem Zero* e observa as relações de autoria/recepção e a relação de tempo e espaço a partir das possibilidades de interação da expressão artística observada. A obra estudada parte do contexto nordestino e a partir das possibilidades de interação e da convergência de mídia propiciada pelas redes estabelece relações com a cultura brasileira e permite que a questão da autoria possa ser complexificada com base nas interferências da recepção no contexto tecnológico.

O ano de 2005 no Congresso da Intercom teve sua XXVIII edição e foi realizado na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Quanto ao número de trabalhos houve um aumento nas apresentações, o Núcleo de Tecnologias da Informação e Comunicação apresentou 45 pesquisas, 10 trabalhos a mais do que em 2004.

Como trabalhos relacionados ao estudo das apropriações midiáticas no ciberespaço, destacamos a abordagem do jornalismo online feito por Brambilla (2005, *online*)⁷⁵ e Conceição (2005, *online*). A primeira pesquisadora tem como objeto uma modalidade de jornalismo chamada de *open-source* que é realizado através da dinâmica do desenvolvimento colaborativo com “uma estrutura horizontal e rizomática de produção que se opõe ao padrão verticalizado e fechado à contribuição do público” (Brambilla, 2005 online p. 2). A pesquisa consistiu em um *estudo de caso do jornal colaborativo OhmnyNews* onde foram descritos os aportes técnicos para realização do jornalismo *open source* no estudo de caso e também como são observadas as questões de credibilidade com os leitores do veículo.

⁷³ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17791> (acesso em 18/11/2006)

⁷⁴ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17802> (acesso em 13/9/2007)

⁷⁵ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17851> (acesso em 7/9/2007)

Outra pesquisa destacada deste período é a de Primo e Smaniotto (2005, online)⁷⁶ que lança um olhar sobre as conversações ocorridas online, *a partir do estudo de caso do blog Insanus*. Os autores fazem uma revisão teórica sobre as dinâmicas de comunicação a partir das tecnologias, especialmente na análise de conversação apropriada no virtual. A conversação a partir dos weblogs acontece por via de mecanismos de interação específicos, como as ferramentas de comentário que permitem retroação dos leitores às mensagens postadas pelo autor do weblog. Mesmo que esta postagem tenha uma influência sobre a pauta dos diálogos, os usuários que comentam o blog podem direcionar a conversação para temas que fogem o assunto determinado pelo autor. Também são observadas outras ferramentas de interação presentes nos weblogs com o *trackback* e o *blogroll*. Como técnica de pesquisa foram mesclados procedimentos online de análise do conteúdo das mensagens postadas, questionários abertos enviados por e-mail com o procedimento presencial da realização de entrevistas com grupo focal. No trabalho são destacadas algumas situações de conflito entre os participantes e observado o desenvolvimento das conversações no weblog.

Outro estudo destacado deste período é o trabalho de Moraes (2005, online)⁷⁷ que observa a discussão sobre a distribuição de material protegido com *copyright* pela internet. A pesquisa tem como *estudo empírico a observação da página do coletivo Sabotagem*. A análise apropria-se da noção de máquina de guerra proposta por Deleuze e Guattari, onde a distribuição de material protegido por direitos autorais seria uma tentativa de resistência ao pensamento mercadológico. A pesquisa teve a proposição de observar algumas obras e o histórico do website para observação da dinâmica de distribuição do material e fez uma revisão teórica sobre o tema. A inserção na rede é vista como um processo de convergência, onde a técnica se impõe sobre os conteúdos e as leis da sociabilidade concreta. A pesquisa evidencia os dois lados do conflito: de quem tenta proteger os materiais no online e dos que disseminam a cultura do compartilhamento de arquivos.

A questão da propriedade a partir do ciberespaço também foi recorrente em outros trabalhos como o de Malini (2005, online)⁷⁸ que observa a *dinâmica da produção digital partindo da dinâmica do movimento do software livre*⁷⁹. O trabalho dá espaço a uma revisão histórica sobre a produção desde alguns paradigmas como o taylorismo e o fordismo para

⁷⁶ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17831> (acesso em 13/9/2007)

⁷⁷ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17824> (acesso em 14/9/2007)

⁷⁸ Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/17816> (acesso em 14/9/2007)

⁷⁹ Trabalho destacado pelo interesse demonstrado a partir do tema de pesquisa.

chegar a sociedade pós-industrial. O autor se utiliza do ideário do movimento do software livre a partir da fundação do projeto GNU pelo programador Richard Stallman.

No ano de 2006, o Intercom teve sua XXIX edição e foi realizado na cidade de Brasília, no Distrito Federal. O Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Informação e Comunicação contou com o total de 41 trabalhos apresentados.

Como exemplo deste período mencionamos o trabalho de Fragoso (2006)⁸⁰ que traz *um estudo a partir do fenômeno de “invasão” dos brasileiros no website Orkut*, com relação ao número de usuários do Brasil ser muito maior do que o de outros países. A pesquisadora traz uma perspectiva de análise da representação das identidades dos usuários e a questão das identidades nacionais no website a partir da desconstrução do mito dos brasileiros como um povo acolhedor. O trabalho também observa a questão do desrespeito às regras do Orkut que não permite a criação de perfis falsos, nem muito menos a adição de pessoas desconhecidas como “amigos”. São utilizados pressupostos teóricos da antropologia como a contribuição de Roberto Da Matta para compreensão deste fenômeno.

Outro trabalho a ser destacado tendo em foco o mesmo objeto de estudos é o de Corrêa (2006) que observa a *dinâmica do Orkut a partir da perspectiva foucaultiana do poder*. A pesquisa traz a idéia de que a dinâmica aberta do Orkut e a publicização do privado permitem a reapropriação de mecanismos de controle e vigilância no ciberespaço. É feita uma análise de alguns mecanismos da página que permitem o exercício deste controle como o monitoramento dos que visitam os perfis dos usuários. São citadas algumas comunidades brasileiras como a *Orgulho Branco* e *Odeio Pretos* que não tiveram seus responsáveis criminalizados por conta de um anonimato. A pesquisadora cita o exemplo de empresas de recursos humanos que utilizam a página para buscar informações sobre candidatos aos empregos e outras utilizações que podem ser observadas a partir da perspectiva da vigilância.

Outro tema é o das implicações técnicas a partir do surgimento da web 2.0 como o trabalho de Aquino (2006) e Primo (2006). O novo mecanismo implica em novas possibilidades a partir onde as escolhas dos usuários manifestadas a partir dos hiperlinks podem constituir informações para retroalimentação do sistema e permitir mais personalização e uma dinâmica mais amigável. Aquino (2006) traz uma perspectiva do aproveitamento desta tecnologia como “uma estrutura de memória coletiva” onde as escolhas e informações inseridas no sistema informacional contribuiriam para a manutenção desta

⁸⁰ Os trabalhos de 2006 apresentados no congresso da Intercom não estão disponíveis online e foram consultados a partir do CD ROM dos anais.

memória. A pesquisadora seleciona *exemplos de websites 2.0 com relação aos da internet 1.0* e observa as principais implicações da tecnologia. Alguns websites como o Flickr (destinado a galerias virtuais de imagem) são observados pela dinâmica da web 2.0. Já o trabalho de Primo (2006) tem como objeto à abordagem das relações sociais a partir desta nova condição técnica, como, por exemplo, a banalização das relações sociais e o novo sentido de coletividade a partir de diferentes possibilidades de interação e personalização. Primo observa *os principais exemplos de aplicação da web 2.0*, já recorrentes de outros trabalhos, como o Orkut, Flickr, Wikipédia e outros para observação do aspecto relacional entre os usuários, especificamente, uma observação da dinâmica de desenvolvimento de hipertextos colaborativos.

Como um último destaque do ano de 2006 na Intercom, relatamos o trabalho de T.S.P. Johnson (2006) que tem como objeto de estudos a prática da busca de informações na web entre os jovens. A pesquisa parte de um *estudo de caso realizado com estudantes do curso de comunicação social da Universidade Federal de Minas Gerais*, que buscou observar o tipo de informação que os usuários procuravam a partir da internet, quais canais para busca são preferidos e quais as fontes de informação preferenciais para a vida cotidiana. Os procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa são descritos a partir de uma observação da conjuntura dos informantes que traz um panorama sobre os aspectos sócio-econômicos dos jovens. A pesquisa foi aplicada a partir de questionários com perguntas fechadas e abertas, feitas a 76 estudantes.

4.2 O Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura da Compós

A pesquisa com objetos de estudo localizados sobre o ambiente do ciberespaço, a partir dos congressos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), foi a primeira a estabelecer um grupo temático específico para as tecnologias da informação e comunicação. A primeira apresentação de trabalhos aconteceu no ano de 1996 na Cidade de São Paulo e o objetivo do grupo era o acompanhamento das inovações tecnológicas e a necessidade de repensar os conceitos da pesquisa em comunicação face ao objeto de estudos que, nesta época, já começava a ter notoriedade pública e exercer influência sobre as formas de organização social e a vida cotidiana dos agentes sociais. De 1996 até o presente momento, o grupo de trabalho pode acompanhar o estabelecimento e consolidação das tecnologias da informação e comunicação como objeto a partir dos

diferentes enfoques do GT constatados pelas ementas⁸¹ e também pela mudança de nome, que, desde a fundação, teve duas modificações: até 1996 chamava-se Comunicação e Sociedade Tecnológica, a partir de 2004 passou a se chamar Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade e, recentemente, após a edição de 2006 o GT adotou o nome de Comunicação e Cibercultura. Atualmente, o objetivo do grupo é o estudo das relações entre a comunicação e a cibercultura, esta última compreendida como as conexões entre as tecnologias da informação e comunicação com a cultura contemporânea. Nas edições do congressos da Compós o número de trabalhos é fixado em 10 apresentações em cada grupo de trabalho⁸². Faremos agora o rastreamento dos textos apresentados no período de 2002 a 2006, que se enquadrem no critério proposto por esta revisão.

No ano de 2002, o Grupo de Trabalho de Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade da Compós teve seu encontro durante o XI Congresso da Compós que aconteceu na Cidade do Rio de Janeiro.

Um exemplo de pesquisa deste período é o trabalho de Antoun (2002, online)⁸³ que faz uma reflexão sobre o papel das comunidades virtuais de representação política de diferentes grupos a partir do ambiente virtual. Antoun cita como recorte *acontecimentos políticos que tiveram parte de suas relações mediadas pelas tecnologias*, como o caso da *organização do movimento zapatista, o protesto acontecido em ocasião da reunião do G8 em Gênova na Itália e o atentado terrorista de 11 de setembro*. O pesquisador traz à discussão o panorama das comunidades virtuais no ciberespaço ao disputarem uma posição hegemônica e entrarem em tensionamento e negociação de suas posições através das ferramentas de interação. O autor se baseia na reflexão de Arquilla e Ronfeldt para a concepção de uma “sociedade civil global” formada pelas comunidades virtuais. Grupos de diferentes posicionamentos utilizam a arquitetura livre da internet e sua estrutura aberta para colocar suas reivindicações constituindo espécie de “guerra” onde os grupos se organizam e representam suas identidades.

Não distante desta discussão está o trabalho de Becker (2002, online)⁸⁴ que faz uma *discussão do ciberespaço e suas relações com a cidadania a partir da questão da inclusão*

⁸¹ As mudanças na ementa podem ser observadas em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/?page=ementa> (acesso em 11/03/2007)

⁸² Por conta desta regularidade não colocaremos o total de trabalhos apresentados em cada ano.

⁸³ Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2002/T1G4.PDF> (Acesso em: 12/03/2007)

⁸⁴ Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/MariaLuciaBecker.zip> (acesso em 15/07/2007)

*digital*⁸⁵. A autora coloca algumas questões que se referem às fronteiras do ciberespaço que têm relação com as questões estruturais de acesso às redes e a informação e também alguns elementos de competência cultural dos sujeitos para o ingresso na comunicação mediada por computador. São categorizadas algumas iniciativas públicas e de órgãos não-governamentais para a inclusão da população no mundo virtual e também na “e-cidadania” que é constituída da variedade de serviços públicos e informações que os cidadãos podem ter acesso através da internet. Deste modo, os governos ao postularem uma “e-cidadania” estão reforçando a necessidade de incluir digitalmente a população. A lógica operatória dos cidadãos participantes das redes não é uma constituição de uma comunidade democrática, mas da determinação de critérios de exclusão e inclusão, como, por exemplo, as condições materiais necessárias para o acesso à internet.

Outro trabalho deste mesmo período (Oliveira, 2002 online)⁸⁶ traz o contexto do ciberespaço na perspectiva da ficção científica com a discussão *da figura do ciborgue lançado na ficção científica a partir das narrativas cinematográficas e de obras literárias* que, pela ficção, trazem a discussão do ciberespaço. O autor destaca ficções como *Neuromancer* de William Gibson, e outras obras anteriores que pautaram, de certa forma, o imaginário tecnológico. O trabalho faz uma discussão da subjetividade a partir destas narrativas da ficção evocando a figura do *cyberpunk* como o fim das subjetividades modernas e como uma superação humana. A figura do ciborgue presente em ficções como *Neuromancer* e do filme *Robocop* é um híbrido entre a subjetividade humana representada pelo corpo material e também o maquinismo do cérebro perfeito e da superação do paradigma metafísico.

Para finalizar o ano de 2002 na pesquisa em comunicação mediada por computador na Compós registramos o trabalho de Santos (2002, online)⁸⁷ tendo como objeto de estudos *a perspectiva hacker do desenvolvimento colaborativo através da lógica do software livre*⁸⁸, especialmente do desenvolvimento do sistema operacional GNU/Linux. O autor utiliza em sua análise algumas das principais idéias e texto empíricos do desenvolvimento colaborativo como as contribuições de Eric S. Raymond e da ética hacker. Também é observada a dinâmica dos encontros de usuários de software livre que acontecem no hemisfério norte. O trabalho faz uma pequena revisão histórica do desenvolvimento dos programas de licença livre, passando pelas iniciativas de Linus Torvalds e Richard Stallman no empreendimento de

⁸⁵Trabalho destacado pelo interesse demonstrado a partir do tema de pesquisa.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/Fatima.zip> (acesso em 15/07/2007)

⁸⁷ Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/FranciscoCoelho.zip> (acesso em 15/07/2007)

⁸⁸Trabalho destacado pelo interesse demonstrado a partir do tema de pesquisa.

seus projetos. A discussão central se concentra na figura do hacker como um agente da lógica do software livre e os diferentes desdobramentos desta organização com suas lógicas e sistemas de valores próprios. A figura do hacker é percebida, pelo senso comum, como aquele que desenvolve o software livre, mas também como a ambivalência do cracker que testa suas habilidades a partir da prática de invasão de servidores e sabotagem eletrônica em websites.

No ano de 2003 aconteceu a XII edição do Congresso da Compós na Cidade de Recife, Estado de Pernambuco. Um dos trabalhos destacados é o trabalho de Marques (2003, online)⁸⁹ que faz uma observação *da apropriação do ciberespaço como um espaço político de comunicação*⁹⁰. A proposta do artigo é a discussão da validade ou não da compreensão da esfera pública apropriada a partir das redes e os mecanismos de participação cidadã presentes no ciberespaço. É observado o caráter de mudança que a esfera pública teve nas últimas décadas do século XX a partir do panorama habermasiano e também a relação com os meios de comunicação travada a partir de uma comunicação massiva. Marques cita o exemplo hipotético de uma cobertura de uma ocupação realizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ser narrada de forma diferente a partir da pluralidade de olhares propiciada pelas redes.

Outro trabalho deste período é a pesquisa apresentada por Santos (2003, online)⁹¹ que tem como foco o *estudo das relações entre o ciberespaço e o corpo com relação a sexualidade*. O objetivo principal foi à realização de um levantamento das relações do corpo com as tecnologias da informação e observar até que ponto o “humano” continua a ser pensado. Santos observa a dinâmica do *body building* presente nas academias e centros de estética das cidades. A relação tecnológica do corpo não é observada apenas no sentido de sua reapropriação no ciberespaço, mas também a partir de uma cultura do corpo presente na tecnologia das academias e também nas intervenções cirúrgicas e próteses desenvolvidas com objetivos estéticos.

Outro trabalho que pode ser destacado deste período é o da pesquisadora Paula Sibília (2003, online)⁹² que tem como *objeto de estudos os diários íntimos na internet, os weblogs e webcams*⁹³. O olhar é sobre a mudança das subjetividades contemporâneas que aceitam relatar aspectos íntimos de suas vidas na internet e compreendem um tempo de mudança na

⁸⁹ Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB4.PDF> (acesso em 24/5/2007)

⁹⁰ Trabalho destacado pelo interesse demonstrado a partir do tema de pesquisa.

⁹¹ Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB3.PDF> (acesso em 24/5/2007)

⁹² Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF> (acesso em 25/5/2007)

⁹³ Neste artigo, a pesquisadora Paula Sibília apresenta outros resultados da pesquisa apresentada no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), como podemos constatar com este levantamento.

compreensão dos espaços públicos e privados. Neste panorama, a modernidade construiu uma subjetividade enraizada em uma interioridade psicológica, esta, no cotidiano, está entrando em contato com uma perspectiva biográfica que “permeia o mundo ocidental”. A autora se utiliza, no início do texto, *de relatos produzidos em weblogs para ilustrar a discussão*. O apelo da escrita íntima construída através dos diários pessoais volta a ser personagem do cotidiano dos agentes sociais, após este modelo de escrita pessoal não ter um uso freqüente. A diferença no cotidiano é que estes diários pessoais, ao invés de possuírem um mecanismo sigiloso, são potencializados publicamente a partir das redes de informação. A questão principal do estudo é perceber como os weblogs e webcams se inserem entre as fronteiras do extremamente íntimo e do absolutamente público.

Outro estudo deste período é o trabalho de Simone de Sá (2003, online)⁹⁴ que tem como objeto *as apropriações tecnológicas da música eletrônica*. O trabalho faz um panorama da música eletrônica e seu caráter de bricolagem (sampleamento) assim como características próprias de uma constituição excessivamente tecnológica, repetitiva e não-musical. A autora faz uma busca *no conhecimento empírico em torno do Disc Jôquei (DJ)*. A questão é a exploração comunicativa da música eletrônica, já que sua gênese acontece a partir de tecnologias da informação e comunicação, e também as relações identitárias deste gênero de música com as tribos juvenis. Também a figura do DJ é problematizada como um autor desta bricolagem da música eletrônica. O DJ desafia os modelos modernos e os significados de público e música constituídos na história para inserir um personagem que a partir de outras músicas e da bricolagem destas músicas, torna-se outro artista realizando performances de discotecagem a partir do “ao vivo”.

No ano de 2004, foi realizada a XIII edição do Congresso da Compós que aconteceu na cidade de São Bernardo do Campo no Estado de São Paulo. O primeiro trabalho que destacamos deste período é o do pesquisador Paulo Vaz (2004, online)⁹⁵ que tem como foco a *discussão das possibilidades democráticas das redes*⁹⁶. A pesquisa é feita com base em *dados de um estudo realizado pela Universidade da Califórnia (UCLA)* sobre a utilização da internet chamada de *Surveying the Digital Future*. A análise feita na pesquisa é constituída a partir de dados quantitativos sobre os conteúdos e motivações de acesso dos usuários, como os principais interesses na rede e a medida de tempo que é gasto na socialização virtual a

⁹⁴ Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB8.PDF> (Acesso em 25/5/2007)

⁹⁵ Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_pv.pdf (acesso em: 25/5/2007)

⁹⁶ Por estar apoiada em outro estudo eminentemente quantitativo da universidade americana, e desta forma não apresentar profundidade empírica específica, esta pesquisa compõe o levantamento por apontar para a discussão sobre as possibilidades democráticas da rede e na discussão destas possibilidades.

partir dos chats e outros recursos de interação. O que se observa, a partir do panorama colocado por Vaz, é, ao invés de um ambiente descentralizado e horizontal, uma crescente centralização das informações devidamente reapropriada no ciberespaço

Outro exemplo é o trabalho de Primo e Recuero (2004 online)⁹⁷ que traz como objeto a questão dos *links* sobre aspectos políticos das redes. A partir de uma *observação com relação ao sistema de links utilizado na internet, tendo como um dos exemplos o serviço de indexação de links Google*, os questionamentos que conduzem o trabalho é de quem é o poder de criar os *links* e, da mesma forma, se é possível um *link* multidimensional ser construído coletivamente. Uma das questões é discutir o poder de criar *links* e também observar uma proposta de *links* colaborativos onde os usuários poderiam sugerir novos *links* a partir de uma estrutura chamada de “Co-link”. A questão da política de links é observada a partir do poder de *linkar* um *website* a outro e de determinar quais links serão utilizados em determinado *website*.

Outro trabalho do ano de 2004 é a pesquisa de Adriana Amaral (2004 online)⁹⁸ que tem como objeto de estudos *a ficção científica através de um gênero específico denominado cyberpunk*. A autora faz uma reconstituição histórica das narrativas das ficções científicas desde o século XIX até o surgimento do gênero *cyberpunk* nos anos 1980. Este gênero foi fundado a partir de ficções como *Neuromancer*, escrito por William Gibson em 1984, que trazia em sua narrativa, de forma evidente, uma imagem de como esta tecnologia era apropriada a partir do cotidiano social dos agentes sociais. A questão central é como o avanço da ficção científica, desde o século XIX até o surgimento do *cyberpunk*, continua a permear o imaginário da cibercultura e dos que participam destas redes de informações. O imaginário gótico continua presente na prática dos sujeitos que apropriam isto a partir de suas roupas, tatuagens, acessórios e comportamentos.

Como último exemplo do ano de 2004, destacamos o trabalho da pesquisadora Paula Sibilia (2004, online)⁹⁹ que tem como foco *a questão dos weblogs com relação à temporalidade do digital*. O trabalho traz como ilustração alguns *dados quantitativos do empírico com relação ao uso da ferramenta*, como o da média de atualização dos weblogs estudados fixada em 14 dias e que apenas uma parte menor é atualizada com mais frequência. No olhar empreendido pela pesquisa, os blogs teriam uma função de “recuperação do tempo

⁹⁷ Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_ap.pdf (acesso em: 25/5/2007)

⁹⁸ Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_aa.pdf (acesso em 25/5/2007)

⁹⁹ Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_ps.pdf (acesso em 14/9/2007)

perdido” face à compressão temporal colocada pelas tecnologias de informação e comunicação. A autora coloca dois aspectos ligados a questão da identidade e que estão presentes nos weblogs neste sentido: a idéia de interioridade e o passado como um elemento de construção do eu.

No ano de 2005 aconteceu a XIV edição do Congresso da Compós que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. Um dos trabalhos observados por este levantamento foi o de Alex Primo (2005 online)¹⁰⁰ que atenta para a questão da cooperação e do conflito a partir das dinâmicas do ciberespaço. Partindo de uma revisão teórica inicial, o autor destaca como as dinâmicas de cooperação e conflito acontece na web por meio de *exemplos empíricos como as comunidades do Orkut e as redes P2P para compartilhamento de arquivos*. A forma com que a internet é compreendida pelo senso-comum tem significação para um ambiente de trocas, cooperação e horizontalidade característicos da questão colaborativa entre todos os que participam da rede. No entanto, Primo destaca que as relações de conflito, que fazem parte da apropriação humana da comunicação mediada por computador, não são compreendidas neste contexto. A partir do Orkut, o autor destaca os mecanismos de interação disponíveis para classificação das relações sociais que estimulam a criação de laços e conseqüentemente a cooperação, assim como algumas tecnologias que contribuem para o afastamento dos usuários como o RSS que permite saber a atualização de um blog sem que seja necessário o acesso à página nem muito menos a participação nos comentários. Também as redes de troca de arquivos onde os arquivos são ofertados coletivamente, mas há certo anonimato entre os usuários que partilham as informações.

Outro trabalho deste período é o do pesquisador Fábio Malini (2005, online)¹⁰¹ que tem como objeto de estudos as redes de relacionamento e troca de arquivos na internet chamadas de *peer to peer*, ou P2P. *O foco do trabalho é um estudo de recepção com usuários do software de troca de arquivos Napster*, a partir da perspectiva teórica de Jesús Martín-Barbero para a questão da recepção e da mediação e também de Antonio Negri com o olhar sobre a questão do trabalho imaterial. O artigo inicia com uma explicação do funcionamento da dinâmica do P2P e as questões políticas acontecidas com o Napster, que se tornou um ícone da troca de arquivos por ter sido o primeiro programa do gênero e também por ser alvo de conflitos judiciais com as indústrias fonográficas e artistas. O pesquisador utiliza depoimentos de usuários coletados de listas de discussão sobre o programa. Os

¹⁰⁰ Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_ap.pdf (acesso em 25/5/2007)

¹⁰¹ Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_fm.pdf (acesso em 26/5/2007)

posicionamentos evidenciam a postura da utilização do P2P como uma liberdade do esquema de distribuição das grandes gravadoras. A perspectiva das mediações foi demonstrada a partir destes depoimentos que revelavam como os usuários apropriavam o uso do Napster em suas vidas cotidianas.

Outro trabalho destacado do ano de 2005 é o de Júlio Valentim (2005, online)¹⁰² que trata dos impactos da comunicação móvel, através de aparelhos celulares e conexões sem fio, no ambiente das cidades, sobretudo as mobilizações sociais denominadas de *smartmobs*. O artigo observa alguns casos empíricos de utilização das tecnologias para organização de mobilizações sociais, como a mobilização mediada por mensagens de celular ocorrida nas Filipinas, para renúncia do presidente Joseph Estrada no ano de 2001. Também cita o caso espanhol do atentado terrorista da Al Qaeda na cidade de Madrid, em 2004, onde o presidente creditou a autoria dos atentados ao grupo separatista ETA, no entanto, no dia da nova eleição, uma grande circulação de mensagens SMS impediu a reeleição do governante. De acordo com o pesquisador, a oferta de espaços de comunicação e tecnologias com poder de mobilidade tem permeado o imaginário das cidades e dos agentes sociais que podem construir suas inteligências coletivas a partir de diversos espaços.

Como última mostra do ano de 2005, destacamos a pesquisa de Raquel da Cunha Recuero (2005, online)¹⁰³ que lança a proposta de discussão sobre as redes sociais formadas a partir da comunicação mediada por computador e a apropriação dos conceitos de capital social. A proposta introduz os principais conceitos de capital social, considerando os dois principais elementos das redes sociais: atores e suas conexões. O estudo parte de *exemplos empíricos de utilização do capital social das redes a partir de comunidades do website Orkut e dos weblogs*. Uma das principais idéias de capital social utilizadas é o conceito bourdieano que entende que este capital social não está localizado nas pessoas, mas “nas relações entre estas pessoas”. Um dos exemplos empíricos é a comunidade do Orkut chamada *Pesquisa em Comunicação* que tem um nível baixo de interação e, por conseqüência, pouco estabelecimento de laços sociais. Nesta comunidade o capital social acumulado foi definido a partir da reunião de pessoas do mesmo interesse e o acúmulo de informações (capital cognitivo). Já outro exemplo de comunidade destacada, chamada *Ciberidea*, tem laços sociais mais intensos e bom nível de interação entre os membros. Uma terceira, chamada *Eu Odeio Segunda-feira*, onde o caráter da comunicação é mais efêmero. A autora também observa a

¹⁰² Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_jv.pdf (acesso em 27/5/2007)

¹⁰³ Disponível em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/28/raquelrecuero.pdf> (acesso em 16/7/2007)

questão do capital social através da rede de *weblogs*, onde há uma grande potencialidade para o surgimento de laços sociais mais fortes.

No ano de 2006 o congresso da Compós aconteceu na cidade de Baurú, estado de São Paulo. Um dos trabalhos que destacamos deste período é o de Nickel e Tonin (2006) que trazem a discussão da sexualidade e do imaginário presente na cibercultura. *O foco do estudo é o imaginário das relações sexuais estabelecidas através das tecnologias da informação*, tanto de forma mediada pelas máquinas, como também as relações com as máquinas. *A partir da análise de dois filmes que trazem este imaginário tecnológico, o Passageiro do Futuro e Inteligência Artificial*, as autoras trazem a maneira com que estas relações são compreendidas de uma forma diferente da enunciada por Georges Bataille que compreende a relação a partir do presencialismo, de outro que se entrega. A observação é feita a partir do recorte de cenas dos filmes e da análise dos diálogos dos personagens a partir da representação deste novo sexo mediado pelas tecnologias. Como conclusão, observa-se que este imaginário, apesar de expressar uma condição contemporânea, está limitado as vacilações da tecnologia que estruturalmente pode apresentar falhas e fazer com que esta relação se esmaça. Esta "perfeição" do sexo virtual está então condicionada a uma condição do efêmero.

Outro exemplo deste período é o artigo de Bruno (2006) que tem como objeto *os dispositivos de vigilância do ciberespaço e a relação destes dispositivos com a representação das identidades*. O artigo utiliza como um dos exemplos *o serviço de e-mail gratuito GMail, fornecido pelo Google*, que, em contrapartida, vasculha eletronicamente o conteúdo das mensagens e agrega esta referência exibindo anúncios relacionados. Um dos exemplos é o de uma mensagem que continha a palavra viagem e, imediatamente, após o usuário ter enviado os e-mails, surgem anúncios de agências de turismo. Em termos de discussão identitária, a inferência destes bancos de dados nos usuários é a de propor uma experiência performativa que cria novas identidades a partir de escolhas que necessariamente não faziam parte do contexto dos agentes sociais. Um exemplo concreto são os formulários de escolha de assuntos ou interesse por determinados produtos que muitas vezes trazem opções desconhecidas a quem está preenchendo. O autor cita casos como o do site de relacionamentos Orkut como um grande laboratório de experiências sobre comportamentos de consumo.

Outro exemplo de 2006 é a pesquisa de Pereira de Sá (2006) que tem como objeto de estudo *as apropriações da música e a reprodutividade a partir de tecnologias do ciberespaço*. Empiricamente, o estudo *observa as tecnologias, desde o surgimento das mídias eletromagnéticas até o digital*, a caminho do que autora chama de comodificação da música. Esta

trajetória é percebida como não-linear e com variados usos. A commodificação musical acontece a partir do pertencimento a uma espécie de cânone cultural que teve seu início com as expressões musicais que eram registradas em partituras e aquelas que eram transmitidas a partir da oralidade até o surgimento das mídias de armazenamento. Com a cibercultura, o que se percebe é uma descentralização da música como *comoditie* e a formação de redes de distribuição midiáticas como o peer to peer (P2P) que permitem a difusão em massa de produtos culturais. Estas modificações referem-se não apenas a mudanças em circunstâncias de recepção, mas também possibilitam uma nova dinâmica de produção cultural.

Como último recorte deste período temos o trabalho de França (2006) que traz *uma abordagem da questão identitária com relação aos nicknames (apelidos) utilizados na rede*. A partir do pensamento de autores como Anthony Giddens, Norbert Elias e Anselm Strauss o estabelecimento das identidades é concebido de uma forma conflituosa. A interpretação da apropriação dos *nicknames* como formas de representação das identidades assume um caráter de efemeridade para autora. Como técnica, o estudo traz um recorte a partir de três faixas etárias dos usuários de 15 a 20 anos, de 20 a 30 anos e de 30 a 40 anos *pesquisados a partir de um dos ambientes de representação que é o chat do provedor UOL*. As amostras foram coletadas a partir da observação das conversas e o registro dos textos produzidos pelos usuários participantes. A partir daí procurou-se identificar nos extratos a compreensão das identidades expressa pelos autores do quadro teórico: Strauss, Giddens e Elias. A realização deste estudo, de acordo com as conclusões do trabalho, permite uma compreensão destes fenômenos e a derrubada de mitos como o de um novo contexto de representação, quando na verdade o que acontece são diferentes apropriações das estruturas já vivenciadas no presencial.

4.3 O Grupo Temático Comunicação e Sociedade da Alaic

Nesta parte, observaremos a pesquisa sobre comunicação mediada por computador com objetos empíricos nos congressos da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (Alaic) a partir do mesmo período de tempo observado nos congressos brasileiros: do ano de 2002 a 2006. Na entidade latino-americana, a apresentação de trabalhos na área específica de comunicação mediada por computador iniciou no ano de 2002, no congresso realizado na cidade de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. O grupo temático foi criado com o nome de *internet y comunicaciones mediadas por computadora*. Atualmente o

grupo chama-se Comunicação e Sociedade da Informação e tem expresso em sua ementa¹⁰⁴ os seguintes objetos de estudo: (1) a convergência dos meios de comunicação "tradicionais" e "novos" no contexto da sociedade da informação; (2) o trânsito da comunicação organizacional à comunicação estratégica; propostas metodológicas para o estudo das comunidades virtuais para a informação, educação, entretenimento, difusão cultural e o mundo do trabalho e (3) Internet como novo espaço público das comunicações. Como o encontro da Alaic aconteceu de dois em dois anos até 2006, este levantamento abrangerá os congressos de 2002, 2004 e 2006. Começaremos, neste instante, pelo primeiro ano de apresentações dos trabalhos.

A primeira apresentação do grupo temático destinado às tecnologias teve a participação de 13 trabalhos, com pesquisadores de diversos países da América Latina e também uma pesquisa do Canadá. Um dos trabalhos que destacamos é o do pesquisador Luis Ulloa, (2002, online)¹⁰⁵ do Chile, que faz uma *observação da potencialidade das comunidades virtuais como espaços de aprendizagem da comunicação*. O ponto de partida do pesquisador são *duas investigações realizadas com exemplos de ensino da comunicação social mediado pelo computador* nas redes telemáticas. Um primeiro projeto de educação à distância sobre informação visual e o estudo realizado na dissertação de mestrado sobre a formação dos estudantes de jornalismo. No início o autor revisa teoricamente alguns autores que travaram uma discussão sobre a questão da técnica, tal como Jürgen Habermas e percepções filosóficas a partir de Martin Heidegger e apropria estas reflexões sobre a técnica a partir do cotidiano. Ulloa traz uma distinção entre *enclaves* e comunidades culturais apoiada nas idéias de David Chen, onde os *enclaves* seriam os grupos com um caráter mais efêmero, com uma formação mínima e objetivos não muito bem estabelecidos e as comunidades seriam aquelas formadas por usuários que têm maior compromisso. A pesquisa também traz *registros de conversas dos estudantes e avalia estas comunicações, que aconteceram via IRC*, a partir de cinco dimensões: participativa, social, interativa, cognitiva e meta-cognitiva.

Outro trabalho de 2002 é o da pesquisadora Teresa Tovar Peña (2002, online)¹⁰⁶, do México, que tem como objeto de estudo os jogos eletrônicos a partir do ambiente das redes. Como objetos empíricos são tomados *os meios de divulgação dos jogos, como as revistas*

¹⁰⁴ Texto da ementa disponível em: http://alaic.net/grupostematicos/internet_soc_info.htm (acesso em 20/05/2007)

¹⁰⁵ Disponível em: [http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm](http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT%20Internet%20y%20Comunicaciones.htm) (Acesso em 1/6/2007)

¹⁰⁶ Disponível em: [http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm](http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT%20Internet%20y%20Comunicaciones.htm) (Acesso em 20/9/2007)

online especializadas. A pesquisa procura traçar tipologias sobre os jogos online como características próprias e segmentação a partir dos gêneros. Também são trazidos alguns dados sobre sua disponibilidade no ambiente online a partir de conteúdo disponível em língua espanhola. Na internet, estes jogos estão relacionados com a questão da publicidade e também oferecem aos usuários novas formas de sociabilidade a partir da troca de dicas e mensagens sobre os games.

A questão da telepresença é observada no trabalho do pesquisador Amaro Pinedo, do Perú (2002, online)¹⁰⁷, que visa fornecer tipologias para os usuários da internet. Apesar de a pesquisa não trazer estudo de casos pontuais, o texto é aberto com *um relato empírico da observação de jovens peruanos frente ao computador em um posto público de acesso*. Esta observação é posta como premissa para o desenvolvimento do restante do trabalho. A seguir, procura-se traçar tipologias de uso e consumo das redes. Também são desenvolvidas caracterizações da tele presença dos usuários partindo da relação e apropriação feita da comunicação mediada por computador. A telepresença seria então a “experiência sensorial da própria presença em espaço virtual”.

Como último exemplo de 2002, observamos o trabalho de Adriana Casali (2002, online)¹⁰⁸, do Brasil, que traz a discussão da internet como *espaço público, meio de comunicação e ambiente de negócios*. O objetivo é compreender as imbricações entre as três apropriações. No caso do espaço público são utilizados *exemplos de páginas que tem o objetivo filantrópico da oferta de doações a entidades a partir do clique dos usuários*. São feitos alguns cruzamentos com o potencial comunicativo da rede e a possibilidade do desenvolvimento de negócios como uma relação de potencialidade do comércio eletrônico e os recursos interativos.

No ano de 2004 aconteceu a VII edição do congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação, na cidade de Buenos Aires, Argentina. O grupo temático Internet e Sociedade da Informação contou com a apresentação de 27 comunicações científicas.

Um primeiro exemplo de trabalho deste período é o de Rocco Junior (2004 online)¹⁰⁹, do Brasil, que tem como objeto empírico *as torcidas virtuais de futebol*. O estudo tem como

¹⁰⁷ Disponível em: [http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm](http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT%20Internet%20y%20Comunicaciones.htm) (Acesso em 20/9/2007)

¹⁰⁸ Disponível em: [http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm](http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT%20Internet%20y%20Comunicaciones.htm) (Acesso em 20/9/2007)

¹⁰⁹ Disponível em http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p9.html (acesso em 20/9/2007)

foco a questão da sociabilidade online e a apropriação das relações do concreto a partir do ciberespaço. Em termos empíricos, a pesquisa se utiliza de veículos especializados em futebol, como a revista Placar, para observar como os times se utilizam de suas representações online para estabelecer relações com seus torcedores. Estas relações, geralmente estão ligadas às atividades de consumo. A conversão do torcedor em torcedor-consumidor foi mapeada pelos veículos a partir do acompanhamento dos sites dos clubes.

Outro exemplo é o trabalho de Cortazar Rodríguez (2004 online)¹¹⁰, do México, que tem como objeto de estudo *as lendas urbanas que são comunicadas através da internet*. A atenção recai sobre o imaginário popular quando este é comunicado e compartilhado através das redes. O autor especifica alguns pontos para identificação das lendas urbanas que se resumem em tipos de variantes das narrativas e a falta de veracidade, parcial ou integral, das histórias contadas. Também se procura caracterizar os tipos de rumores que circulam pela internet em categorias que variam desde rumores sobre vírus de computador, correntes mágicas, correntes de solidariedade, falsas informações sobre produtos/serviços até desenhos e histórias cômicas. O autor destaca empiricamente alguns destes rumores, como os primeiros boatos sobre vírus de computador surgidos em 1988 e também as lendas sobre o vírus da AIDS transmitido a partir dos assentos dos cinemas, e faz uma observação a partir dos pontos de identificação.

A pesquisa de Tanya Serrano (2004, online)¹¹¹, da Bolívia, tem como objeto de estudo *o processo de comunicação mediada por computador a partir das salas de chat*. A pesquisa tem como *estudo de caso o canal de IRC chamado #Cremacamba, da cidade de Santa Cruz de La Sierra*. A pesquisa parte de uma observação dos mecanismos de comunicação utilizados no IRC como uma lista das pessoas que estão em uma mesma sala, um espaço coletivo para troca de mensagens e um campo para interação do usuário com este espaço. São feitos cruzamentos teóricos com a trajetória de pesquisa dos estudos culturais, pensando a perspectiva das mediações colocada por Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco.

Como último exemplo do ano de 2004, destacamos o trabalho de Portugal Escóbar e Cortassa Amadío (2004 online)¹¹² que tem como objeto de *estudo o desenvolvimento do software livre a partir das redes e o aporte de conhecimento*¹¹³. Os autores observam as reflexões feitas a partir de Jesús Martín-Barbero que denuncia as contradições das integrações regionais e a lógica do global a partir da América Latina e

¹¹⁰ Disponível em: http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p5.html (acesso em 8/6/2007)

¹¹¹ Disponível em: http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p12.html (acesso em 19/9/2007)

¹¹² Disponível em: http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p25.html (acesso em 11/07/2007)

¹¹³ Trabalho destacado pelo interesse demonstrado a partir do tema de pesquisa.

também o panorama enunciado por Castells da rede e os tipos de cultura identificados neste contexto: a cultura da investigação, a cultura hacker, a cultura da contracultura e a cultura empresarial. A partir de Castells, os autores relacionam a dinâmica do software livre com o princípio da internet e da microinformática, marcados por uma característica libertária a “cultura da liberdade” presente nos meios acadêmicos em que os programadores e engenheiros de computação obtiveram suas formações.

No ano de 2006, aconteceu o VIII Congresso da Alaic, realizado no Brasil. Neste período o grupo temático estudado teve um crescimento no número de comunicações apresentadas com 33 trabalhos, a maioria de autores brasileiros. Deste total, apenas sete trabalhos foram de autores de outros países da América Latina.

Um primeiro trabalho deste período é o de Castro (2006, online)¹¹⁴ que tem como objeto de estudo *a pirataria através dos softwares que permitem a troca de arquivos pela internet*¹¹⁵. A proposta da autora é abordar outras questões sobre o tema do direito autoral, como as licenças *copyleft* que permitem a cópia e a alteração dos arquivos conforme níveis de permissão estipulados pelos autores. O trabalho traz dados quantitativos com relação à pirataria e revela que a grande brecha para a proliferação das cópias ilegais foi a digitalização dos formatos de distribuição com o surgimento do *Compact Disc*. A autora observa que a dinâmica da bricolagem e da construção colaborativa da informação são formas de produção que têm sido favorecidas através das novas tecnologias de informação e comunicação.

Outro trabalho do período de 2006 é o da pesquisadora Raquel Recuero (2006, online)¹¹⁶ que tem como foco de *estudo o capital social nas redes de relacionamento organizadas através do website de relacionamentos Orkut*. Recuero apóia-se em diversas noções de capital social que partem da perspectiva de Pierre Bourdieu e são complexificados e adaptados a partir da visão de outros autores como Gyarmati e Kyte que trazem a noção de *investimento* do capital social. As pessoas, através do Orkut investem em determinados laços sociais para que eles tenham mais coesão. São colocados dois níveis de capital social, um primeiro que parte dos indivíduos e um segundo que parte de uma coletividade. A pesquisa traz noções tipológicas sobre o capital social como contribuição às análises. Outro conceito é o de *memes*, que se dedica ao estudo da difusão das idéias pelas redes sociais: como algumas idéias ganham força e certa perenidade ao passarem através dos laços sociais e como outras

¹¹⁴ Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Castro.pdf (acesso em 11/06/2007)

¹¹⁵ Trabalho destacado pelo interesse demonstrado a partir do tema de pesquisa.

¹¹⁶ Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_daCunha.pdf (acesso em 11/06/2007)

perdem sua força e caem no ostracismo. O estudo observa características da competição no *website* de relacionamentos, a partir de frentes específicas de visibilidade social e status/reputação. Neste sentido a cooperação e o conflito são identificadas como dinâmicas sociais concomitantes.

Outro trabalho do período é o das pesquisadoras Susana, Monje e Loyola (2006, online)¹¹⁷, da Argentina, que tematizam *a questão da inclusão digital tendo como estudo de caso a inclusão dos estudantes de uma escola da cidade de Córdoba*. O trabalho coloca um panorama da necessidade de incluir digitalmente as populações e procura integrar a questão política ao contexto latino-americano. A pesquisa empírica foi realizada com um grupo de adolescentes de 15 a 16 anos de 11 alunos entre homens e mulheres e procurou abordar o quanto os jovens estavam integrados ao conhecimento tecnológico. Foram utilizados relatos dos informantes para exemplificação no texto. Observou-se ainda que os jovens, muitas vezes tinham domínio tecnológico para utilização, mas necessitavam de outras competências para fazer uso das redes.

Como um último exemplo de 2006, destacamos o trabalho da pesquisadora argentina Sílvia Lago Martinez, (2006, online)¹¹⁸ que tem como objeto de estudo *a intervenção política dos movimentos sociais a partir do ambiente das redes*. O foco é uma observação de como os movimentos sociais antiglobalização e fóruns de discussão política, como encontro do exército zapatista (EZLN) em 1996, os protestos da cidade de Seattle em 1999, e a realização do Fórum Social Mundial, se utilizam das possibilidades de interação do ciberespaço para fomentar suas relações sociais. O estudo empírico foi realizado a partir do *acompanhamento a websites, entrevistas e coberturas de eventos como o Fórum Social Mundial e outras movimentações das representações sociais*. De acordo com a autora a rede, de certa forma, permite que os movimentos sociais tenham uma organização tão global quanto os movimentos globalizantes contra os quais se dirige sua atuação. As principais mensagens que denotam esta intenção estão em que “as nossas resistências são tão globais quanto o capital”. São organizadas, a partir deste pensamento, fluxos de informação específicos (contra-informação).

Após termos percorrido esta trajetória, podemos refletir sua importância com relação ao nosso estudo. Podemos adiantar que uma das vantagens é observar a variação das inter-relações possíveis entre objetos empíricos e desdobramentos teóricos no sentido de visualizar

¹¹⁷ Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Morales.pdf (acesso em 20/09/2007)

¹¹⁸ Disponível em http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Lago.pdf (acesso em 13/07/2007)

caminhos percorridos pelas ciências da comunicação. De forma geral, podemos observar que a trajetória da pesquisa com objetos empíricos passou por um processo de amadurecimento e evolução, reproduzido parcialmente no período observado neste levantamento. A pesquisa inicial, muito marcada em enunciar novas possibilidades tecnológicas, foi passando por um processo de complexificação que permitiu abrir mão do fascínio tecnológico e lançar um olhar mais aproximado dos objetos de investigação. Como demonstra Edgar Gómez (2006, online)¹¹⁹, passados mais de 10 anos da efetivação da internet como mediadora de relações sociais e canal de comunicação, o que vivemos agora é um momento de *institucionalização* e a abordagem das redes a partir de um local de uso já integrado ao cotidiano dos agentes sociais, despedido de sua mensagem de mera inovação tecnológica.

Uma contribuição para este momento é a proposta de Sivaldo Pereira da Silva (2007, online)¹²⁰ que propõe uma revisão sobre a trajetória da pesquisa em comunicação e cibercultura a partir de objetos empíricos. O trabalho observa a trajetória de pesquisa durante os últimos 15 anos e também aponta para alguns modelos e vetores metodológicos. Pereira da Silva propõe que a *web repete o mesmo ciclo de vida dos outros medias* divididos em (1) invenção técnica, (2) penetração, (3) crescimento, (4) maturidade, (5) auto-defesa e (6) adaptação. Citando Cohen Avigdor e Lehman-Wilzig ele traz a idéia de que a internet já estaria neste sexto e último estágio. O mapeamento vem desde um primeiro momento onde a pesquisa com os objetos das tecnologias da informação e da comunicação seriam “idealizadoras quanto às potencialidades”, passando por um estágio onde as tecnologias estariam inseridas na vida dos agentes sociais, até um terceiro momento onde as TIC’s estão alcançando uma *maior maturidade metodológica*. Ele considera que a pesquisa com objetos empíricos foi sendo atravessada por outros vieses que mantêm um diálogo entre si:

Difícilmente pode-se afirmar que não existiram fases ou estágios de mutação desta área de conhecimento nos últimos anos, assim como, dificilmente pode-se pressupor que a sucessão de tais estágios ocorreu de forma linear ou que o surgimento de um suplantou a existência do anterior. De todo modo, estas transformações confluíram para o surgimento de diversos *fronts* de pesquisa empíricas em comunicação e cibercultura com ênfases e focos diferenciados, mas que coexistem e se relacionam (PEREIRA DA SILVA, 2007 online)¹²¹.

¹¹⁹ Disponível em http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Gomez.pdf (acesso em 12/06/2007)

¹²⁰ Esta pesquisa foi apresentada durante a reunião do GT Comunicação e Cibercultura durante a XVI Compós, realizada na cidade de Curitiba em 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_175.pdf (acesso em 7/7/2007)

¹²¹ Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_175.pdf (acesso em 7/7/2007)

Partindo destes *fronts* de pesquisa, o que observamos, tendo em vista o contato com construções teóricas que tematizam as tecnologias, é a atenção de áreas, como os estudos culturais, para a pesquisa com a comunicação mediada por computador. Pelo menos alguns estudos como os de Johan Förnäs (2002), Cristine Hine (2000 online) e Joan Mayans (2003, online) sinalizam novas perspectivas metodológicas que combinam conhecimentos da antropologia interpretativa e métodos diferentes de investigação sociológica. Observa-se a postulação do estudo da cibercultura por novos olhares teóricos e diferentes métodos de observação do que se passa no ambiente das redes. Particularmente nos estudos culturais, os *cibercultural studies*, protagonizados por Fornäs e outros autores, têm uma inclinação ao aproveitamento da trajetória dos estudos de recepção face à comunicação mediada pelas redes telemáticas. No entanto este aproveitamento constitui um desafio às diferentes abordagens comunicacionais que se dedicam a incorporar estes “novos” objetos, de forma particular os estudos sobre comunicação e cultura, que precisam por em diálogo as técnicas de pesquisa, como a aproximação etnográfica, para compreender a forma fluída de circulação da cultura no ambiente informacional.

5. A IDENTIDADE CULTURAL DO DEBIAN-RS

Esta parte do trabalho será dedicada às observações feitas junto ao Debian-RS. Nossa proposta será a de, inicialmente, colocar o ponto de partida desta observação, relatando a forma com que aconteceu a aproximação com o objeto, as implicações das técnicas utilizadas e a descrição específica do processo de investigação. Posteriormente iremos traçar elementos-chave com a intenção de oferecer direcionamentos na observação de dois vetores que nortearam as questões de pesquisa: observar qual é a identidade cultural do Debian-RS e relacionar os conflitos presentes nesta formação.

Tal como vimos nas opções metodológicas, nossa intenção é a de realizar a pesquisa pela apropriação de algumas técnicas da aproximação etnográfica combinadas com outras evidências do objeto, a partir de dados quantitativos e evidências da observação online. Para tanto, faremos uso da perspectiva *interpretativa* de investigação, a partir da reconfiguração proposta por Clifford Geertz (1989) e a interpretação das culturas. Mais do que observar a construção dos discursos identitários, esta opção permite que sejam compreendidos os conflitos, mesmo que este caminho metodológico esteja ainda em processo de delimitação (GARCÍA CANCLINI, 2006 p. 115). Partindo deste cenário, recusamos qualquer pretensão de fornecer relatos totalizantes sobre o grupo estudado, primeiro pela impossibilidade de fornecer estes relatos e segundo por nos colocarmos em uma condição da não instalação de “autocertezas” que consideram, de certa forma, a polifonia e a possibilidade discursiva do trabalho junto ao campo (CLIFFORD, 1998 p. 43). Falamos da postura do pesquisador que lança seu olhar sobre um determinado objeto, acionando seus próprios repertórios culturais, expectativas particulares e cosmovisão. Esta parcialidade, entretanto, deve estar disposta a desconstruir premissas e colocar certezas e escolhas pessoais sempre em posição dialógica. James Clifford em sua obra sobre a questão da autoridade etnográfica coloca esta questão a partir da necessidade de uma “suspeição hermenêutica” no sentido de mantermos a desconfiança sobre as certezas da investigação, mesmo quando o fato de estar presente nos locais e falar diretamente com os informantes empreste sua legitimidade à pesquisa:

A autoridade polifônica olha com renovada simpatia para compêndios de textos em língua nativa – formas expositivas distintas da monografia centralizada num só tema e ligada à observação participante. Agora que aquelas ingênuas afirmações da autoridade presencial foram submetidas à suspeição hermenêutica, podemos antecipar uma atenção renovada à interação sutil entre componentes pessoais e disciplinares da pesquisa etnográfica (CLIFFORD, 1998 p. 58).

Teremos, a partir da produção dos discursos/textos pelos usuários, o caminho principal para a investigação. O foco de observação reside nos momentos de produção destes discursos, seja a partir de uma situação espontânea, seja a partir das entrevistas. As experiências do pesquisador e propriamente as falas dos usuários são materializadas no texto que serve como instrumento para interpretação etnográfica:

Deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor (CLIFFORD, 1998 p. 21).

Dentro disso, é necessário identificar onde a constituição destes discursos acontece de forma mais presente. Nossa observação recai sobre a incidência de *discussões não-técnicas* nestes espaços particularmente direcionadas a necessidade de discussão dos posicionamentos políticos e conflitos.

5.1 A lista de discussão do Debian-RS como espaço de interação online

O Debian-RS possui pelo menos quatro espaços constituídos de interação online: (1) o website do Debian-RS que possui um sistema de comentários sobre as notícias, (2) a comunidade do Debian-RS no website de relacionamentos Orkut, (3) um canal de Internet Relay Chat (IRC) disponível na rede *freenode.net* e (4) a lista de discussão por correio eletrônico da comunidade. O que observamos foi uma disparidade com relação ao fluxo das interações nestes quatro espaços: os três primeiros têm baixa circulação de mensagens, se considerarmos como parâmetro uma retroalimentação semanal mínima. O website do Debian-RS, durante os anos de 2006 e 2007, recebeu apenas quatro atualizações de notícias¹²², a comunidade do Debian-RS no Orkut¹²³, da mesma forma, possui apenas três tópicos de discussão dos assuntos com atualizações no ano de 2007, assim como o canal de IRC¹²⁴ que não está sendo freqüentado regularmente pelos usuários conforme observamos através de visitas semanais feitas durante 2007, em horários alternados. Um dos diálogos observados na lista de discussão do grupo relata a inatividade do canal de IRC do Debian:

Mateus mateusluvison em gmail.com
Terça Maio 29 12:40:27 BRT 2007

¹²² As notícias podem ser observadas na página inicial do website: <http://www.debian-rs.org/> (acesso em 2/11/2007)

¹²³ Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6161774> (acesso em 2/11/2007)

¹²⁴ Para acessar o canal #debian-rs é necessário ter um programa cliente de IRC e realizar conexão no servidor irc.freenode.net.

(...) A alguns dias estou entrando no canal do grupo no irc mas ate hj nao dei sorte de encontrar alguem do grupo que estivesse conectado.

André Felipe Machado andremachado em techforce.com.br
Terça Maio 29 22:30:21 BRT 2007

Olá, Mateus Bem vindo.
 Infelizmente, o irc do debian-rs não está muito povoado ultimamente...Até agora há pouco eu estive conectado por 1 hora, sozinho. (...)

Como um elemento constitutivo da dinâmica das comunidades de software livre, a lista de discussão por correio eletrônico¹²⁵ é o principal canal de interação online dos usuários do Debian-RS e será considerada nas observações como uma evidência do objeto, a partir da comunicação online. Há uma relação histórica dos usuários com as listas de discussão por conta de ter sido o espaço que permitiu o desenvolvimento do software livre, desde Richard Stallman, em 1984 até a iniciativa do Debian por Ian Murdock em 1993, passando pela programação do kernel de Linus Torvalds em 1991. As listas sempre foram uma forma de congregar os usuários a trabalharem nos projetos de desenvolvimento e discutir direcionamentos. Os rituais de entrada no Debian-RS, e em boa parte dos grupos de usuários e desenvolvedores de GNU/Linux, estão ligados à adesão a lista de discussão da comunidade. Nosso trabalho de acompanhamento neste ambiente foi iniciado em agosto de 2006, com a inscrição do pesquisador como participante da lista de discussão do Debian-RS. Apesar de já termos tido algumas experiências com software livre, esta ocasião, junto com a experiência presencial, significou nosso primeiro contato com as distribuições Debian e com o Debian-RS como grupo de usuários. O sentido de pertencimento ao grupo é significado também a partir do pertencimento a lista em estar recebendo as mensagens dos outros usuários, mesmo que o canal de comunicação não apresente um nível de retroação muito alto. Isto apareceu nas observações feitas junto à lista em um período de dois meses de inatividade da lista em 2007 que cessou a partir da reclamação dos usuários que “não estavam recebendo nada”. As mensagens abaixo foram respondidas por mais seis usuários que se manifestaram a respeito da inatividade:

From: patrick_rsl em yahoo.com.br (PaTricK)
Date: Tue Mar 6 17:48:41 2007

Nao estou recebendo nada da lista... jah me escrevi a tempo e nunca recebo e-mail Tem algum problema aih?

From: filipesperandio em gmail.com (Filipe Esperandio)
Date: Wed Mar 7 06:28:19 2007

Pessoal, a lista tá paradona, não sei se todo mundo anda muito ocupado ou estão interagindo em outros grupos...Vamos dar um ânimo novo aí galera, FISL chegando e notícia nenhuma circulando...

¹²⁵ As mensagens podem ser acessadas em: <http://listas.cipsga.org.br/pipermail/debian-rs/>

A falta de comunicação faz com que os usuários, de certa forma, percam o sentido de identificação com a lista, fomentado pelos laços sociais e pela retroalimentação. Recuero (2005, online)¹²⁶ faz uma abordagem específica sobre a necessidade de laços sociais para o desenvolvimento das comunidades virtuais e sua interdependência com um nível de “interação verificada”. Então, desde agosto de 2006 até outubro de 2007, foi feito o acompanhamento das mensagens e participação em alguns momentos de discussão¹²⁷ na lista do Debian-RS.

Há diversas listas de discussão para a participação de usuários do Projeto Debian, além das que congregam os grupos regionais como o Debian-RS. Cada uma delas tem um fim específico, desde o esclarecimento de dúvidas para os usuários iniciais, até a troca de mensagens para o desenvolvimento do sistema. De forma que, boa parte do esclarecimento sobre o sistema e a troca de mensagens técnicas acontece a partir de outros lugares como a lista Debian User Portuguese (DUP) e outras. Mesmo assim, a maioria (62%) dos assuntos discutidos na lista do Debian-RS são sobre temas técnicos como podemos observar neste levantamento quantitativo:

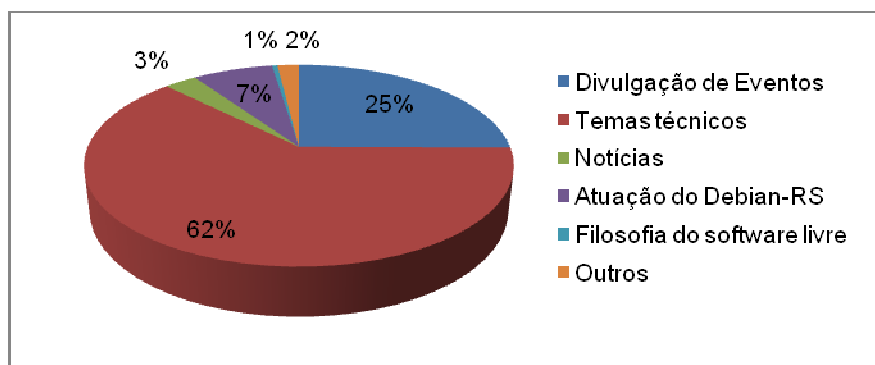


Gráfico 1 – Levantamento dos assuntos das mensagens da lista de discussão do Debian-RS agosto/2006 – outubro/2007.

Para a obtenção destes dados foi feita a observação e a classificação das mensagens a partir do campo *assunto*. As mensagens foram acessadas através do sistema de registro do próprio servidor de mensagens¹²⁸, através da internet. Foram observados os assuntos de todas as mensagens que circularam durante o período de observação da pesquisa, totalizando 207 registros. O segundo tema mais recorrente na lista de discussão foi a divulgação de eventos

¹²⁶ Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/intercom2006.pdf>. Acesso em: 17/11/2007.

¹²⁷ A participação na lista aconteceu a partir de momentos onde foi possível a colaboração, já que alguns temas de discussão têm uma temática estritamente técnica.

¹²⁸ Disponível em <http://listas.cipsga.org.br/pipermail/debian-rs> (Acesso em 2/11/2007)

(25% das mensagens), tanto em relação a eventos gerais do software livre como também em relação aos eventos que têm a participação direta do Debian-RS. Houve apenas 7% das mensagens para discussão das práticas do Debian-RS e 1% das mensagens com o foco na “filosofia” do software livre, que é como os usuários costumam se referir às discussões sócio-políticas, conseqüentemente os momentos em que as posições discursivas de identidade seriam mais requisitadas. Se compararmos o período de 2005 a 2007 com períodos anteriores, podemos observar uma diferença no fluxo das mensagens a partir do gráfico gerado pelo sistema administrador da lista¹²⁹:

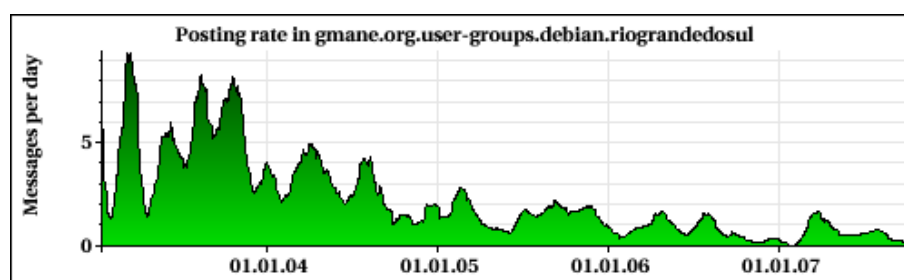


Gráfico 2 – Fluxo de mensagens na lista de discussão do Debian-RS janeiro 2003 – outubro 2007 Fonte: sistema administrador da lista Gmane (2007).

Há um decréscimo na movimentação de mensagens a partir da lista se observarmos a parcela de tempo expressa neste gráfico. A redução do fluxo de mensagens foi iniciada a partir de 2004 até certa estabilização no ano de 2005, sempre com momentos alternados. Especificamente durante nosso período de observação, houve um fluxo descontínuo de mensagens a partir dos valores mensais observados no gráfico abaixo¹³⁰. Os meses de maior fluxo foram agosto de 2006 (com 40 mensagens) e março de 2007 (com 42 mensagens), correspondentes à época de realização do *Debian Day* de 2006 e do Fórum Internacional do Software Livre em 2007, dois eventos que têm a participação do Debian-RS. A média de circulação de mensagens na lista, no período observado foi de 21,6 mensagens por mês.

¹²⁹ O gráfico está disponível em <http://dir.gmane.org/gmane.org.user-groups.debian.riograndedosul> (acesso em 2/11/2007)

¹³⁰ Os valores que sustentam este gráfico foram obtidos a partir do sistema de armazenamento das mensagens da lista de discussão Debian-RS disponíveis em: <http://listas.cipsga.org.br/pipermail/debian-rs/>

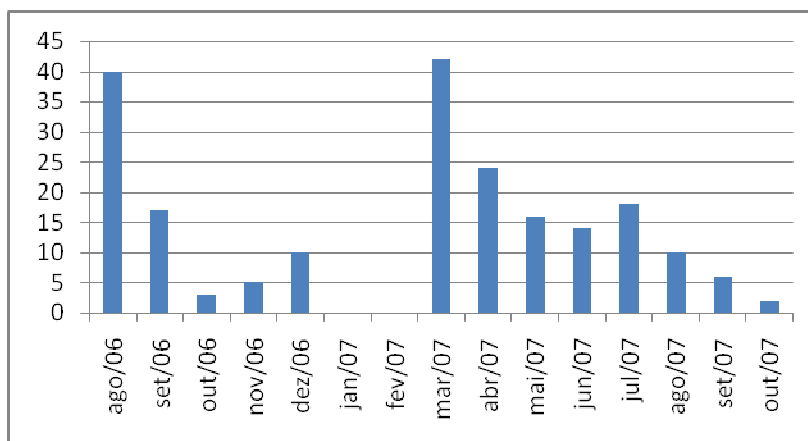


Gráfico 3 – Fluxo de mensagens na lista de discussão do Debian-RS durante o período de observação agosto/2006 – outubro/2007 fonte: o autor (2007)

O usuário Joel Corrêa, em entrevista, comentou o fluxo descontínuo de mensagens na lista do Debian-RS em decorrência da segmentação das listas para discussão de temas técnicos:

Mas geralmente os picos são próximos a algum evento ou quando acontece alguma coisa nova, assim que as pessoas tenham interesse em perguntar e estamos direcionando muito as coisas técnicas pra DUP porque é difícil atender duas listas com boa qualidade na parte técnica. E então geralmente quando chega alguma coisa técnica em alguma lista que não seja a DUP alguém vai lá e posta “essa mensagem seria melhor respondida na DUP” e isso também reduz. (Joel Corrêa)

O Debian-RS concentra grandes lideranças do projeto Debian e do software livre no Brasil e seus usuários, muitas vezes são envolvidos em outros projetos, o que faz com que a dinâmica do grupo seja movimentada em momentos pontuais de realização de eventos presenciais, por exemplo.

O que se pode observar a partir destes dados quantitativos é que, mesmo sendo o principal canal de interação online do Debian-RS, a lista de discussão apresenta, relativamente, um baixo nível de retroação e circulação de mensagens. O que, a primeira vista, parece contraditório com relação à postura do grupo em estar integrado ao desenvolvimento tecnológico. Vimos que, a partir de nosso foco de interesse em observar os diálogos não-técnicos, a lista de discussão teve sua importância na investigação em um caráter complementar a construção das identidades culturais. Este fato apresenta-se como uma evidência do grupo a partir do online. Também observamos que o período desta investigação compreendeu um momento de fluxo reduzido de interação online entre os usuários, ao compararmos com outros períodos. Quanto ao interesse desta pesquisa, veremos que a

discussão dos temas não-técnicos não deixa de existir e está presente em outros espaços de interação.

5.2 A observação/participação presencial junto ao Debian-RS

Sem dúvida, os espaços de interação presenciais têm certa centralidade para os usuários e são privilegiados na organização do grupo: há uma intenção em promover encontros presenciais entre os usuários na própria constituição do Debian-RS. Nossa proposta de pesquisa foi mapear os principais momentos de interação presencial e, a partir daí, fazer o acompanhamento e participação nestas ocasiões. Essencialmente, a comunidade Debian-RS tem dois grandes momentos de encontro durante o ano. O primeiro deles acontece no mês de abril com a realização do Fórum Internacional do Software Livre (FISL), na cidade de Porto Alegre, que em 2007 teve sua 9ª edição e a participação de mais de 5000 pessoas. O Debian-RS é um dos grupos que participa deste momento, não apenas como grupo de usuários, mas também na organização das atividades. O segundo momento acontece no mês de agosto e é chamado de *Debian Day* (ou Dia D) em comemoração ao aniversário da comunidade Debian. O *Debian Day* é um evento mundial do Debian comemorado a partir dos *locais* de cada comunidade que realizam uma programação com palestras e oficinas para usuários e outros interessados. Os dois encontros envolvem a participação dos usuários mais ativos do grupo que precisam organizar as ações para os eventos. Como atividade de investigação e participação junto ao grupo, o pesquisador participou dos dois eventos durante as edições de 2006 e 2007.

O primeiro contato presencial do pesquisador com a comunidade do software livre aconteceu a partir da edição de 2006 no FISL. Mesmo já tendo realizado uma primeira investigação com outro grupo de usuários de software livre, esta ida ao evento representou um contato com diversos grupos e uma percepção mais geral de como é a organização das comunidades de usuários. Nossas primeiras impressões foram a de um ambiente eclético: conviviam no mesmo ambiente jovens de “cabelos compridos” sentados no chão programando com seus laptops, grandes empresas do segmento tecnológico, interessadas em possibilidades de negócios e outros grupos e iniciativas sociais que tinham diferentes origens: desde grupos de agricultura familiar até artistas preocupados em discutir novas políticas de distribuição para suas obras. Também, como primeira impressão, percebemos que não apenas os temas técnicos eram discutidos entre os interessados, mas uma grande incidência de palestras e mesas de discussões sobre temas não-técnicos: desde discussões de gênero no

software livre, já que as mulheres são minoria entre os programadores e usuários, até reuniões para discutir as relações dos movimentos com questões mercadológicas e programações proprietárias, geralmente acaloradas. Então, este primeiro cenário permitiu que tivéssemos uma visão geral sobre o contexto de nosso estudo de caso e pudéssemos mapear, *a priori*, a organização dos diferentes grupos envolvidos com esta dinâmica.

A aproximação com o Debian-RS iniciou, efetivamente, a partir do mês de agosto de 2006, com a participação no *Debian Day* do Rio Grande do Sul. Apesar de já termos tido contato com alguns usuários do Debian, este foi um primeiro contato presencial com este grupo que possui uma dinâmica específica, dentro da grande comunidade do software livre. Esta particularidade já é por si só um bom indício de pesquisa no sentido da necessidade do grupo em constituir uma identidade cultural a partir de lógicas específicas que o diferencia dos demais grupos ligados ao software livre. Isso ficou claro desde o primeiro momento quando observamos as posturas presentes nas palestras dos usuários em manter o compromisso com a liberdade do desenvolvimento. Estas palestras tinham como referência definições comuns e uma espécie de “contrato social” que define o que é entendido por software livre e o que não é. Também ficamos com a impressão de um grupo com processos bastante organizados para as dinâmicas de trabalho que permitem a qualquer usuário se tornar um desenvolvedor, por vias formalizadas. Desde o primeiro momento, percebemos um discurso de certa forma comum entre os usuários em manter uma postura “radical” em defesa do “desenvolvimento livre dos programas”. O *Debian Day* não é um evento com as mesmas dimensões do FISL, apesar de ser aberto à comunidade, geralmente seu público é formado por usuários do próprio Debian-RS, principalmente os mais ativos e os que ocupam cargos de liderança no grupo. Nas duas edições observadas, o evento contou com a participação de cerca de 40 usuários que participavam em maior número especialmente no turno da tarde, os eventos sempre são organizados no sábado mais próximo ao aniversário do Debian, comemorado no dia 16 de agosto de cada ano. No pequeno grupo percebemos, à primeira vista, uma forte integração entre os membros e uma relação que já vinha de outras ocasiões presenciais. Paralelo às palestras, em 2006, havia a venda de *souvenirs* como adesivos e camisetas, CD’s com os programas e livros. Também havia um serviço chamado de *install-fest*, onde os usuários iniciantes e interessados levam seus computadores ao local para que os membros do Debian-RS instalem o sistema operacional e outros programas gratuitamente. Uma equipe de usuários que atendia os interessados com bastante atenção e procurava ver as necessidades de cada um e apresentar os programas. A partir daí, percebemos que o Debian

seria um caso de pesquisa pelos motivos apresentados na introdução deste trabalho. Começamos então o acompanhamento das atividades do grupo tanto presencial como virtualmente e percebemos que a pesquisa *deveria* passar por estas duas vias e de certa forma conferir uma centralidade às interações presenciais se quisesse considerar os discursos identitários. No ano de 2007 aconteceu, efetivamente, o trabalho de investigação presencial com o grupo que descreveremos a partir deste momento.

Obviamente, a pesquisa presencial envolve dinâmicas, técnicas e circunstâncias diferentes da investigação online por conta das demandas que este ambiente solicita. Ao mesmo tempo, configura-se em um ambiente com grande riqueza de dados, onde o pesquisador pode, com o devido cuidado, observar o interesse específico de pesquisa através da conversa com os informantes (GUBER, 2001 p. 62). Estes momentos de interação direta foram os que forneceram *maior repertório empírico* e, por conta disso, foram os mais utilizados por esta análise em relação à observação/participação nos outros espaços. Para estabelecer estes contatos, optamos pela realização da aproximação com o Debian-RS a partir de duas fases: uma primeira durante o FISL, e uma segunda durante o Debian Day, ambas no ano de 2007.

A primeira fase constituiu a aplicação de questionários durante o FISL no mês de abril de 2007, com um tempo de entrevista de 5 a 8 minutos. Foram 15 questionários que tiveram o objetivo de fornecer algumas matrizes iniciais para a observação junto ao campo. Foram entrevistados usuários de todos os níveis, desde desenvolvedores até iniciantes, a partir de diversos níveis de pertença. As questões foram respondidas rapidamente pelos informantes e as conversas foram registradas com gravador. No entanto, este material não foi utilizado nas observações porque teve a intenção de fornecer diretrizes para o aprofundamento da investigação. Algumas questões que surgiram neste momento foram à atenção que se poderia ter com o tema da pirataria e também as relações dos usuários com o software proprietário. Muitos usuários entrevistados nesta ocasião, apesar de se declararem como membros do Debian-RS, não participavam de forma freqüente da lista. A experiência de participação na edição do FISL em 2006 contribuiu para compreender melhor as dinâmicas e observar os momentos de maior convivência do Debian-RS durante o evento. Um exemplo de convivência presenciado pelo pesquisador foi a festa de despedida do Sarge organizada pelos grupos Debian do Brasil. Os usuários decoraram o estande do Debian com balões nas cores do

grupo e distribuíram fatias de bolo, chapéus de aniversário e apitos¹³¹. No momento em que foi servido o bolo todos os participantes da comemoração apitavam para chamar à atenção dos outros grupos e das comunidades que estavam presentes no FISL. A confraternização era para marcar o fim da utilização da distribuição Sarge que foi substituída pela distribuição Etch durante o evento. Assim como na edição de 2006, nossa impressão foi a de um ambiente múltiplo, mas com algumas diferenças como uma maior presença de iniciativas de mercado com franco interesse em software livre. Empresas como o Google e a IBM se fizeram presentes não apenas oferecendo seus serviços, mas também divulgando suas oportunidades de trabalho para os desenvolvedores presentes. Observamos alguns momentos de debate programado que discutiam justamente esta relação das empresas com o software livre no sentido de estabelecer os limites entre o apoio e o compromisso com interesses das iniciativas privadas. Percebe-se que estes momentos de discussão são constituídos de pouca formalidade: os usuários palestrantes, selecionados pela organização do FISL, colocam as questões de maneira informal e a partir de posturas definidas. Isto contribui para que haja debates intensos e com certa franqueza sobre os temas. Nestas ocasiões, os palestrantes observados, não mostraram nenhum receio em manifestar suas opiniões, assim como quem assiste também é livre para questionar o palestrante. Mesmo sem a profundidade necessária para a pesquisa, este primeiro contato com os usuários teve a função de fornecer alguns direcionamentos de pesquisa com relação ao posicionamento do Debian com a comunidade do software livre. Na atividade de procurar por usuários do Debian-RS que poderiam colaborar com a pesquisa, nesta fase inicial, falamos com usuários de outros grupos regionais do Debian no Brasil, como o Debian-PR e o Debian-SP e também usuários Debian do Uruguai.

A segunda fase da investigação foi realizada durante o *Debian Day*, em agosto de 2007. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (THIOLLENT, 1987) com informantes do Debian-RS. Além disso, também foi o momento de participar do encontro dos usuários de uma maneira mais integrada, já que havíamos participado do mesmo evento em 2006. Quanto a escolha dos informantes, já havíamos feito contato com quatro usuários (Joel Corrêa, Fabrício Solagna, André Machado e Maurício Portal) através da lista de discussão sobre a possibilidade da realização das entrevistas durante o evento. Vínhamos mantendo contato com eles desde a primeira participação do encontro em 2006. O parâmetro geral para a escolha dos entrevistados foi o envolvimento com o *Debian Day*, como uma forma de engajamento com o grupo. O encontro foi realizado em um sábado, dia 18 de agosto, em uma das salas da Casa

¹³¹ Há fotos deste momento nos anexos deste trabalho.

dos Bancários de Porto Alegre. Acompanhamos o evento durante todo o dia, desde o início, das 9h até as 18h, e convivemos durante este tempo com os usuários. Alguns deles já eram conhecidos da primeira participação em 2006 e também do FISL. Quando chegamos à Casa dos Bancários fomos recepcionados pelo usuário Maurício Portal, que ficou encarregado das questões práticas do evento. Maurício é um usuário novo no Debian-RS, apesar disso procura assumir algumas atividades de liderança junto ao grupo. Aos poucos os usuários foram chegando e iniciaram as primeiras palestras. A primeira fala foi a do usuário Joel Corrêa e destinava-se a explicar aos usuários iniciantes como era a dinâmica do Projeto Debian. Durante todo o dia a programação das palestras foi mesclada entre temas técnicos e não-técnicos. Tivemos a oportunidade de almoçar com o grupo das lideranças do Debian-RS, inclusive uma das entrevistas, com o usuário Fabrício Solagna, foi realizada durante este intervalo, no ambiente do restaurante. Na parte da tarde houve um grande aumento na participação dos usuários. Algumas diferenças com relação ao ano de 2006 foram a redução no número de usuários envolvidos com a organização do evento e o surgimento de novas lideranças na organização. Também, nesta última edição, não foi realizado a dinâmica da *install-fest*, com o suporte gratuito e instalação de programas a todos os interessados.

Este segundo momento constituiu, então, uma aproximação mais aprofundada com caso de estudo a partir de cuidados de investigação como a indicação prévia dos principais informantes e mais tempo para a realização das entrevistas. Nesta fase, foram entrevistados seis usuários, a partir de conhecimentos técnicos e repertórios culturais diferentes, a maior parte deles com grande nível de engajamento: cinco dos informantes realizaram palestras no *Debian Day* e estavam envolvidos de alguma forma com a organização do evento. Entrevistamos a maioria dos usuários em uma sala privada no horário em que estavam mais liberados com relação à organização ou com as palestras. Algumas partes das palestras realizadas no dia foram transcritas para a pesquisa com a autorização dos informantes por terem aplicação direta em nosso estudo, como o caso do usuário André Felipe Machado, que participou como informante na primeira fase de pesquisa e autorizou a transcrição da palestra para a segunda fase. É importante ressaltar a diferença entre a origem espontânea dos depoimentos coletados a partir das palestras e o direcionamento das falas das entrevistas semi-estruturadas, que partiram de um agendamento da conversa. Procuramos não apenas fazer entrevistas com desenvolvedores e usuários efetivos, mas também com usuários colaboradores¹³². As entrevistas semi-estruturadas tiveram a duração média de 30 minutos. A

¹³² A distinção refere-se a classificação dos usuários sinalizada na introdução do trabalho.

opção pela entrevista semi-estruturada teve o objetivo de fazer com que os relatos dos usuários fossem mais ou menos focados em questões que interessam a investigação e ao mesmo tempo permitir que houvesse liberdade (BONI e QUARESMA, 2005 online)¹³³ para o entrevistado aprofundar outro tema em especial. Além disso, este modelo permitiu que o pesquisador pudesse propor outros questionamentos oportunos a partir do desempenho e das pistas dos entrevistados. As entrevistas foram feitas com gravador e transcritas a partir das falas dos informantes.

Este trabalho de campo está basicamente fundado na pesquisa presencial feita com algumas técnicas da observação participante e aproximação etnográfica. No entanto, estas experiências serão combinadas com outras evidências a partir do acompanhamento da comunicação online dos usuários. Este conjunto será base do que vamos desenvolver agora, a partir de alguns elementos-chave sobre a identidade cultural no Debian-RS e estão abertos à questionamentos, assim como a futuras problematizações. A imbricação da postura dos usuários com o olhar desenvolvido por esta investigação será desenvolvida a partir de três eixos: (1) a cosmovisão sobre o software livre e a cultura hacker como “pontos de sutura” (HALL, 1996 p. 70) e marcações simbólicas (HALL, 2000 p. 106) da identidade cultural, a partir da dinâmica da diferença, (2) o dialogismo e os repertórios culturais com relação à formação instável dos discursos a partir das situações de negociação e conflito e (3) a ambivalência entre a lógica global e a necessidade local (BAUMAN, 2005 p. 82).

5.3 Cosmovisão, cultura hacker e o jogo das diferenças

Recuperando um pouco a reflexão sobre identidade cultural deste trabalho, percebemos que a dinâmica de formação discursiva pode ser compreendida essencialmente por *posicionamentos* dos sujeitos com a criação de “pontos de sutura” para que a identidade possa ser simbolicamente delimitada. Há a necessidade de fazer com que o discurso tenha momentos de estabilidade, sem garantias, para que os agentes sociais possam referenciar suas práticas a partir de alguns pontos comuns como marcações simbólicas das identidades (WOODWARD, 2000 p. 14 e HALL, 2000 p. 106). Tal como os estudos sobre identidade demonstram, tanto pela perspectiva do discurso quanto pela via psicanalítica, estas marcações simbólicas funcionam como um *jogo das diferenças* aonde os discursos vão sendo delimitados pela colocação de fronteiras de significado que classificam as posições identitárias. Vamos, a partir deste momento, referenciar alguns “pontos de sutura” da

¹³³ Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf (acesso em 18/02/2007).

formação discursiva do Debian-RS que, ao mesmo tempo que organizam o discurso identitário, estabelecem marcações para o posicionamento neste jogo. Estas referências discursivas dos usuários têm um duplo sentido: exercem a função do reconhecimento do grupo e demarcam fronteiras simbólicas de diferenciação sobre outros grupos. Procuraremos mapear estas intensidades a partir da observação dos discursos.

Um primeiro ponto observado é a questão do software livre e da cosmovisão. Na visão dos participantes, o software livre não está relacionado apenas com a atividade de programação, mas também perceber a conexão deste desenvolvimento com outras dinâmicas. Precisamente este é o olhar que recai sobre o fato de que os usuários, de certa forma, assumem a postura do software livre como uma visão de mundo que não está compartimentada na importância do desenvolvimento tecnológico em si, mas transita para outras práticas e outros modos de ação. Observamos que há um franco interesse em dialogar com áreas que não apenas a tecnologia. Embora tenhamos identificado este aspecto a partir das falas dos usuários, o que percebemos pela experiência de observar o Debian-RS e algumas atividades da comunidade do software livre é que esta necessidade de ligar o desenvolvimento tecnológico com questões sociais é algo compartilhado pelos grupos. Um exemplo disto é o fato de as inscrições para os eventos da comunidade do software livre sempre terem certa inferência sobre o social: nas duas últimas edições do FISL uma parte da renda das inscrições foi destinada à compra de sementes livres (não-transgênicas) para programas assistenciais de agricultura familiar, iniciativas de neutralidade de emissão de carbono e projetos de inclusão digital¹³⁴. Além deste, tivemos a oportunidade de participar de dois eventos abertos a comunidade do software livre, o 1º Seminário Tchê Linux¹³⁵ em 2006 e o Além das Redes de Colaboração em 2007¹³⁶, em que a inscrição era feita mediante a entrega de gêneros alimentícios. Estas ações revelam certa preocupação em conectar o fazer do software livre com outras questões. Mesmo não tendo presenciado, durante o período de observação, um envolvimento mais específico do Debian-RS em atividades sociais, esta compreensão do software livre para além do código aparece nas falas dos usuários:

¹³⁴ Este exemplo pode ser observado a partir das notícias sobre as inscrições do FISL 2007, como esta: <http://br-linux.org/linux/ate-sabado-as-inscricoes-para-o-fisl-custam-r-63> (acesso em 12/11/2007).

¹³⁵ O evento contou com a divulgação e participação dos usuários do Debian-RS. Podem ser acompanhadas notícias no blog da comunidade Tchê Linux: <http://www.tchêlinux.org/blog/> (acesso em 12/11/2007) que relatam sobre as inscrições do evento.

¹³⁶ O evento teve franca participação dos membros do Debian-RS que também estavam envolvidos com a organização. As notícias podem ser acompanhadas em <http://www.rn.softwarelivre.org/alemdasredes/> (acesso em 12/11/2007).

Apesar de parecer apenas programas de computadores, eu vejo o software livre como uma filosofia de vida. A idéia de compartilhar conhecimento é algo que envolve não apenas os sistemas de informática, mas toda a vida da pessoa. (Luiz Guaraldo)

Por exemplo na Amazônia que eles vão ensinar para os índios e fazem as coisas na língua deles, o Debian da Amazônia tem essa preocupação (Yaron Hamerski).

O primeiro usuário, Luiz Guaraldo é um técnico em informática que atua no desenvolvimento de soluções livres para empresas. Nosso contato com ele teve início a partir da primeira experiência de participação presencial, no *Debian Day* de 2006, quando Guaraldo estava auxiliando usuários iniciantes na instalação do Debian e de outros programas livres. Ele já participa a mais de quatro anos do Debian-RS e relaciona sua atividade profissional com a prática do desenvolvimento colaborativo. O usuário descreve a relação do software livre como uma “filosofia de vida” que dialoga com outras posições do cotidiano, “com toda a vida da pessoa”. Esta necessidade de fazer relações com o mundo pode ser compreendida como um dos “pontos de sutura” comuns do Debian-RS por estar presente no contrato social da organização do Projeto Debian, ao qual o grupo do Rio Grande do Sul está ligado. Já o usuário Yaron Hamerski é um usuário iniciante, está no Debian-RS a cerca de um ano. Mesmo a partir de suas poucas palavras na entrevista, destaca a preocupação do Grupo de Usuários Debian da Amazônia com os povos indígenas como uma diferença. Pelas falas dos usuários e movimentações, observa-se que há um compromisso do Debian-RS com uma visão de software livre como algo conectado com a humanidade, uma certa visão holística do desenvolvimento em posicioná-lo como um bem para todos:

A idéia do Debian é um dia conseguir chegar em lugares onde a informática está recém chegando. E isso é uma coisa utópica hoje em dia para alguns países de primeiro mundo que é onde a maioria dos desenvolvedores Debian estão, mas pra nós aqui países de terceiro mundo é uma coisa relativamente fácil, imagina nós pegarmos e montarmos um telecentro tipo em uma vila, tipo uma vila de papeleiros. Tu chega lá, pega um local que eles tenham, puxa uma rede elétrica e monta um telecentro para eles terem acesso a informática. Isso se encaixa dentro daquela segunda filosofia ali que o Debian tem (aponta para a tela do projetor). O grande problema disso é que algumas culturas e a nossa é uma delas, que as pessoas não conseguem enxergar muito bem como funciona isso, mas cabe a nós ajudar essas pessoas a entenderem como isso funciona principalmente os que vão usar isso. Aquela ajuda da comunidade para a humanidade. (...) E trabalhar pensando no todo, quer dizer na comunidade não só na comunidade em volta de vocês mas na comunidade de desenvolvedores. Você tem que desenvolver para os outros e não pra você. (palestra Joel Corrêa)

Esta fala do usuário Joel Corrêa aconteceu no momento em que proferia uma palestra para usuários iniciantes e interessados sobre o Debian. O usuário Joel Corrêa é coordenador do Debian-RS, faz parte do grupo de desenvolvedores Debian e é usuário de software livre há

mais de 10 anos. É seguramente um dos usuários mais atuantes do Debian-RS e está envolvido em projetos internacionais de desenvolvimento, como por exemplo o do sistema operacional para o laptop educacional *One Laptop per Child* (OLPC) capitaneado por Nicholas Negroponte do MIT. Este depoimento foi desenvolvido partir de um tópico de discussão que partiu do repertório de exemplos do próprio usuário. É uma identidade assumida com força que faz com que o sentido em estar participando da dinâmica do software livre possa estar ligado a outras áreas de atuação e integram uma espécie de paradigma e a articulação mostrada em relacionar a prática do desenvolvimento colaborativo como um “modelo para o mundo”. As palavras do usuário Joel Corrêa dão a dimensão deste sentido quando diz que “é uma ajuda do Debian para a humanidade” o compromisso em incluir digitalmente os agentes sociais.

Neste eixo de análise, observa-se também a relação desta cosmovisão com o termo “ideologia”. Boa parte dos usuários do Debian-RS, de certa forma, ao invés de rechaçar as relações políticas do desenvolvimento tecnológico, coloca-se como integrante de uma ideologia. O sentido dado, no entanto, é do pertencimento a uma maneira de ver o mundo e a um discurso comum entre os usuários que, mesmo em relativa coesão, encontra suas relações de negociação como veremos mais tarde. Não se trata de discutirmos o desdobramento da ideologia no Debian-RS e no software livre, mas percebermos o sentido que é empregado a partir deste termo, que, ao nosso ver, tem uma relação estreita com a necessidade de estabelecer pontos de identificação, visões de mundo e modos de ação referentes para o grupo. Chama a atenção a posição dos usuários do Debian-RS em assumir a questão do software livre como propriamente uma ideologia. O que coloca uma diferenciação a partir do posicionamento de outros usuários que observamos durante as palestras das duas edições do FISL em uma postura de repudia a qualquer posicionamento político que o software livre possa acarretar. Alguns usuários de outros grupos, com quem tivemos contato durante as edições do FISL, foram categóricos em afirmar que “odeiam política” em contraste com alguns usuários do Debian-RS que não vêem problemas que o software livre seja observado como uma ideologia.

Essa frase [que o Windows é mais que uma ideologia] resume bem como a técnica é vista pelo mercado como uma maneira invertida do que propriamente é, porque ela é vista como uma questão suprema ou superior a ideologia. Quando é ao contrário, a própria ideologia como cosmovisão ou visão de mundo, ela determina opções técnicas. E ela que determina metodologias, ela que determina como você atuar no mundo concreto ou no mundo virtual hoje. (Fabrício Solagna)

O usuário Fabrício Solagna é técnico em informática e estudante de sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fabrício utiliza software livre há cerca de cinco anos e participa ativamente do Debian-RS na organização dos eventos e na promoção de outros momentos de discussão da comunidade. Mesmo sendo técnico em software livre, este informante parte de algumas competências culturais próprias a partir de seus repertórios culturais das ciências sociais. Fabrício tem a intenção de direcionar seus estudos sociológicos para o software livre e por conta disso a conversa com ele teve um sentido não apenas de diálogo sobre a atividade junto ao Debian-RS, mas também do conhecimento de algumas abordagens teóricas sobre o objeto. Ao criticar o posicionamento das empresas de software proprietário, esta relação da ideologia aparece no sentido de um discurso identitário. Neste sentido a ideologia está ligada a uma questão de identificação e um sistema de valoração do mundo. Esta identidade, a partir do olhar do usuário, está presente também nos sistemas proprietários como cosmovisão. A identidade se dá a partir do momento em que se tem a questão das diferenças entre as maneiras de ver o mundo, tanto a partir do software livre quanto a partir do software proprietário.

E hoje não sei te dizer como seria voltar para o software proprietário, trabalhar numa empresa [de desenvolvimento proprietário] sendo que hoje minha ideologia é outra, hoje a minha cabeça é outra, hoje eu penso de outra forma. (Carlos Alberto Fernandes)

Já o usuário Carlos Alberto Fernandes, parte de um contexto de fala um pouco distinto. Carlos é acadêmico do curso de informática e trabalha em uma empresa de soluções em software livre. Apesar de ser usuário de software livre a cerca de quatro anos, é um principiante no Debian-RS e há pouco tempo trabalha profissionalmente com software livre. Ele relata que “não sabe como seria” trabalhar em uma empresa de software proprietário e se refere ao termo “ideologia” para referir-se a sua identificação como usuário de software livre e que hoje “pensa de outra forma” no sentido do estabelecimento de diferenças entre identidades de desenvolvedores e usuários livres e proprietários.

Existem duas formas na realidade: existe o software livre que realmente ele tem um teor ideológico muito forte e existe o open-source que não tem nenhum teor filosófico assim. (Joel Corrêa)

Já Joel Corrêa coloca uma diferença dentro da própria comunidade do software livre entre os que seguem o software livre a partir de licenças livres e os que têm uma prática mais flexibilizada (chamada de *open source*) que necessariamente não tem um “teor filosófico”, ou seja, não se percebe tanta necessidade da produção de discursos identitários. A ideologia, pela reflexão de Hall, está relacionada com “sistemas de representação materializados em

práticas”. Estas relações são observadas à medida que colocamos estes pontos nodais do discurso a partir da perspectiva de que estas ideologias “se contestam umas às outras geralmente a partir de um repertório comum e compartilhado de conceitos, rearticulando e desarticulando esses conceitos dentro de sistemas de diferença e equivalência” (HALL, 2003 p. 181).

Outro ponto de identificação observado junto ao Debian-RS é uma forte ligação com a questão da identidade hacker. A figura do hacker torna-se um modelo para os usuários que historicamente se reconhecem na atividade de “fazer algo extremamente bem feito” e ser um especialista em sua área de atuação, não a partir de uma lógica de trabalho oposta ao lazer, mas do trabalho como um lazer. Como demonstra Santos (2002, online)¹³⁷ a ética hacker é oposta a ética do trabalho weberiana: os hackers rejeitam a idéia de um trabalho “repetitivo e feito por obrigação”¹³⁸ e consideram isto como uma atividade menor. O que podemos perceber, com base no acompanhamento ao Debian-RS é que esta dinâmica de trabalho agregado ao lazer está bastante presente. Isso se tornou visível a partir da organização dos eventos que geralmente acontecem no fim de semana, mesmo assim não há incômodo por parte dos usuários em comparecerem e se envolverem com a organização. Nota-se uma satisfação dos usuários em estarem participando e trocando conhecimentos com outros usuários. Os trabalhos decorrentes da organização dos encontros e do desenvolvimento dos programas são encarados como algo bom pelos usuários. De acordo com este parâmetro, o trabalho deve estar ligado à dinâmica dos prazeres da satisfação pessoal e coletiva. A partir disso, observamos o desdobramento de uma dinâmica específica com o trabalho que não obedece a uma jornada regular, mas é feito a partir do trabalho e encarado como um lazer:

No meu lazer eu gosto de programar né. Como eu divido a minha vida hoje: eu tenho o trabalho que vai até 18, 19h dependendo da necessidade de cliente, as vezes para o servidor ou alguma coisa assim. Mas meus momentos de lazer são ou eu vou pra casa, curto um pouco com meu filho, aí quando ele vai dormir eu vou programar, e aí vou até 2, 3 da manhã programando o que é uma coisa que eu encaro como lazer, uma coisa que eu faço por que eu gosto e porque vai ajudar a outras pessoas, então tu te diverte com uma coisa útil pra comunidade desenvolvendo software livre. (Joel Corrêa).

Mas eu sou viciado em computador, então eu to sempre... então tempo não tem e o tempo que sobra eu fico no computador fazendo alguma coisa sempre fuçando, sempre querendo descobrir. É um vício que eu tenho né e eu acho um vício bom.

¹³⁷ Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/FranciscoCoelho.zip> . Acesso em 15/7/2007

¹³⁸ Este termo foi apropriado da fala do usuário André Felipe Machado e refere-se a impaciência dos desenvolvedores em refazer o trabalho que já havia sido feito por conta de algum erro. Também a questão do desenvolvimento ligada ao prazer e não como uma obrigação.

Então, quando dá a gente dá uma saída de vez em quando. (Carlos Alberto Fernandes)

Os usuários colocam a atividade de programação como uma atividade relacionada com o lazer. No primeiro caso, quando perguntado sobre seu tempo livre, o usuário Joel Corrêa coloca parte de sua rotina diária, onde o trabalho se encerra ao final da tarde em sua empresa, mas recomeça a partir de seu momento livre. Na visão dele, a atividade de programar é relacionada ao lazer e, a partir de seu ponto de vista, uma diversão “útil para a comunidade”. No segundo caso, o usuário Carlos Alberto, apesar de não ser ainda um desenvolvedor Debian, também coloca a atividade de descoberta como algo prazeroso e associa o ato de “fuçar e descobrir” como algo feito a partir do tempo livre. Como já vimos, a partir de Castells (2003, p. 38), a cultura hacker “compreende o conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador”. Há uma constituição simbólica do ser hacker a partir de uma ética comum presente em boa parte dos textos do próprio software livre, escritos por Richard Stallman e Eric Raymond, por exemplo, sobre o que significa ser um hacker, entre outros direcionamentos. Os usuários do Debian-RS demonstram adesão a estes discursos. Este episódio durante a entrevista com Joel Corrêa ilustra um pouco esse posicionamento quando perguntamos o que seria um hacker:

Neste momento Joel se levanta, vira-se de costas para me mostrar a definição de hacker de Richard Stallman, fundador do projeto GNU. Eu leio a definição na camiseta:

Guilherme: *O uso da palavra hacker para se referir ao violador de segurança é uma confusão que vem por parte dos meios de comunicação de massa, nós hackers nos recusamos a reconhecer este significado e continuamos usando a palavra para indicar alguém que ama programar e que gosta de se hábil e engenhoso. Richard Stallman. Essa definição do Richard Stallman é precisa, o hacker é isso?*

Joel Corrêa: Eu na realidade sou conhecido na comunidade mais pela minha atuação como hacker do que como empresário ou como uma pessoa de conhecimento técnico. E tipo ah eu conheço um hacker lá o Joel que usa o Nick magicstorm, e daí a pessoa já sabe mais pelo Nick, que sabe te ajudar nessa parte, e aí as pessoas acabam chegando em mim por causa disso.

No primeiro caso, a última versão da camiseta do Debian-RS, que estava à venda durante o *Debian Day*, traz uma definição de Richard Stallman estampada nas costas do que significa ser hacker e representa determinada adesão do grupo a este posicionamento.

Tem gente que a casa é uma bagunça, mas o computador tu olha e acha tudo direitinho, o código que o cara acha e faz é uma maravilha. O código tem que ser poético, pra tu chamar os amigos pra ver, olha aqui o que que foi que eu fiz! O cara tem que olhar assim, ô bonito, elegante! (palestra de André Felipe Machado)

Ele [o hacker] é uma pessoa que, independentemente da tarefa que ele vai fazer, ele vai tentar fazer da melhor maneira possível e principalmente encarando aquele trabalho técnico como uma certa arte também. Então não é só simplesmente a eficiência que conta, mas a forma que aquilo foi feito. Então essa junção de arte com precisão e valorização do processo de produção pra mim é que perfazem um hacker hoje. (Fabrício Solagna)

Nestes dois exemplos, as falas demonstram a identidade do hacker como alguém que desenvolve a programação como um fazer poético e ligado ao conhecimento sensorial e artístico. Na visão dos usuários, o hacker é alguém que não vê apenas o pragmatismo de suas ações, mas também uma satisfação estética com seu trabalho, de perceber um “código poético”, como fala o usuário André Felipe Machado, e “desfazer a cisão entre a arte e a vida” (LEAL, 2004 online)¹³⁹. André é usuário Debian há cerca de 10 anos, possui uma empresa de soluções tecnológicas. Com uma longa bagagem profissional no trabalho de programação e na utilização de tecnologias, o usuário está em processo para se tornar um desenvolvedor. Nesta palestra, o usuário colocou reiteradas vezes a forma que a cultura hacker se desenvolve na prática no ambiente do Debian, no sentido de ter o compromisso com o trabalho excelente e também considerar a atividade de programar como um prazer.

A cultura hacker também exerce a função de fronteira simbólica na dinâmica do Debian-RS. Na visão dos usuários esta questão parte de um problema de significação atribuída à palavra hacker, em parte causado pela apropriação midiática do termo pelo jornalismo e outros processos de comunicação massiva (CASTELLS, 2003 p. 38). Como sabemos, o hacker é o especialista em uma determinada atividade, neste caso no desenvolvimento tecnológico, que tem o significado oposto ao termo cracker que qualifica os sujeitos que praticam crimes e atos de vandalismo a partir da estrutura das redes. O que acontece é que muitas vezes o tratamento destes crimes e atitudes é classificado pelos veículos como atos praticados por hackers, que, neste sentido, tem um sentido inverso à cultura hacker fomentada pelos membros do Debian-RS.

Eu acho que na minha opinião o hacker é um cara... não tenho aquela visão que todo mundo tem, que alguns tem daquele destruidor aquele que é invasor, marginal, sempre tem um pessoal que tem esta visão. Eu acho que um hacker é um cara fascinado por informática na minha opinião e que sempre tá correndo atrás de descobrir coisas. E sei lá eu acho padrão [no sentido de legal] acho padrão, acho muito legal. (Carlos Alberto Fernandes)

Hacker é uma pessoa que conhece de informática a fundo, mais do que um usuário, mas não necessariamente um programador, e que usa esse conhecimento para o bem da humanidade, disseminando-o e instruindo. (Luiz Guaraldo)

¹³⁹ Disponível em: http://virose.pt/vector/b_10/leal_2.html (Acesso em 12/11/2007)

Com estes dois depoimentos podemos observar esta fronteira simbólica do discurso identitário: a figura do hacker a qual os usuários do Debian-RS se identificam está colocada em contraposição à “visão que todo mundo tem” do hacker como um vândalo virtual. As respostas sobre a identificação com a figura do hacker utilizam a figura do cracker para afirmar a identidade do hacker verdadeiro.

Outro ponto de identificação observado junto ao Debian-RS é a criação de sistemas e quadros referenciais para o discurso identitário. Na verdade, podemos considerar este aspecto como algo constitutivo das comunidades ligadas à dinâmica do software livre: os grupos têm a necessidade de estabelecer um quadro referencial para o discurso sobre sua atividade e o desenvolvimento colaborativo. Estas referências consistem basicamente conjuntos de textos que vão pautando a discussão e a prática das comunidades. Algumas idéias são aceitas e outras são rejeitadas e cada grupo vai fazendo suas escolhas e até mesmo criando novos textos para alinhar suas práticas. Muitas destas referências, como, por exemplo, o Manifesto GNU de Stallman, assumem uma importância histórica a partir do momento em que surgiram e também por representarem rupturas com outros modelos e demarcarem simbolicamente os caminhos tomados. Os textos que assumem maior importância simbólica, precisamente, são aqueles que representam estas rupturas. Um estudo sobre motivação nos projetos de desenvolvimento de software livre feito por Lakhani e Wolf (2005, online) coloca a questão destes textos como uma dimensão simbólica de identificação entre os hackers:

Em projetos de software livre nós percebemos um forte senso de identificação comunitária e aderência a normas de comportamento. Os participantes do movimento do software livre exibem fortes identidades coletivas. Textos canônicos como o Dicionário de Jargões, O Novo Dicionário Hacker, Cathedral e Bazar (Raymond, 1999), e a General Public License (GPL) (Stallman, 1999) tem criado significados partilhados sobre as identidades individuais e coletivas da cultura hacker e responsabilidades dos membros que a compõem. Na verdade, o termo hacker tem honra dentro das comunidades de software livre em oposição à sua utilização nos meios de massa. A identidade hacker inclui resolver problemas, tendo o divertimento e a partilha do código ao mesmo tempo (LAKHANI e WOLF, 2005, online p. 5)¹⁴⁰

¹⁴⁰ Tradução minha do inglês. Texto original: “In F/OSS projects, we see a strong sense of community identification and adherence to norms of behavior. Participants in the F/OSS movement exhibit strong collective identities. Canonical texts like “The Jargon File,” “The New Hacker Dictionary”(Raymond 1996) , “The Cathedral and the Bazaar”(Raymond 1999), and the General Public License (GPL) (Stallman 999) have created shared meaning about the individual and collective identities of the hacker culture and the responsibilities of membership within it. Indeed, the term hacker is a badge of honor within the F/OSS community, as opposed to its derisive use in popular media. The hacker identity includes solving coding problems, having fun and sharing code at the same time. Disponível em: <http://hacker.textfiles.com/papers/lakhaniwolf.pdf> (Acesso em 12/11/2007).

O Debian, além de partilhar de algumas idéias com a do Manifesto GNU, teve a necessidade de escrever suas próprias definições sobre sua prática materializada no Contrato Social e nas Definições Debian de Software Livre (DFSG)¹⁴¹. Estes dois textos especificam as diretrizes tomadas pelos usuários e a forma com que eles concebem o software livre:

Tem que ser sempre mantida a mesma licença de distribuição que é uma licença 100% livre, ninguém pode empacotar, fechar e vender o que tiver essa licença o que saiu através dos pacotes Debian, essa licença é uma licença GPL ele não pode ser específica só para o Debian ela deve ser para qualquer coisa. (...) O que não atender as coisas que pedem a DFSG não entra no Debian, por isso que se trocou os nomes dos aplicativos do que eu falei antes: do Firefox e do Thunderbird. Por que eles estavam fora da DFSG e não entraram simplesmente isso, corta fora não entra. (Palestra Joel Corrêa)

Neste trecho da palestra do usuário Joel Corrêa, observa-se que as DFSG representam um conjunto de valores para o Debian que demonstra certa radicalidade em manter o desenvolvimento dos programas livres e abertos. Além do texto da licença GPL que é comum a todas as comunidades de software livre, as DFSG colocam o Debian em uma posição de certa forma mais radical com relação ao respeito à liberdade dos programas e das informações. Há práticas dentro do software livre que colocam estas posições em diálogo com outras licenças e que são recusadas pelo Debian. No caso citado, a troca dos nomes do programa aconteceu por conta de estes envolverem algum licenciamento proprietário, as DFSG são formas de alinhar a posição discursiva sobre o que é livre e o que não é. Observamos que estes textos específicos da organização Debian, exercem a função de demarcar simbolicamente o posicionamento do Debian com relação a outros grupos do software livre. É uma necessidade de fazer com que a posição discursiva esteja suficientemente marcada e que as posições fiquem claras para todos os usuários. Como colocam Lakhani e Wolf (2005, online)¹⁴² estes textos fazem com que os usuários possam criar significados partilhados e formatar “fortes identidades coletivas e individuais”.

A imagem do Debian-RS como “gente comprometida com o que faz” também foi recorrente entre os usuários. Esta identidade surge, especialmente, quando os próprios usuários tentam definir a identidade cultural do grupo. Esta identidade é referida a partir de como os demais usuários Debian do Brasil enxergam o grupo do Rio Grande do Sul, especialmente pelo envolvimento de boa parte dos usuários com a realização do FISL e com o envolvimento de desenvolvedores do Debian-RS com projetos de grande notoriedade na

¹⁴¹ Estes textos foram mencionados na introdução do trabalho, na apresentação do objeto. Podem ser acessados online em: http://www.br.debian.org/social_contract (acesso em 11/11/2007)

¹⁴² Disponível em: <http://hacker.textfiles.com/papers/lakhaniwolf.pdf> (Acesso em 12/11/2007)

comunidade do software livre. Este envolvimento foi observado pelo pesquisador à medida que alguns usuários do grupo realizam trabalhos importantes para a realização do FISL e são os responsáveis por montar as estruturas de rede para os eventos. Há também, por parte de outros grupos, um reconhecimento do Projeto Debian neste sentido do trabalho. A Associação do Software Livre (ASL), todos os anos, conta com o apoio dos usuários do Debian-RS para a instalação técnica e configuração de rede e equipamentos para o funcionamento do Fórum.

Quero usar o exemplo do FISL aqui que tá me encontrando, na hora do vamos ver o FISL quem carrega o piano é a comunidade do Debian. É chamado, todo mundo pode participar e ajudar, mas na hora do pega para capar, só quem fica no final é a turma do Debian. E isso não é só aqui em quase tudo que é situação você encara assim e vê isso que é gente comprometida com o que faz, quando diz que vai fazer faz não fica embromando. (palestra André Felipe Machado)

Em um grande evento de software livre comunitário, como o FISL, a maioria das pessoas que estão empenhadas em fazer o evento funcionar bem fazem parte do projeto Debian. Isso é perceptível, mas se procurares a administração da ASL, podes pedir dados mais precisos sobre os envolvidos e verificar a qual grupo de usuários pertencem. A maioria, com certeza, será do Projeto Debian. (Luiz Guaraldo)

O que se observa no Debian-RS, com relação a esta questão, é que o grupo, embora não tenha um grande número de usuários efetivos que, além de programar, se envolvem com atividades presenciais, conta com um grande nível de adesão dos usuários colaboradores. Percebe-se um sentimento de engajamento daqueles que participam e a necessidade de reconhecimento a partir deste discurso de engajamento e participação:

From: andremachado em techforce.com.br (andremachado)
Date: Fri Apr 20 10:34:05 2007

Olá, Durante o FISL 8.0 notei que os computadores nas salas de palestras, na área dos palestrantes e na arena de programação pareciam estar todos usando o Debian 4.0 Etch. Perguntei ao Carlos Machado (da organização) e me indicou que a equipe do Debian-RS e Debian Brasil praticamente instalaram e mantiveram a infraestrutura, bem como a comissão de orientação e avaliação da Arena de Programação. O pessoal do Projeto Debian foi a única comunidade que se manteve nas tarefas. As outras comunidades desistiram....Segundo o próprio Machado, a comunidade Debian é bastante solidária e honra os compromissos. "Pode-se contar com eles".

A partir de uma mensagem enviada à lista de discussão, o usuário André Felipe Machado salienta o fato de os membros do Debian-RS e do projeto Debian terem participado ativamente na realização do FISL em 2007 e coloca esta condição como um fator de diferença do Debian como “a única comunidade que se manteve nas tarefas”. Este reconhecimento é reivindicado pelos próprios usuários como algo bastante característico do Debian-RS.

Outro ponto sobre a identidade cultural é a dimensão altruísta do software livre como uma espécie de dádiva a partir da realização de uma utopia tecnológica. Esta perspectiva aparece no discurso dos usuários sempre associada ao simbólico e é algo que já foi apropriado

teoricamente sobre as comunidades de software livre a partir do trabalho de Santos (2002, online)¹⁴³ e Apgaua (2004). O que se pode perceber no Debian-RS é que esta idéia aparece como um discurso sobre a compreensão do software livre, em alguns momentos:

Tudo que recibes debes retribuir de alguma forma, e se todas as pessoas do mundo pensassem livre talvez fosse mais fácil a convivência entre os seres humanos. (Luiz Guaraldo)

E isso aí vai te dar uma boa mão para o que tu precisas fazer as vezes e até o que tu implementar através dela e quiser jogar na internet e tu pode jogar e alguém vai precisar, então é uma rede que não vai diminuir nunca e isso aí só tende a fazer troca de conhecimento que eu acho que é a melhor coisa que tem nessa socialização é isso aí. (Carlos Alberto Fernandes)

A perspectiva da dádiva então é observada como um fazer coletivo que beneficia a todos. Esta visão, assim como a perspectiva de cosmovisão do software livre, não está condicionada apenas ao desenvolvimento tecnológico, mas compreende, em certos momentos, uma visão relacional do mundo e da atividade que desempenham a partir do modelo de *dar-receber-retribuir*. A atividade de colaborar com o software livre é compreendida de uma forma não-isolada pelos usuários: é um valor inerente que ao ser beneficiado pelos conhecimentos os usuários tenham que prestar uma retribuição a comunidade não como uma troca convencional, mas como uma perspectiva de coletividade que possa formar o círculo da dádiva proposto por Marcel Mauss (2001) com uma atividade relacionada à outra: *dar* está relacionado a *receber* que está relacionado a *retribuir*. Lojkine problematiza esta questão da reciprocidade a partir da divisão entre reciprocidade mercantil e não-mercantil. A primeira seria uma independência de proprietários privados na alienação de produtos e mercadorias totalmente distintos dos sujeitos que as negociam. Já a segunda seria “fundada, ao contrário, na dependência pessoal de seus atores em face de sua comunidade” (LOJKINE, 1995 p. 189). Esta dinâmica está presente em várias formas de organização das sociedades, tal como Mauss salienta o ciclo da dádiva como “uma das rochas humanas sobre onde está constituída a sociedade”. Nosso interesse, no entanto, reside no momento em que esta perspectiva da dádiva aparece com um ponto de identificação dos usuários. O discurso do software livre como dádiva parece ser algo constitutivo do Debian-RS como um grupo que percebe o software livre como uma cosmovisão a partir de uma escala de valores comuns e alinhados pela cultura hacker.

Outro ponto a ser observado como prática discursiva é a diferença do Debian com relação às demais comunidades do software livre por sua abertura a participação de qualquer

¹⁴³ Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/FranciscoCoelho.zip> . Acesso em 15/7/2007

usuário. No trabalho das entrevistas semi-estruturadas, algo que foi recorrente é a abertura da comunidade de usuários a qualquer pessoa que queira participar. Nossa experiência, como participante do Debian-RS, mesmo sendo restrita a partir do conhecimento técnico do pesquisador, permitiu que observássemos esta questão. Na primeira ocasião de encontro presencial com o grupo, em 2006, em vista de nosso interesse em instalar o sistema operacional, tiramos dúvidas com os usuários que, de fato, mostraram disposição em auxiliar na instalação dos programas. No entanto, é interessante anotar que esta imagem de abertura foi contestada por um usuário, na lista de discussão. A mensagem logo foi respondida por dois usuários mais experientes:

Marcus Saibert saibert em brturbo.com.br
Quinta Março 8 16:36:31 BRT 2007

Pessoal, desculpem se ofender alguém, mas, o marasmo deste forum não seria porque uma grande parcela dos frequentadores é arrogante demais para responder questões simples de usuários novatos. Eu particularmente me afastei por isso. Um abraço a todos, Marcus Saibert

joel Correa joel em kroma.inf.br
Sexta Março 9 08:14:35 BRT 2007

Pessoal, O que tem acontecido é que normalmente poucas pessoas respondem ou fomentam a lista. Neste momento estas pessoas estão muito ocupadas e acabam apenas acompanhando o andamento da lista. Eu vou responder a lista diariamente. Mas lembrem-se que todos devem participar. A questão da arrogância é comum ao ser humano e existe sempre em uma parcela dos que detem o conhecimento.

Mas para dúvidas técnicas básicas o google não é arrogante. Geralmente ele tem várias respostas. Muito mais que qualquer lista. Vamos movimentar a lista então e fazer mais colaboração entre os membros. Abraço.t+.

Luiz Eduardo Guaraldo software.livre em terra.com.br
Segunda Março 12 12:20:10 BRT 2007

Eu não diria arrogância, mas ocupância... :-D Esse é o meu caso... Ando tão ocupado que não consigo me concentrar para ajudar os outros...

Mesmo sendo um caso isolado, é importante compreender que, a partir da divisão das listas de discussão, os usuários criaram uma segmentação para a solução de dúvidas a partir de outros locais. Há também diferentes situações: a do novo usuário que encontra estruturas para o esclarecimento de dúvidas para iniciantes e a de usuários que esclarecem suas dúvidas em locais que não são direcionados para este fim. No segundo caso, geralmente, as dúvidas não são respondidas. Como posição discursiva, o Debian-RS é visto pelos seus usuários como um grupo aberto a participação de todos e que permite que os usuários possam adquirir conhecimentos e, por exemplo, evoluir seu nível técnico para desenvolver os programas.

Ela tem uma diferença muito grande pela parte democrática, qualquer um pode fazer parte dela. Então penso assim: outras distribuições e outros projetos de software livre eles têm um limitador uma barreira de entrada que o Debian não tem. Hoje você pode fazer parte sem precisar passar por uma barreira que vai te avaliar ou que

vai te puxar pra dentro ou pra fora do projeto. O Debian se diferencia muito nisso, é uma distribuição da comunidade para a comunidade. (Joel Corrêa)

Ela não é uma distribuição que é feita por uma pessoa somente ela é feita por todos e há uma possibilidade de uma pessoa que começou como usuário, crescer dentro da comunidade e se tornar um DPL por exemplo. Acho que essa é uma grande diferenciação pra distribuição Debian. (Maurício Portal)

O Debian é um sistema operacional diferente, feito pelos usuários, para os usuários e com os usuários. Sendo esse o foco do projeto, o grupo de usuários Debian tem uma participação muito ativa no desenvolvimento do sistema, o que o diferencia de grupos de usuários que apenas comentam e ajudam-se. Os usuários Debian envolvem-se totalmente no projeto. (Luiz Guaraldo)

A abertura do grupo e a criação de dinâmicas de funcionamento que possam envolver a partir de um processo de aprendizado acontecem a partir da própria experiência dos usuários no caminho para tornarem-se desenvolvedores. As estruturas criadas para envolver os usuários no projeto servem como uma marcação simbólica do Debian para outros grupos que adotam dinâmicas diferenciadas de trabalho. Para entender esta questão é preciso compreender que boa parte das distribuições em software livre é feita a partir de um seleto grupo de programadores que, através da GPL, apropriam tecnologias de outros grupos, sobretudo do Debian, mas restringem a meritocracia a um pequeno grupo de pessoas. A organização do Projeto Debian possui um processo formal, a partir de critérios, para que os usuários possam se tornar desenvolvedores. Mesmo sendo algo bastante difícil, é possível que os usuários passem a esta condição a partir de seu conhecimento técnico e compromisso com a DFSG e o Contrato Social do Debian. A atitude do grupo em promover eventos para que os interessados possam conhecer melhor e criar uma política que permita a qualquer pessoa ingressar e se tornar programador, a partir de suas próprias definições, é observada como uma fronteira simbólica que diferencia o Debian e, somado a outros elementos, permite que sua posição discursiva possa ser constituída.

Outra questão da identidade como uma marcação simbólica é a postura em relação à interpelação mercadológica a partir do software livre. Há dentro dos diferentes grupos de usuários algumas variantes na forma de pensar as relações do desenvolvimento colaborativo com questões político-econômicas, como, por exemplo, a apropriação mercadológica do software livre. Este conflito se materializa, sobretudo, quando são debatidas questões como o apoio institucional de empresas interessadas em software livre, como, por exemplo, a IBM e a Google, francas apoiadoras do software livre, e até mesmo algumas distribuições que são controladas por organizações empresariais. Estes debates surgiram em quase todos os momentos de acompanhamento da pesquisa. Os usuários têm uma postura clara sobre esse

aspecto e operam com certa radicalidade no sentido de deixar claro que o Debian é compreendido como uma movimentação social e não uma empresa.

O que eu quero levantar e fazer cada um pensar para si, outra coisa não é por dinheiro que tu deseja a trabalhar no projeto Debian, o Debian não é empresa, começa assim. Eu acho que, talvez, é o melhor, mas é mais a única que tem pessoal que está crescendo. É mais antigo, é mais antigo e tá ai ainda forte. Mas é pura a comunidade é pura, e no final sem medo de trabalhar duro. Tu vai ter que fazer muita coisa mesmo. (...) Como o pessoal da ASL falou de manhã, nem todo mundo tava aqui, falta gente, falta gente pra tudo, nem é dinheiro é gente mesmo. Precisamos toda a comunidade precisa de gente para o trabalho e só aumenta o número de tarefas pra fazer, todo mundo tem que se virar em cinco. (palestra André Felipe Machado)

Neste caso, o usuário André Felipe Machado fala da necessidade dos usuários compreenderem que a dinâmica do Debian necessita de material humano e que a lógica de funcionamento da organização é não-empresarial. Esta condição de não funcionar a partir da compensação pelo capital e da necessidade de material humano mais do que dinheiro, permite que o usuário possa pensar a comunidade como “a pura comunidade” como ele mesmo coloca. A marcação simbólica de organização sem fins lucrativos neste caso serve para costurar a identidade do Debian como grupo.

Tem alguns mantenedores que são contratados por empresas, contratados do Ubuntu por exemplo, o Ubuntu paga eles porque ele usa alguns pacotes. Então como o Martin Michlmayr conhece a estrutura toda do projeto Debian, ele resolveu “patrocinar” alguns desenvolvedores do projeto já que ele usa os códigos do Debian. (...) E agora pegando só um caso do Martin, ele criou um desconforto entre os desenvolvedores que não eram remunerados por fazerem uma diferenciação. Na realidade isso nunca existiu só foi uma idéia. E agora quando ele foi substituído, ele não é mais o atual DPL, essa idéia morreu e o Debian está andando bem melhor. (...) A prioridade como eu falei não é ganhar dinheiro e sim fazer um software de qualidade para os usuários e para a comunidade do software livre, essa é a função do Debian. (Joel Corrêa)

Neste segundo exemplo o conflito acontece dentro da própria organização a partir do caso observado pelo usuário Joel Corrêa. O antigo líder do projeto Debian (DPL), Martin Michlmayr causou um “desconforto” na comunidade quando incentivou a prática da gratificação financeira para alguns usuários. Quando esta dinâmica deixou de ser empregada, o projeto passou a andar “bem melhor”. O que observamos é que a “natureza” do Debian enquanto comunidade de usuários de software livre delimita um sistema classificatório para organização do discurso identitário do grupo. Esta dinâmica utiliza o jogo simbólico da diferença para construir fronteiras entre as comunidades que têm alguns de seus interesses ligados a iniciativas de mercado, como o caso do projeto Ubuntu, e o Debian que se orgulha em manter um grupo essencialmente livre e que conserva o “espírito” comunitário do software livre, desde sua gênese. Muitos dos grupos que imbricam interesses mercadológicos

no software livre foram gerados a partir da dinâmica do Debian. Apesar de os usuários considerarem a diversidade de distribuições livres, estas dissidências, muitas vezes não são vistas com bons olhos por alguns membros do Debian. Este posicionamento tem uma função simbólica de diferenciar o projeto Debian dos outros grupos. É uma necessidade de diferenciação em um nível mais interno, dentro do movimento do software livre.

Ao contrário desta está posicionada a diferença mais óbvia e mais simbolicamente demarcada com relação ao Debian-RS e a todos os grupos de usuários de software livre que é a franca oposição a lógica do software proprietário. Neste sentido de demarcação de fronteiras entre um e outro surgiram posicionamentos com relação à questão da pirataria e também a práticas de mercado da Microsoft, principal empresa do mercado de software proprietário. A Microsoft é vista como a empresa que se opõe às práticas do desenvolvimento colaborativo por ter uma dinâmica oposta ao software livre, especialmente pelo fato de o código de seus programas serem criptografados e inacessíveis a outros programadores. A empresa possui uma sessão em seu website chamada *Get the Facts*¹⁴⁴ (encare os fatos) composto por cases de empresas que migraram do software livre para o software proprietário. Na entrevista com os usuários este episódio foi utilizado em uma das perguntas.

Acho que a Microsoft começou de um curto intervalo de tempo pra cá, acho que de dois ou três anos pra cá a agredir, eu gosto de usar essa palavra agredir, que eu acho que é exatamente o que eles estão fazendo uma comunicação agressiva em cima do software livre. Eu me lembro que nessa época eu tava cursando meu curso técnico e funcionários da Microsoft se disponibilizaram a ir dar palestra na minha escola. E as palestras que eles iam dar na Escola não eram palestras falando sobre a Microsoft, falando de ferramentas da Microsoft, eram palestras falando sobre agressão ao software livre, falando tipo coisas que eles colocavam que ah não é assim o software livre não tem suporte. Essas coisas que comunicação Microsoft e comunicação tão tentando trazer para os usuários. (Maurício Portal)

A Microsoft trabalha muito em cima de FUD¹⁴⁵, em semear o medo e insegurança no mercado, em relação a soluções que não soluções dela não apenas a software livre, mas em relação a soluções que não sejam dela. Eles fazem muito forte isso e sempre fizeram. Não é só com o software livre, historicamente falando. (Joel Corrêa)

O mecanismo de oposição ao software proprietário se torna em um componente no jogo da diferença para marcação simbólica do discurso identitário dos usuários. A Microsoft é o grande expoente desta demarcação por ser vista como uma empresa oposta ao desenvolvimento colaborativo, na visão dos usuários: ao invés de permitir a participação dos usuários no desenvolvimento dos sistemas assume uma política de medo. A questão da

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.microsoft.com/brasil/fatos/default.aspx> (acesso em 22/10/2007)

¹⁴⁵ FUD é uma sigla que significa Fear, Uncertainty and Doubt (medo, incerteza e dúvida em inglês) e refere-se a uma estratégia de mercado a partir da dinâmica de coação do consumidor a partir da dúvida e incerteza sobre os produtos da concorrência.

pirataria, como observamos na fala do usuário Fabrício Solagna, também tem o sentido de estabelecer uma marcação simbólica já que é vista como uma prática condenável pelos usuários entrevistados, que, ao invés de prejudicar o “inimigo” colabora com seu desenvolvimento:

A Microsoft sempre fez vistas grossas e desde o início de sua atuação como empresa de produtora de software ela faz vista grossa e até propicia a pirataria como forma de desenvolver uma massa crítica para os seus softwares. E na verdade eu diria que hoje o principal inimigo do software livre não é nem o software proprietário, mas sim a pirataria porque ela contribui para o usuário comum, o que não é técnico, que só quer sentar na frente do computador e passar o e-mail, para ele não refletir o que ele tá fazendo enquanto tecnologia (Fabrício Solagna).

Neste sentido, a pirataria assume o sentido de uma marcação simbólica do software livre como uma prática condenável pelos usuários, mas que é incentivada pelas empresas de software proprietário, não apenas pela Microsoft, como um posicionamento de mercado. Nossa preocupação é perceber que a construção discursiva dos usuários passa pela recusa da pirataria como fronteira com outras dinâmicas do software proprietário que, na opinião dos usuários, “fazem vistas grossas” à pirataria.

Como um último aspecto com relação aos “pontos de sutura” da identidade do Debian-RS está a questão da ludicidade identificada a partir do caráter informal e celebrativo dos encontros presenciais. Esta ludicidade é materializada através das festas e confraternizações por meio de camisetas, adesivos e bonecos de pelúcia relacionados ao software livre. Com base em nossa experiência de participação no Debian-RS e em outros eventos, observamos que sempre há este apelo à ludicidade e aos símbolos. Presenciamos momentos de debate em que os animais de pelúcia faziam parte da decoração das mesas de discussão e que os usuários fazem questão de externar a distribuição a qual fazem parte. Há também nos eventos, sobretudo durante o FISL, vários locais e momentos de venda de souvenirs para os usuários. Desde camisetas com frases e figuras ligadas ao software livre, como alguns símbolos identificáveis apenas a partir de uma competência cultural própria destas comunidades. Há vários exemplos deste apelo lúdico, desde o surgimento da mascote oficial do software livre, o pingüim Tux, até os nomes das distribuições do próprio projeto Debian, baseados em personagens do desenho animado Toy Story.

Temos vários personagens ainda, e algumas pessoas perguntam: o que vai acontecer quando acabar os personagens? Bom, se o Debian ainda existir quando acabarem os personagens provavelmente vão pegar um outro filme da Pixar pra começar a usar os nomes porque os desenvolvedores Debian não só gostam do Toy Story como gostam dos filmes da Pixar. (palestra Joel Corrêa)

Esta ludicidade assume o papel de sistema classificatório quando é posta em contraposição ao comportamento dos envolvidos com software proprietário. Os usuários do Debian-RS reconhecem estas diferenças, não apenas no modo de celebrar e participar da comunidade, mas também a partir das roupas e comportamentos de determinados grupos:

Nos últimos dois fóruns a gente teve duas comemorações no estande do Debian-RS, que um foi o lançamento do Etch e no outro ano do CDD. Que a gente botou um bolo lá, comprou uns apitos, uns balões. Quer dizer essa coisa lúdica você não veria em outras esferas, nem em outras, eu acho que nem em outras distribuições. Acho que por exemplo em um empresa de software proprietário nunca, e não porque elas não gostariam de fazer, mas porque não faz parte da ética, sabe? Isso tá muito imbricado com o modo de ser lúdico e acho que essas questões da identificação do Pin e da camiseta também tem isso. É uma forma de ser adolescente também seria uma má classificação porque não é isso. Tu vê que às vezes o pessoal mais velho usa mais que os adolescentes. É uma questão mesmo lúdica de ser, assim. De não ser aquele cara tipo bem tradicional com uma gravatinha e tal para mostrar que um especialista, não o cara tá como uma camiseta e aquilo identifica que ele é um especialista daquele software.

Nesta situação a imagem do tecnólogo engravatado é colocada em oposição à imagem do desenvolvedor do software livre que utiliza a camiseta da distribuição a qual ele pertence. Esta questão lúdica é colocada pelo usuário como algo bastante particular ao Debian, de manter o “espírito comunitário” a partir da celebração das novas distribuições. Também a própria indumentária, como sinaliza este depoimento, pode ser compreendida como uma marcação simbólica: os usuários do software livre, enquanto comunidade, não aderem a figura do tecnólogo empresarial que usa roupas formais e gravata em suas relações, mas aderem ao visual mais despojado com camiseta do grupo a qual pertencem. O que se percebe, sobretudo no FISL, é que as duas figuras coabitam: há empresários do software livre que trajam roupas formais e usuários pertencentes às comunidades que transitam de camiseta e tênis pelo evento.

5.4 Dialogismo e repertórios culturais como negociação e conflito

Nosso segundo elemento-chave é dedicado a observação da identidade cultural a partir do olhar sobre as posições dialógica dentro do Debian-RS. As identidades culturais que, ao mesmo tempo em que estabelecem pontos de convergência do discurso, consideram a instabilidade destas formações e a situação de negociação e conflito a qual os posicionamentos são colocados. Trata-se de considerar a condição da identidade como um “conceito que opera sob rasura” (HALL, 2000 p. 104), sempre no limite entre o totalitarismo das concepções essencialistas e o performatismo do construtivismo. A identidade cultural como discurso, sob estas condições, é compreendida então como uma construção, como um “processo nunca completado”. Destacaremos, então, as posições discursivas que estão em constante negociação e conflito na dinâmica observada no Debian-RS.

Uma destas primeiras posições é referida ao conflito do software livre com o software proprietário a partir do posicionamento dos usuários. Observa-se que a cosmovisão e os referenciais claros estabelecidos pelos usuários do Debian-RS precisam em alguns momentos entrar em conflito e negociação com outras posturas, sobretudo em um nível mais particular. Existem algumas questões de conjuntura envolvidas nesta observação, dignas de nota, que se referem ao fato da grande maioria dos usuários de computador do globo utilizar um sistema operacional Windows. Com base em dados de setembro de 2007 do site W3Schools¹⁴⁶, que traça estatísticas de utilização dos navegadores e sistemas operacionais mais utilizados a partir da internet, os usuários Windows totalizam mais de 92%, enquanto que usuários de Mac/OS são responsáveis por 3,7%, seguido dos usuários de sistemas GNU/Linux, com 3,4%. O que evidentemente coloca o software livre na contramão de todo esse processo por estar em oposição a dois sistemas operacionais proprietários. No nível das vivências, faz com que seus usuários, muitas vezes, em vista de suas relações profissionais, ou outros interesses, tenham que negociar os posicionamentos do software livre com outros modos de compreensão do desenvolvimento tecnológico. Há usuários que utilizam sistemas livres e proprietários concomitantemente em seus computadores por necessidades de trabalho ou estudo.

Carlos: Mas em questão da parte de informática digamos a pirataria, eu vou te ser bem sincero porque até um bom tempo, queira ou não eu ainda sou um usuário Windows.

Guilherme: Tu tem dual boot na máquina?

Carlos: Tenho, porque eu preciso não adianta. Eu só preciso por causa disso, a faculdade exige eu tenho que usar no Windows. Então o que acontece? Muitas coisas que eu precisei trabalhar, infelizmente eu fui um usuário piratão, e então no meu caso assim se eu for analisar dessa forma aí eu não vou dizer que ah eu não sou contra sei lá o que, eu diria que era um bem necessário, eu precisava né, fazer o que né? Mas em questão geral eu acho que é uma sacanagem assim né é meio ruim eu acho que é meio ruim, mas ta ai né vou fazer o quê? (Carlos Alberto Fernandes)

É assim, todo mundo precisa pagar suas contas de alguma forma, eventualmente eu preciso dar suporte e servidores Windows que não rodam aplicações Linux porque não existem aplicações Linux. E eventualmente se coloca até servidores proprietários como terminal Server para rodar uma aplicação que não vai rodar em cima de Linux a não ser que reescreva e o custo pra isso é muito alto de reescrever uma aplicação. Eu não vejo problema nenhum nisso desde que você não fira o teu conhecimento dentro do software livre. Por exemplo, não vamos inserir dentro de uma aplicação proprietária códigos livres e fechá-la. (Joel Corrêa)

O que podemos observar no Debian-RS é que as negociações e conflitos com o software proprietário acontecem mais a partir do nível pessoal dos usuários do que propriamente do

¹⁴⁶ Estatísticas disponíveis em: http://www.w3schools.com/browsers/browsers_os.asp (acesso em 13/11/2007)

grupo. Este processo acontece a partir da dinâmica de identidade como uma costura do sujeito à estrutura a que ele está inserido. Como ter o software livre como cosmovisão no momento em que preciso me relacionar com outros modelos de práticas tecnológicas? Como posso contribuir com o desenvolvimento colaborativo se preciso em alguns momentos utilizar soluções proprietárias, ou até mesmo trabalhar em empresas que utilizam software proprietário? São questões presentes na prática dos usuários e desenvolvedores, sobretudo àqueles que desenvolvem atividades profissionais ligadas à tecnologia e precisam conviver com diversos contextos de uso. Nossa experiência como usuário de software livre traz um pouco esta vivência da impossibilidade de migrar completamente para o software proprietário por conta de algumas ferramentas que existem apenas a partir de plataformas proprietárias e estão ligadas a padrões de mercado para determinadas aplicações. O que acontece é o uso massivo de determinado software, mesmo que de forma ilegal (pirataria) faz com se torne padrão de utilização pelas empresas e organismos. Se o usuário não utiliza determinada ferramenta, por vezes não consegue, muitas vezes, inserir-se no trabalho. Como qualquer dinâmica de formação discursiva das identidades, estas posições, por vezes precisam ser negociadas para que os usuários possam desenvolver suas atividades. Nestes dois exemplos, o software livre precisa coabitar com o software proprietário no cotidiano dos usuários.

Outra questão relacionada a esta posição dialógica da identidade cultural do Debian-RS é mais relacionada a forma com que o grupo se identifica com sua própria prática e a necessidade de discussão, observada por alguns usuários, da maneira com que a comunidade do software livre observa a colaboração com o grupo. Historicamente os grupos construíram suas lógicas de trabalho a partir da atividade de programação de código, produção de documentação e tradução para o desenvolvimento dos softwares e sistemas. As dinâmicas de funcionamento e de meritocracia empreendidas estão categoricamente classificadas por esta forma, um exemplo é a dinâmica de um usuário que se torna um desenvolvedor. O que percebemos, não apenas no Debian-RS, é uma necessidade de discussão destas formas de colaboração e até mesmo a necessidade que os grupos têm de adquirir novas competências para colaboração em vista do crescimento das dinâmicas. Isso foi recorrente na fala de usuários do Debian-RS e também em discussões no Fórum Internacional do Software Livre com o posicionamento de grupos que apresentam novas formas de contribuição, como por exemplo usuários que trazem outras contribuições para o pensamento do desenvolvimento colaborativo, como advogados, comunicadores e artistas. Esta questão surgiu quando

perguntamos aos usuários como eles contribuíam com o Debian e quanto tempo dispunham para ajudar semanalmente:

Cara isso é uma pergunta que eu acho que a comunidade tem que começar a refletir sobre isso, sabe? Por que na verdade eu gostaria de contribuir com a forma tradicional como a comunidade enxerga a distribuição, ou é com códigos ou é com tradução, mas eu acho que a gente tem que começar como comunidade a se articular com outras esferas pra potencializar outras ações. Por exemplo, eu acho que atividades como hoje é muito importante e a gente tem que ter gente envolvida. Gentes solidárias a isso e que vão ser contribuintes nesse sentido. A gente tem que ta convencendo, gente disposta a atuar nos espaços públicos, nas secretarias, nos movimentos sociais, para difundir e para consolidar a ideologia do software livre. E pra isso precisa ter gente e gente empenhada pra isso. E eu acho que isso é contribuir é empenhar horas para isso em prol do movimento porque a gente enxerga o movimento como um todo né. (Fabrício Solagna)

De certa forma sim, no que eu posso, não exatamente como a comunidade vê essa contribuição, mas ajudo interagindo em fóruns, até como forma de perguntas, fazendo palestras e dessa forma assim, sim. Em torno de 3, 4 horas semanais. (Maurício Portal)

O usuário Fabrício Solagna percebe que é necessário discutir o modelo de colaboração tradicionalmente compreendido pelo Debian-RS, e por boa parte das comunidades de software livre, em vista de outras necessidades e de um desdobramento político da atuação. Seu olhar parte da necessidade de potencializar as dinâmicas a partir do estabelecimento de relações e outras articulações que não são exploradas pelos usuários. Na segunda fala, do usuário Maurício Portal, a atividade de interação com o fórum na formulação de perguntas e respostas e até mesmo na realização de palestras sobre o software livre não estão inseridas na forma com que a comunidade do software livre compreende a colaboração. A identidade do usuário é problematizada nestes momentos e este conflito acontece em decorrência desta identidade negociar seu posicionamento tanto com relação à criação de novas demandas, como o caso do conhecimento jurídico necessário para a criação e manutenção de licenças livres a partir de cada país, como também na composição de usuários que tenham outras competências que não exatamente a do desenvolvimento de softwares e tradução de documentos. Estes conflitos e negociações estão diretamente ligados à posição discursiva do grupo, que precisa reavaliar suas práticas a partir de novas demandas e de modificações em sua composição.

O Debian-RS, coincidentemente, é um bom exemplo do surgimento de novas competências a partir da composição de seus usuários. Alguns usuários definem o grupo a partir de certo “ecletismo” em reunir colaboradores com diversas formações acadêmicas e diversas competências. Tomamos conhecimento de usuários do Debian-RS com formações na

área de ciências sociais e humanas como psicólogos, advogados, médicos, antropólogos, sociólogos e jornalistas. Boa parte destes profissionais faz parte da cultura hacker tecnológica, mas também procura aplicar o conhecimento de suas áreas específicas as discussões sobre o movimento. Observa-se que, em alguns momentos, sobretudo nos espaços de discussão sobre temas não-técnicos estes usuários têm o papel de agendarem discussões referentes às suas competências culturais próprias, como, por exemplo, o caso de palestras sobre as implicações sociológicas e políticas do software livre, ou até mesmo a questão jurídica aplicada ao desenvolvimento colaborativo. Concomitantemente à cultura hacker tecnológica surgem outros hackers que fazem com que o discurso do grupo possa incorporar diferentes posicionamentos e ir colocando suas próprias posturas em diálogo. Esta contribuição é percebida por usuários mais experientes:

Que bom que temos mais do que informatas no grupo de usuários... Isso é ótimo, pois o Debian não é feito apenas por informatas. Cada qual ajuda como pode e em sua especialidade (ou com o que deseja atuar). (Luiz Guaraldo)

O Debian-RS é o grupo mais eclético possível: nós temos desenvolvedores, nós temos antropólogos, temos jornalistas, médicos, psicólogos, músicos não sei enumerar quantas específicas. (Joel Corrêa)

Evidentemente estas competências culturais, particulares de cada usuário, estão presentes na maneira com que o grupo é percebido, e também tem o papel de negociar espaços de discussão para estes temas. Um exemplo disto aconteceu no mês de outubro de 2007, com o evento chamado Além das Redes de Colaboração, acontecido concomitantemente nas cidades de Porto Alegre/RS e Natal/RN. O acontecimento teve o apoio e a franca participação dos usuários efetivos do Debian-RS e teve como objetivo a discussão do software livre como um modelo de desenvolvimento tecnológico. Em uma das discussões acompanhadas pelo pesquisador, houve a participação de juristas, músicos, cineastas e sociólogos interessados em discutir a questão do software livre e de desenvolvimento colaborativo através de *copyleft* como a Creative Commons. O usuário Fabrício Solagna participou da comissão organizadora deste evento e fez mediação em uma das mesas de debate. Quando perguntado, na entrevista, se ele reconhecia o Debian como comunidade, a resposta foi a seguinte:

Eu acho que sim, porque pelo menos uma maneira bem superficial pra gente tentar tipificar, uma comunidade é um pouco quando você tem uma certa irmandade uma certa complacência entre os seus membros e acho que de alguma maneira a gente tem aqui, a gente encara as tarefas do Debian-RS como uma tarefa de todos a gente tenta pensar atividades para o Debian-RS, não tem aquela questão, eu acho que não tá permeado por uma filosofia racional assim com objetivos afins weberianos, digamos assim [em referência a ética protestante weberiana] ele realmente tem ali uma questão de comunidade como identificação mesmo.

Neste depoimento, podemos observar que os repertórios culturais do usuário, enquanto estudante de sociologia, estão presentes na maneira com que as relações do grupo são compreendidas. O paralelo com a compreensão weberiana do trabalho é fruto desta competência cultural específica. Tanto na fala do usuário, como no caso da realização do evento para discussão da tecnologia, podemos perceber que, de certa forma, estas posições particulares interpelam a identidade cultural do grupo ao sugerir novos direcionamentos e ter atenção a especificidades que não o desenvolvimento técnico dos programas.

5.5 Lógica global e necessidade local

Um conjunto final de observações sobre a identidade cultural do Debian-RS pode ser sinalizado a partir da questão da organização do grupo enquanto um movimento mundial que opera a partir de uma dinâmica de colaboração mundial, mas que ao mesmo tempo prescinde de uma necessidade de organizar-se localmente e aliado à isso confere centralidade aos encontros presenciais entre os usuários. Esta sensibilidade parte de uma preocupação teórica de todos que tratam da questão das identidades em referenciar a identificação a partir das dinâmicas globais de comunicação e na alteração das percepções espaço-temporais (HARVEY, 1997) em virtude da falência dos grandes relatos narrativos. Neste momento, encontra-se exposta mais uma ambigüidade da questão da identidade cultural, observada a partir da perspectiva de autores como Zygmunt Bauman (2005, p. 94) Homi Bhabha (2005 p. 299) e Stuart Hall (2002 p. 87) que colocam uma interdependência da dinâmica do global a partir da referência local. Esta interdependência está situada a partir de “um campo de batalha” onde temos identidades marcadas por diferenças que, ao mesmo tempo em que são indesejadas pela desconstrução do pós-moderno, continuam a ser necessárias para organizar os fluxos do global. Nosso objeto não está distante destas dinâmicas e suas formações discursivas dialogam a partir de uma lógica global uma necessidade local.

Dentro do pensamento sobre as ambigüidades desta relação, uma primeira observação sobre o Debian-RS é a desconstrução de que todas as comunidades que estão plenamente integradas a uma interconexão totalmente virtual e que este processo é vital a todos os usuários. Ao conversar com os usuários sobre estes temas, percebemos que o global como parte da formação discursiva é algo atravessado por experiências e repertórios pessoais e isso não depende exclusivamente da inclusão dos sujeitos em dinâmicas de comunicação. A experiência de participar de uma dinâmica de desenvolvimento global é relativizada a partir

do repertório de cada usuário que, a partir de seu conhecimento, seja de outros idiomas, seja de programação, pode ou não estar inserido nestas práticas. Mas a organização global e a possibilidade de comunicação instantânea com todas as partes do globo, não é, por si só, uma garantia de integração ao mundial.

Não, não tenho trocado idéias, mas sei que eles são bastante grandes, tem até o Debian Conf. (Yaron Hamerski)

Sim sim, como a gente participa do Forum Internacional do Software Livre, sim com alguns usuários mas muito muito pouco do que eu gostaria. Acho que até devido a essa nova fase da globalização quer temos isso tem que ser mais explorado. Até para a troca de culturas que a gente pode fazer e pode proporcionar com esses grupos de outros lugares. Também trago isso como uma meta minha de poder daqui há pouco poder interagir com usuários de outros países com certeza. (Maurício Portal)

O usuário Yaron Hamerski, demonstrou não ter muitas experiências com relação à dinâmica global das comunidades de software livre. Da mesma forma o usuário Maurício Portal, mesmo participando de forma mais ativa da comunidade e dos eventos de encontro, manifesta que sua experiência de comunicação não é tão intensa quanto gostaria e que, apesar das oportunidades de interação, a integração com usuários de outras partes não acontece de forma muito intensa. Já para outros usuários mais experientes esta dinâmica de integração global já está mais presente. No entanto, ela acontece muito ligada à necessidade do encontro presencial. As experiências mais significativas em termos de comunicação com usuários de outros países e de outros estados são descritas por via dos encontros presenciais:

É muito interessante o Debian em si porque o Debian ele te obriga a ser meio itinerante, em termos de relacionamento. Pois como nós temos desenvolvedores espalhados pelo mundo inteiro existe uma conferência anual que é a Debian Conference e cada ano se faz em um país justamente para fazer com que estas pessoas conheçam esse país e as comunidades deste país. Geralmente esta conferência é organizada pelo grupo que mantém ou o grupo de desenvolvedores Debian daquele país, em 2004 nós fizemos no Brasil foi uma conferência que contou com 960 desenvolvedores, dos 1300 que existiam na época, foi uma das maiores conferências já feitas e foi no Sesc Campeste, muito próximo ao FISL daquele ano e foi uma conferência muito interessante porque foi nessa conferência que surgiu o Ubuntu, tipo um marco. (Joel Corrêa)

Mesmo sendo um grupo que desenvolve sua dinâmica globalmente, observamos que na dinâmica do Debian há uma preocupação em referenciar o grupo a partir de uma dinâmica presencial. A experiência de interconexão e comunicação online pode ser relativizada a partir destas necessidades. Há um privilégio dos encontros presenciais como locais de reconhecimento do grupo, discussão de temas não-técnicos e celebração. A comunicação online é utilizada, em sua maior parte, para a comunicação operacional para o

desenvolvimento dos sistemas e a solução de dúvidas. O *Debian Day*, evento específico do Debian acompanhado pela pesquisa, pode ser observado como um exemplo da ambivalência do global e do local: é um evento organizado em rede pelos grupos de usuários Debian em todo mundo, mas prescinde dos locais dos grupos para acontecer. No mesmo dia 18 de agosto de 2007, mais 12 localidades no Brasil estavam realizando as atividades em comemoração ao aniversário do projeto. Mesmo o grupo estando localizado a partir do espaço geográfico do Rio Grande do Sul, esta regionalização não é restritiva à participação de usuários de outras localidades. O Debian-RS conta com usuários de outros estados e países.

Acredito que não tenha nenhum problema. A gente tem várias pessoas que se “dizem” Debian-RS e hoje por exemplo estão na Espanha, mas de alguma maneira interagem com a gente. Por que eu acho que a questão da identidade do grupo também tem a ver com o local, logicamente, existe uma transversalidade, mas identidade também não é uma coisa que se desapega na medida em que você dá dois passos pra uma direção ou outra, você também carrega raízes então não tem problema nenhum né, de ter alguém do Debian-RS que tá fora do RS. (Fabrício Solagna)

Quando perguntados sobre esta questão, os usuários vêem este processo como algo aceitável e bastante comum. Os usuários que não estão localizados no RS geralmente têm algum vínculo afetivo com outros usuários ou tiveram que migrar para outras partes por questões profissionais. O sentido de localização do Debian-RS é visto a partir de uma relação de “comunidade imaginada” mais do que a territorialização como pertencimento geográfico. Como o próprio usuário define, este pertencimento ao local está relegado a uma condição simbólica, formada a partir do discurso identitário do que significa ser Debian-RS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final da trajetória de pesquisa, faremos algumas reflexões a título de conclusão. Mais do que uma revisão dos objetivos propostos no início da investigação, trataremos de algumas situações da pesquisa, partindo da intenção de fazer um estudo sobre a identidade cultural do Grupo de Usuários Debian do Rio Grande do Sul.

Tendo em vista os elementos-chave apresentados no capítulo destinado aos resultados, compreendemos que a identidade cultural do Debian-RS pode ser vista a partir de uma situação ambivalente. Ao mesmo tempo em que há uma intenção clara em estabelecer pontos de reconhecimento através do discurso, há o condicionamento a uma posição dialógica. As condições sob as quais a construção da identidade cultural do Debian-RS está posta exige que o grupo compartilhe posicionamentos e discursos a partir de vários níveis, mas também impele a criação de limites simbólicos, a partir de um nível mais particular. Compartilhando uma idéia presente em outros estudos das ciências sociais que envolvem o Projeto Debian, há nestes grupos uma “enculturação ética” (COLEMAN, 2005 online) que é simbolicamente determinada desde o pertencimento do grande grupo de usuários da comunidade do software livre, tanto como participante do Projeto Debian e usuário do Debian-RS. Percebemos que os usuários partilham de sistemas referencias comuns, a partir destes níveis. Há um firme propósito em fazer com que este discurso seja partilhado por todos os usuários, em todos os níveis.

Estes posicionamentos, no entanto, são interpelados por outras questões que colocam os usuários do Debian-RS em uma posição de negociação e conflito. Observamos que mesmo que seja algo simbolicamente construído, as tentativas de essencialização de um discurso identitário na estão livres do conflito e, portanto, como mostra Stuart Hall, são posicionamentos *sem garantias* (HALL, 1996 p. 70). Estes posicionamentos são constantemente “negociados” no interior dos discursos e de um nível de escolhas pessoais dos usuários que negociam suas posições com a identidade cultural do grupo, em alguns aspectos o nível de adesão é maior e em outros é menor, mas nunca estas posturas estão postas em uma relação inquestionável.

De fundo, estas questões estão colocadas sobre o jogo das diferenças. Observamos que os discursos são organizados a partir de sistemas classificatórios que fazem com que os sujeitos possam se referenciar como participantes de um grupo de usuários de software livre a

partir da oposição a outros posicionamentos. Esta oposição é responsável por “organizar” os sistemas de referências e fazer com que, por exemplo, seja possível que a identidade cultural do Debian-RS esteja posta a partir dos diferentes níveis. Há diferenças que localizam a comunidade do software livre e há diferenças que localizam todos os participantes do Projeto Debian. Mesmo partindo de uma relação de subordinação com o Projeto Debian, o próprio Debian-RS também procurar estabelecer suas “fronteiras simbólicas” em alguns momentos.

Outro papel destas “fronteiras simbólicas” é o de fazer com que a identidade cultural possa ser referenciada a partir do global e do local. Partimos de um grupo que é um exemplo de relação de ambivalência entre o local e o global, como nos mostra Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2005 p. 82). O Debian-RS opera a partir de uma lógica global, de subordinação e ligação direta com outros grupos de usuários ao redor do globo, mas precisa referenciar suas ações a partir de um nível local. A organização, globalmente constituída, tem uma interdependência com a identificação local. Os usuários necessitam de elementos locais de identificação, a existência do Debian Brasil não anula a constituição dos grupos divididos por estados. Esta necessidade do local não é uma exclusividade de nosso caso, mas também é encontrada nos momentos de reconhecimento das comunidades. Também há outras ambivalências observadas no trabalho de investigação como a questão do grupo eleger os espaços presenciais de interação como lugar preferencial para construção da identidade cultural a partir da enunciação dos discursos sobre a “filosofia” do software livre.

Ao refletir o trabalho junto ao campo de pesquisa da comunicação, partimos para duas opções deste estudo. A primeira delas se deu a partir da reflexão teórico-metodológica com relação à aproximação etnográfica e a possibilidade de combinação de algumas técnicas de pesquisa de cunho etnográfico com evidências do próprio objeto de estudo. A investigação, realizada tanto a partir do online quanto do offline, como sinalizam Press e Livingstone (2006 p. 196). Um pouco além da necessidade de abordagem do Debian-RS a partir de dois âmbitos, percebemos que a investigação concomitante nestes dois espaços permite com que os grupos possam ser estudados a partir também de algumas condições da experiência concreta dos sujeitos. Em nosso caso, por exemplo, esta dinâmica serviu para que o engajamento dos usuários possa ser observado a partir de uma situação de encontro presencial, onde os usuários não apenas respondem os e-mails, mas precisam dedicar, efetivamente, um tempo exclusivo à participação nos encontros com os outros usuários. A segunda opção foi a da realização de um mapeamento da pesquisa em comunicação mediada por computador, a partir da investigação de objetos empíricos. Este levantamento nos permitiu observar a constituição do campo de

investigação sobre os objetos empíricos e também de que forma se deu o surgimento de temas diretamente relacionados com o caso estudado nesta investigação. Observamos que o presente estudo se coloca como contribuição quando busca a realização de uma investigação que parta de uma maior profundidade empírica e soma-se a outras propostas de estudo sobre este mesmo tema.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco. Redes, conhecimento e software livre. 2003 Disponível em: <http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_jul2003.cfm>. Acesso em 4/3/2007.
- ALVES , Fernando César de Carvalho; ROSA, Silvana Bernardes. **CELEPAR na Comunidade - a utilização da informática como processo transformador do cidadão** . In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. Cd-Rom. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/18820>> . Acesso em 13/9/2007.
- AMADEU, Sérgio. **Material de Ética Hacker**, 2007 online. Disponível em: <http://www.hackerteen.com.br/material_etica_hacker22.php> Acesso em: 18/6/20007.
- AMARAL, Adriana. **Espectros da ficção científica – a herança sobrenatural do gótico no cyberpunk**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13.,2004. São Bernardo do Campo. Anais... São Paulo: Compós, 2004. CD-ROM. Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_aa.pdf > Acesso em 25/5/2007.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined communities : reflections on the origin and spread of nationalism**. London : Verso, 1991
- ANTOUN, Henrique. **A Multidão e o Futuro, Democracia na Cibercultura..** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 11.,2002. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Compós, 2002. CD-ROM. Disponível em: < <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2002/T1G4.PDF>> Acesso em: 12/03/2007.
- APGAUA, Renata. O Linux e a perspectiva da dádiva. In: **Horizontes antropológicos**, online 2004, vol. 10, no. 21, pp. 221-240. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100010&lng=en&nrm=iso> Acesso em 18/6/2007.
- AQUINO. M. C. J. **A Web 2.0 E O Hipertexto Como Vetores De Construção De Uma Memória Coletiva No Ambiente Das Páginas Web** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM.
- ARANHA FILHO, Jayme. **Tribos Eletrônicas: usos e costumes**. online 1999 Disponível em <http://www.guilhermedarosa.com/referencias/aranha_1999.htm >. Acesso em: 4/3/2007
- ARDÉVOL, Elisenda; BERTRÁN, Marta; CALLÉN, Blanca e PERÉZ, Carmen. **Etnografía virtualizada: la observación participante y la entrevista semiestructurada en línea**. In: Athenea Digital, núm. 3: 72-92. Barcelona: online, 2003. Disponível em: <<http://antalya.uab.es/athenea/num3/ardevol.pdf>> Acesso em: 04/03/2007
- AUGÉ, Marc. **Hacia una antropología de los mundos contemporáneos**. Barcelona : Gedisa, 1995
- BASTOS,M.T.A.. **Fantasia e Vida Virtual: Solipsismo e Imaginação em Salas de Bate-Papo da Internet**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,

27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/17798>> Acesso em 7/3/2007.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Lisboa: Vega, 1993

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

BECKER, Maria Lúcia. **Cidadania na era da cibercultura: Considerações epistemológicas sobre a infoinclusão no Brasil** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 11.,2002. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Compós, 2002. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/MariaLuciaBecker.zip>> Acesso em 15/07/2007.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire : um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1994

BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005

BONI, Valdete e QUARESMA, Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível online em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf> Acesso em: 04/03/2007

BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo preliminares epistemológicas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

BRAMBILLA, A.M.. **Jornalismo open source em busca de credibilidade: como funciona o projeto coreano OhmyNews International**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1904/17851>> Acesso em: 11/03/2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984

BRIGNOL, L.D. INTERNET E SOCIABILIDADE: **O Uso Da Rede Na Reconstrução Das Identidades** . In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. Cd-Rom. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1904/18822>> Acesso em: 11/03/2007

BRUNNER, José Joaquín. **Cartografias de la modernidad**. Santiago Chile: Dolmen Ediciones, 1991

BRUNO, Fernanda. **Dispositivo de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15.,2006. Baurú. Anais... São Paulo: Compós, 2006. CD-ROM.

CAPPARELLI, S., LONGHI, R. **Produção cultural digital para crianças**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom] Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1904/4734>> Acesso em 11/03/2007

CASALI, Adriana Machado. **Internet: espaço público, meio de comunicação ou ambiente de negócios?** In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 6.,2002. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2002. Online. Disponível em: <http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GTInternet_y_Comunicaciones.htm>. Acesso em 20/9/2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet : reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro : Zahar, 2003

_____. **A Sociedade em Rede.** A era da informação : economia, sociedade e cultura. 8. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2005

_____. **O poder da identidade.** A era da informação : economia, sociedade e cultura. 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1999

CASTRO, Gisela G. S.. **Pirataria na Música Digital: Internet, direito autoral e novas práticas de consumo.** In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 8.,2006. São Leopoldo. Anais. Alaic, 2006. Online. Disponível em: < http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Castro.pdf> Acesso em 11/06/2007.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica : antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro : UFRJ, 1998

COLEMAN, E. Gabriella. **Three Ethical Moments in Debian** 2005, online. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=805287> Acesso em 16/11/2007.

CORRÊA C. H. W. **Vigilância E Controle Em Relacionamentos Sociais No Site Orkut.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/17791>> Acesso em: 11/03/2007.

CORTAZAR RODRÍGUEZ, Francisco Javier. **Rumores y leyendas urbanas en Internet.** In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 7.,2004. Buenos Aires. Anais. Alaic, 2004. Online. Disponível em: < http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p5.html> Acesso em 8/6/2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** São Paulo : EDUSC, 1999

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001

FALCI, Carlos Henrique Rezende. **Performances tecnológicas: provocações em aberto.** In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 27., 2004, Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. Cd-Rom. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1904/17802>> Acesso em 13/9/2007.

FISCHER, Gustavo Daudt. **Relações sujeito-tempo nos diários online, o "armazenamento de agoras".** Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/4738>> Acesso em 11/03/2007

_____. **Os Materiais Midiáticos e Sua Presença no Ambiente Comunicacional da Internet - Escolhas para um recorte de Objeto e Construção de problema.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/17849>> Acesso em: 11/03/2007

FONTANELLA, F.I.; PRYSTHON, N.F.. **Trocando figurinhas: sobre Orkut, frivolidades, neotribalismo e flanêrie.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

FORNÄS, Johan Ed. et al. **Digital borderlands : cultural studies of identity and interactivity on the internet.** New York, NY : Peter Lang, 2002

FRAGOSO S. **Eu Odeio Quem Odeia... Considerações Sobre O Comportamento Dos Usuários Brasileiros Na “Tomada” Do Orkut.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM

FRANÇA, Lilian. **Identidades e nicknames: a comunicação digital e seus desdobramentos na construção de comunidades virtuais.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006. Baurú. Anais... São Paulo: Compós, 2006. CD-ROM.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos : conflitos multiculturais da globalização.** 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados : mapas da interculturalidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006

_____. **Culturas híbridas : estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2006b

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Politizar as novas tecnologias : o impacto sócio-técnico da informação digital e genética.** São Paulo : Ed. 34

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro : LTC, 1989

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais.** In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo, 1995 v. 35 n. 3 p. 20-29

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar : como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 7. ed. Rio de Janeiro : Record, 2003

GOMES, Renato Cordeiro. **Cenas urbanas: identidades em fragmentos e crise da representação.** In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro e FIGUEIREDO, Vera Lúcia. Comunicação, Representação e Práticas Sociais. Rio de Janeiro: Editora PUC/Rio, 2004

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo e reflexividad.** Buenos Aires: Norma, 2001

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 7ª edição. Editora DP&A. São Paulo 2002

_____. **Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais**. Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

_____. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo : Loyola, 1992

HIMANEN, Pekka. **The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age**. Nova York, Random House, 2001.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London : Sage, c2000

_____. **Virtual Ethnography**. Bristol (Reino Unido): *online*, 2000. Disponível em: <<http://www.intute.ac.uk/socialsciences/archive/iriss/papers/paper16.htm>> Acesso em: 04/03/2007

JOHNSON R., David. The Judge In: BROCKMAN, John (org.). **Digerati : enconunters with the cyber elite**, 1996 online. Disponível em: <<http://www.edge.org/documents/digerati/Contents.html>> Acesso em 17/7/2007.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** 3. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2004

JOHNSON, Telma Sueli Pinto. **Entre novas e velhas mídias: práticas de busca de informação da vida cotidiana entre jovens**. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 298., 2006, Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006. Cd-Rom.

KELLNER, Douglas. **Popular culture and the construction of postmodern identities**. In: LASH, Scott e FRIEDMAN Jonathan. *Modernity and dentity*. Oxford : Blackwell, 1992

_____. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001

KRÜGER, F.L.; CRUZ, D.M. **The Sims E Crianças: A Percepção Do Real E Do Imaginário** . In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. Cd-Rom. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/18834>> Acesso em: 11/03/2007

LAKHANI, Kharim R.; WOLF, Robert G. **How open source software works: “free” user-to-user assistance**. 2002, online. Disponível em: <<http://opensource.mit.edu/papers/lakhanivonhippelusersupport.pdf>> Acesso em 17/11/2007.

_____. **Why Hackers Do What They Do: Understanding Motivation and Effort in Free/Open Source Software Projects**. 2005, online. Disponível em: <<http://hacker.textfiles.com/papers/lakhaniwolf.pdf>>. Acesso em 12/11/2007.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 7. ed. São Paulo : Brasiliense, 1994

LARRAIN, Jorge. **Identity and Modernity in Latin America**. Cambridge: Polity Press, 2000

_____. **El concepto de identidad**. Revista Famecos. Porto Alegre n.21, 2003

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre : Sulina, 2004

_____. **Cibercultura e Identidade Cultural. Em direção a uma cultura copyleft? In: Revista de Comunicação e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea.**, Facom/UFBA., vol. 2, n. 2, Salvador: online, 2004. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>>. Acesso em 4/3/2007

_____. **Cyberpunk apropriação, desvio e despesa na cibercultura**, 2005b online. Disponível em: <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=129&secao=espaco>> Acesso em 12/6/2007.

LESSIG, Lawrence. **Cultura livre : como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade**. São Paulo : Trama, 2005

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993

_____. **O que é o virtual?.** São Paulo : Ed. 34, 1999

LIVINGSTONE, Sonia e PRESS, Andrea. **Taking Audience Research into the Age of New Media: Old Problems and New Challenges**. In: WHITE, Mimi e SCHWOCH, James. Questions of method in cultural studies. Malden : Blackwell, 2006

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo : Cortez, 1995

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação : formulação de um modelo metodológico**. 4.ed. São Paulo : Loyola, 1999

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MALINI, Fábio. **Modos de estar junto na Web: um estudo de recepção da tecnologia peer-to-peer**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14.,2005. Niterói. Anais... São Paulo: Compós, 2005. CD-ROM. Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_fm.pdf>. Acesso em 26/5/2007.

_____. **O próprio e o comum: propriedade e liberdade na produção digital**. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Cd-Rom. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1904/17816>> Acesso em 14/9/2007.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Da conversação pública em terrenos digitais: horizontes e provocações sobre a validade de uma esfera pública virtual** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12.,2003. Recife. Anais... São Paulo: Compós, 2003. CD-ROM.

Disponível em <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB4.PDF>> . Acesso em 24/5/2007.

MARQUES, Marcelo. **Guia Linux de Conectividade**. 2003 *online* em: <http://www.guilhermedarosa.com/referencias/marques_linux.pdf>. Acesso em 04/03/2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações : comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003

_____. **Ofício de cartógrafo : travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo : Loyola, 2005

MARTÍNEZ Silvia Lago. **La intervención política de los movimientos sociales en la oiedad de la información**. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 8.,2006. São Leopoldo. Anais. Alaic, 2006. Online. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Lago.pdf> Acesso em 13/7/2007.

MARTÍNEZ Silvia Lago; MOVIA Guillermo; MAROTÍAS Ana. **Los Centros Tecnológicos Comunitarios y las experiencias de comunicación en Internet**. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 7.,2004. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2004. Online. Disponível em: <http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p24.html> Acesso em 20/9/2007.

MARTINS, Beatriz Cintra. **Cooperação e livre fluxo da informação: a influência da cultura hacker na definição dos padrões da Comunicação Mediada por Computador**, 2006 online. Disponível em <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n52/10Cintra.pdf>> Acesso em 17/7/2007.

MATTELART, Eric; NEVEU, Eric. **Los cultural Studies. Hacia una domesticación Del pensamiento salvaje**. La Plata: EC 2002.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa : 70, 2001

_____. **Manual de etnografia**. Lisboa: Dom Quixote, 1993

MAYANS, Joan i Planells. **Nuevas Tecnologías, Viejas Etnografías. Objeto y método de la antropología del ciberespacio**. Barcelona: *online*, 2003 Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=23>> Acesso em: 04/03/2007.

MENEZES DE CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo. **A trajetória da internet no brasil: do surgimento das redes de Computadores à instituição dos mecanismos de governança**, 2006 online. Disponível em: <<http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf>> Acesso em 16/7/2007.

MICHELAZZO, Paulino. Os benefícios da Educação e da Inclusão Digital. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad Livros, 2003

MORAIS, Rodrigo de Oliveira. **www.sabotagem: pirataria ou resistência?** In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Cd-Rom. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1904/17824>> Acesso em 14/9/2007.

NICKEL, Bárbara; TONIN, Juliana. **Étite ou grande mort? A sexualidade e o imaginário tecnológico contemporâneo.** . In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15.,2006. Baurú. Anais... São Paulo: Compós, 2006. CD-ROM.

OLIVEIRA, Fátima Cristina Regis Martins. **A subjetividade ciber: Ciborgues, ciberespaço e cyberpunk** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 11.,2002. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Compós, 2002. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/>>

PEÑA, Teresa Tovar. **Internet, juegos y juguetes. Una nueva forma de jugar.** In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 6.,2002. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2002. Online. Disponível em: <<http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm>> Acesso em 20/9/2007.

PEREIRA DA SILVA, Sivaldo. **Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura: trajetória, modelos e vetores metodológicos.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 16.,2007. Curitiba. Anais... São Paulo: Compós, 2007. CD-ROM. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_175.pdf>.Acesso em 7/7/2007.

PINEDO, Amaro de La Rosa. **Internet y telepresencia.** In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 6.,2002. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2002. Online. Disponível em: <<http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm>>. Acesso em 20/9/2007.

PINHEIRO, Walter. **A luta pelo Software Livre no Brasil.** In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Software livre e inclusão digital. São Paulo: Conrad Livros, 2003 Porto Alegre. p. 30-42

PORTUGAL ESCÓBAR, R.X.; CORTASSA AMADÍO, C.G.. **El aporte del Free Software y la comunidad red, en la sociedad del conocimiento. Un desafío en la formación de comunicadores.** In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 7.,2004. Buenos Aires. Anais. Alaic, 2004. Online.Disponível em: <http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p25.html> Acesso em: 15/09/2007.

PRIMO, Alex. **Conflito e cooperação em interações mediadas por computador.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14.,2005. Niterói. Anais... São Paulo: Compós, 2005. CD-ROM. Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_ap.pdf> . Acesso em 25/5/2007.

_____. **O Aspecto Relacional Das Interações Na Web 2.0** In: CONGRESO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM

PRIMO, ALEX F. T.; RECUERO, Raquel da Cunha. **Co-Links: Proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13.,2004. São Bernardo do Campo. Anais... São Paulo: Compós, 2004.

CD-ROM. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_ap.pdf>. Acesso em: 25/5/2007.

PRIMO, Alex. SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **A conversação na comunidade de blogs insanus** In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Cd-Rom. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1904/17831>> Acesso em 13/9/2007.

RAYMOND, Eric S. **Como se tornar um ráquer?**, 2001 online. Disponível em: <<http://jvdm.freeshell.org/pt/raquer-howto/#believe4>> Acesso em: 18/6/2007.

RECUERO, Raquel da Cunha. **As comunidades virtuais no IRC: o caso do #Pelotas**. Dissertação de mestrado concluído em 2002 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM/UFRGS) Porto Alegre, 2002

_____. **Warblogs, os blogs, a guerra no Iraque e o jornalismo online**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/4752>> Acesso em: 11/03/2007

_____. **Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social**. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 8.,2006. São Leopoldo. Anais. Alaic, 2006. Online. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_daCunha.pdf> Acesso em 11/06/2007.

_____. **Redes Sociais no Ciberespaço: Uma proposta de Estudo**. 2005, online. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/intercom2006.pdf>> Acesso em: 17/11/2007.

_____. **Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14.,2005. Niterói. Anais... São Paulo: Compós, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/28/raquelrecuero.pdf>>. Acesso em 16/07/2007.

ROCCO JUNIOR, Ary José. **Bola na rede: o ciberespaço, as torcidas virtuais e a cultura do futebol no século XXI**. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 7.,2004. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2004. Online. Disponível em <http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p9.html> Acesso em 20/9/2007.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura : sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo : Hacker, 2002

SÁ, Simone Pereira de. **A música na era de suas tecnologias de reprodução** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15.,2006. Baurú. Anais... São Paulo: Compós, 2006. CD-ROM.

_____. **Música eletrônica e tecnologia: reconfigurando a discotecagem**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12.,2003. Recife. Anais... São Paulo: Compós, 2003.

CD-ROM. Disponível em <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB8.PDF>>. Acesso em 25/5/2007.

SANTOS, Francisco Coelho dos. **Peripécias de agosto: Alguns episódios da «cena hacker»** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 11.,2002. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Compós, 2002. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002/FranciscoCoelho.zip>> Acesso em 15/07/2007.

_____. **Revelações da carne: corpo e sexualidade nas redes sociotécnicas.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12.,2003. Recife. Anais... São Paulo: Compós, 2003. CD-ROM. Disponível em <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB3.PDF>> Acesso em 24/5/2007.

SANTOS, H.V.A.. **A World Wide Web como espaço de criação:contraponto entre sites de artistas e designers.** In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. Cd-Rom. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/18857>> Acesso em 13/9/2007.

SANTOS,T.C.. **O Estar Só e a Cidade: As Mudanças na Subjetividade.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/17790>> Acesso em: 11/03/2007

SCHWINGEL, Carla. **Ciberativismo, o movimento software livre no RS. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,** Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom] Disponível online em: <<http://hdl.handle.net/1904/4756>> Acesso em: 4/3/2007

_____. **O Copyleft e o Desenvolvimento Colaborativo como Bases da Cultura Livre.** Razón y Palabra, v. actual, p. 53, 2006. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n53/cshwingel.html>>. Acesso em 10/02/2007

SERRANO, Tanya Elizabeth Imaña. **La mediación tecnológica del chat como proceso comunicativo alterno en las relaciones humanas: estudio de caso.** In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 7.,2004. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2004. Online. Disponível em: <http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_18/gt%2018%20p12.html> Acesso em 19/9/2007.

SIBILIA, P. **A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado.** Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/4757>> Acesso em: 11/03/2007

_____. **A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13.,2004 São Bernardo do Campo. Anais... São Paulo: Compós, 2004. CD-ROM. Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_ps.pdf> Acesso em 14/9/2007.

_____. **Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica.**

In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12.,2003. Recife... São Paulo: Compós, 2003. CD-ROM. Disponível em <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>. Acesso em 25/5/2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** Thomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward - Petrópolis, RJ: Vozes 2000

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Inclusão Digital, Software Livre e Globalização Contra Hegemônica. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad Livros, 2003

STALLMAN, Richard. **Anúncio Inicial**. 1983, online. Disponível em: <<http://www.gnu.org/gnu/initial-announcement.pt.html>> Acesso em: 04/03/2007

SUSANA, Susana Morales; MONJE, Daniela; LOYOLA, María Inés. **Apropiación crítica de NTIC's como camino de inclusión en la Sociedad de la Información: el caso de los jóvenes de una escuela secundaria de la ciudad de Córdoba**. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Morales.pdf > Acesso em 20/09/2007.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo : Pólis, 1987

TORVALDS, Linus; DIAMOND, David. **Só por prazer - LINUX - Bastidores da sua criação**. São Paulo: Campus, 2001

TURKLE, Sherry. **Sherry Turkle:Fronteiras do Real e do Virtual entrevista a Federico Casalegno**. Revista FAMECOS (Porto Alegre), n.11, 1999 Porto Alegre. p. 117-123

_____. **La vida en la pantalla : la construcción de la identidad en la era de internet**. Barcelona : Paidós, 1997

ULLOA, Luis Cárcamo. **Comunidades Virtuales de Aprendizaje en Comunicación Social**. . In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 6.,2002. Santa Cruz de La Sierra. Anais. Alaic, 2002. Online. Disponível em: <<http://www.alaic.net/ALAIC202002/paginas/archivos/gts/gtcompletos/18GT Internet y Comunicaciones.htm>. Acesso em 1/6/2007

VALENTIM, Júlio. **A Mobilidade das Multidões: Comunicação Sem-fio, Smart Mobs e Resistência nas Cibercidades** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14.,2005. Niterói. Anais... São Paulo: Compós, 2005. CD-ROM. Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_jv.pdf >. Acesso em 27/5/2007.

VAZ, Paulo. **As esperanças democráticas e a evolução da Internet** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13.,2004. São Bernardo do Campo. Anais... São Paulo: Compós, 2004. CD-ROM. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_pv.pdf> Acesso em: 25/5/2007.

WOODWARD, Kathryn **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In:SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Thomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward - Petrópolis, RJ: Vozes 2000

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura : usos da cultura na era global**. Belo Horizonte : UFMG, 2006

GLOSSÁRIO

código-fonte	Rotina de instruções que o computador obedece para realizar as atividades. É uma espécie de lista de tarefas que, dependendo da licença do software, pode estar escondida (criptografada) ou disponível para visualização (aberta).
contrato social	Documento do Projeto Debian composto de cinco pontos que traçam princípios para as atividades dos grupos.
copyleft	É uma dinâmica, materializada através da GPL, que permite a livre circulação de materiais sobre condições de uso colocadas pelos autores, desde a permissão para circulação livre até a liberdade de modificar completamente a produção e redistribuí-lo. Não é usada apenas para softwares.
cracker	Usuário de computador com conhecimentos avançados que pratica crimes ou contravenções a partir do ambiente das redes, como roubo de dinheiro e destruição de dados de terceiros.
Debian	O nome da distribuição a qual o grupo estudado pertence. É conhecida na comunidade do software livre como a que reúne programadores voluntários e com um alto nível técnico de desempenho.
Debian Day	Dia do aniversário do Projeto Debian que é comemorado localmente por todos os grupos ligados à organização. É um momento presencial de encontro dos usuários para integração e troca de conhecimentos. Geralmente realizado em data próxima a da fundação acontecida no dia 16 de agosto de 1993.
desenvolvedor	Usuário de computador com conhecimentos de informática avançados ao ponto de auxiliar ou coordenar projetos de desenvolvimento tecnológico. O desenvolvedor é um programador de computadores.
desenvolvimento colaborativo	É a atividade que permite uma lógica de trabalho cooperado entre agentes sociais, geralmente a partir de estruturas horizontais de comunicação. É utilizada para designar a dinâmica utilizada no software livre.
DFSG	Sigla em inglês para Definições Debian de Software Livre (Debian Free Software Guidelines) é um documento composto por 10 pontos que dizem o que é software livre para o projeto Debian.
distribuição	Conjunto de softwares que contém um sistema operacional e vários outros programas para o funcionamento do computador. Dentro do software livre, cada grande grupo, é responsável por manter uma distribuição.

DPL	Sigla em inglês que significa <i>Debian Project Leader</i> . É o coordenador geral do Projeto Debian, eleito anualmente pelos desenvolvedores do projeto.
dual boot	Dual boot é um recurso técnico que permite que o computador tenha dois ou mais sistemas operacionais instalados. Geralmente é utilizado quando os usuários têm Windows e GNU/Linux no mesmo computador
FISL	Sigla para Fórum Internacional do Software Livre. É um dos principais da comunidade do software livre, realizado anualmente em Porto Alegre/RS.
FSF	Sigla em inglês para Fundação do Software Livre (<i>Free Software Foundation</i>) fundada em 1984 pelo programador Richard Stallman. É a responsável pelo início do desenvolvimento dos softwares sobre licença livre e o primeiro organismo a colocar diretrizes para o desenvolvimento desta dinâmica.
GNU	Sigla em inglês que significa Gnu is Not Unix. É um trocadilho que surgiu a partir de Richard Stallman, em 1984, quando pretendia que seu projeto (livre) fosse diferenciado da plataforma de programação Unix (proprietária).
GNU/Linux	Nome correto do sistema operacional utilizado na maioria das distribuições do software livre que utiliza o kernel Linux e os programas com origem no projeto GNU.
GPL	Sigla em inglês para <i>General Public License</i> . É uma licença de uso, em termos jurídicos, que permite que os programas possam ser distribuídos gratuitamente e terem seu código aberto e passível à modificações.
hacker	Pessoa que é especialista em uma determinada atividade. Estabelece com o trabalho uma relação de prazer e reconhecimento que não obedece a lógica da ética protestante (Max Weber) de separação entre trabalho e lazer. Não é algo restritivo aos usuários e desenvolvedores de sistemas.
install-fest	Momento presencial em que os grupos montam espaços de atendimento gratuito a qualquer interessado em resolver questões técnicas ou instalar programas em computadores.
IRC	Sigla em inglês que significa Internet Relay Chat. É um serviço provedor de salas de bate-papo através da internet, utilizado pelas comunidades do software livre.
kernel	Parte não visível do sistema operacional que sustenta o funcionamento do computador em sua parte não tangível.

Linux	O nome do kernel utilizado para a maioria dos sistemas operacionais livres. Origina-se do nome do programador finlandês Linus Torvalds que em 1991 iniciou a programação de um kernel livre para o sistema. É o nome utilizado pelos veículos midiáticos para identificar o software livre.
lista de discussão	Mecanismo de interação online que funciona através do correio eletrônico (e-mail) e permite que vários usuários possam compartilhar mensagens enviando para um endereço comum que replica a mensagem a todos os participantes.
Mac/OS	Mac/OS é o sistema operacional dos computadores da Apple. Geralmente já vêm instalados quando o usuário compra um computador Apple.
mainframes	Computadores centralizadores de grandes proporções, muito comuns a partir de um modelo de estrutura de dados utilizado antes da informática pessoal.
open source	É uma classificação para definir o desenvolvimento a partir de códigos e poder de emissão abertos. Não é algo usado apenas para softwares, mas também para a comunicação e outras práticas mediadas pelas redes. No software livre é uma prática que não estabelece uma postura radical quanto a liberdade dos softwares, apenas considera a possibilidade de ver e modificar o código.
Sarge/Etch	Versões de distribuições do Debian que levam o nome dos personagens do desenho animado Toy Story. A distribuição Sarge saiu de circulação em abril de 2007 e deu lugar a distribuição Etch.
sistema operacional	É o principal software do computador responsável pelo funcionamento das funções vitais da máquina. Todo computador <i>necessita</i> ter um sistema operacional. É composto pela parte da interface com o usuário (janelas gráficas) e também de uma parte lógica chamada de kernel.
software	Toda a parte não-tangível do computador responsável pelas instruções (código) que o computador irá executar. Em termos práticos, são os programas que permitem o funcionamento do computador.
software livre	Um tipo de software diferenciado por sua licença de uso que, basicamente, permite (1) que o programa possa ser distribuído sem a necessidade do pagamento de <i>royalties</i> e (2) que seu código possa ser visto e modificado por outros programadores, desde que estas propriedades se mantenham.
TCP/IP	Nome do protocolo que permite o funcionamento da internet. Faz com que todos os computadores conectados possam “falar a mesma língua” e trocar informações.

ANEXOS

ANEXO A – Exemplo de entrevista transcrita (usuário Joel Corrêa)

Esta entrevista foi feita no local do encontro logo após a palestra do Joel Corrêa. O roteiro semi-estruturado desta entrevista foi aplicado também com os outros usuários.

Guilherme: desde quando utilizas software livre?

Joel: Na verdade meu envolvimento com Linux começou em 1995 quando eu comecei a ter contato com Linux, depois de um tempo eu trabalhei na Conectiva como desenvolvedor, e depois continuei seguindo a vida padrão normal e sempre tendo contato com Linux. Me envolvi em vários projetos, inclusive um dos fóruns do software livre e é isso.

Guilherme: Qual a atividade profissional que tu desenvolve?

Joel: Bom eu tenho uma empresa que tem foco em migração, nós migramos empresas que querem usar software livre. Então, nós fazemos tudo dentro da empresa, desde a parte dos servidores até a parte dos sistemas, e há uma carência no mercado na parte de sistemas. E nós suprimos esta carência com o desenvolvimento de soluções específicas.

Guilherme: Quais são as tuas atividades de lazer? O que tu gostas de fazer?

Joel: No meu lazer eu gosto de programar né. Como eu divido a minha vida hoje: eu tenho o trabalho que vai até 18, 19h dependendo da necessidade de cliente, as vezes para o servidor ou alguma coisa assim. Mas meus momentos de lazer são ou eu vou pra casa, curto um pouco com meu filho, aí quando ele vai dormir eu vou programar, e aí vou até 2, 3 da manhã programando o que é uma coisa que eu encaro como lazer, uma coisa que eu faço por que eu gosto e porque vai ajudar a outras pessoas, então tu te diverte com uma coisa útil pra comunidade desenvolvendo software livre.

Guilherme: É um lance de prazer não é?

Joel: Sim sim, por isso que eu coloquei como lazer né

Guilherme: O que é o software livre pra ti?

Joel: Hoje, eu vejo ele como uma porta para esse conhecimento especial, não só meu como de todo mundo, porque hoje tudo vai para dentro de um computador, de qualquer forma tudo vai para dentro de um computador e o software livre através dos aplicativos permite que N pessoas tenham acesso a informação que antes era restrita ao custo de um livro, por exemplo, hoje você não tem isso, na realidade você não tem nem o custo de um computador porque você pode acessar esta informação em uma lan house, ou através de um telecentro, então se você quer realmente ter a informação você não precisa comprar ou adquirir e isso é muito em cima do software livre. Porque alguém doa um computador para a comunidade e alguém vai lá e instal um software para esse computador rodar, que é o básico. Se esse software tivesse um custo, talvez a pessoa tivesse um custo para o acesso a esse computador, já que o computador foi doado, mas o software era proprietário, então o software livre propicia isso.

Guilherme: O que o Debian-RS representa pra ti?

Joel: Hoje ele é uma forma fácil de manter um network entre as pessoas interessadas em software livre e mais especificamente na distribuição que eu faço parte. Nós fazemos eventos

como este que está acontecendo aqui com o foco de Linux, de software livre, através deste grupo e na realidade não importa muito quantas pessoas façam parte, quanto melhor, obviamente, mas a importância mais é a do comprometimento, quanto mais comprometido com o grupo mais forte vai ser esse grupo e mais coisas nós vamos poder alavancar dentro dos objetivos de software livre e dentro do próprio Debian que é disseminar a cultura de inclusão digital

Guilherme: Como é que tu defines um hacker, o que é um hacker pra ti.

Neste momento Joel se levanta, vira-se de costas para me mostrar a definição de hacker de Richard Stallman, fundador do projeto GNU. Eu leio a definição na camiseta:

Guilherme: O uso da palavra hacker para se referir ao violador de segurança é uma confusão que vem por parte dos meios de comunicação de massa, nós hackers nos recusamos a reconhecer este significado e continuamos usando a palavra para indicar alguém que ama programar e que gosta de se hábil e engenhoso. Richard Stallman. Essa definição do Richard Stallman é precisa, o hacker é isso?

Joel: Essa definição do Richard Stallman é muito próxima do que se imagina hoje de um hacker. Claro que ele falou de uma forma muito específica. Um hacker pode ser um hacker de relógico, pode ser um hacker de carro, e assim sucessivamente, o hacker não precisa ser um usuário de computador. Mas o jargão mais conhecido é em cima de informática, do termo hack então eu vejo hoje uma confusão muito grande do termo hacker criada pela imprensa em não saber divulgar a diferença entre o termo hacker e cracker que são as coisas que mais aparecem na TV, tipo ah vou falar de alguém que roubou a informação. Bom, esse cara não é um hacker ele é um cracker. O hacker até poderia ter acesso a essa informação, mas ele pegar e ia avisar para o dono dessa informação olha você tem que cuidar essa informação porque as pessoas podem acessar. E aí o dono dessa informação iria se precaver para que um cracker não roubasse isso no futuro.

Guilherme: O hacker então pode ter outros conhecimentos, pode ser de outras áreas?

Joel: Sim, o hacker é a pessoa que busca conhecimento, na realidade é a pessoa que é voraz por ter um conhecimento avançado em um assunto de seu interesse, então você ser hacker em várias coisas na realidade, qualquer área do conhecimento tem hackers.

Guilherme: Tu te encaixa nessa definição de hacker?

Joel: Eu na realidade sou conhecido na comunidade mais pela minha atuação como hacker do que como empresário ou como uma pessoa de conhecimento técnico. E tipo ah eu conheço um hacker lá o Joel que usa o Nick magicstorm, e daí a pessoa já sabe mais pelo Nick, que sabe te ajudar nessa parte, e aí as pessoas acabam chegando em mim por causa disso.

Guilherme: E esse lance do Nick é legal, é uma coisa da comunidade, uma tradição, algo que tu curtes desde o tempo do IRC, que sentido tem isso?

Joel: Na realidade assim, o Nick foi criado pra te diferenciar através de uma coisa única, tipo o teu Nick provavelmente só vai existir o teu no mundo. Nome existe n nomes iguais ao teu. O Nick é mais eficiente, (*tocou o celular, pausa no gravador*) o Nick ele te diferencia muito, com as ferramentas de busca que existem hoje tipo o Google, por exemplo, é muito interessante você buscar a pessoa pelo Nick, porque daí você sabe que está buscando aquela informação sobre aquela pessoa. Imagine perguntar por mim no Google, Joel Correa deve existir sei lá mais de 20 não só no Brasil, mas em Portugal devem existir algum e assim

sucessivamente. Então as informações não são minhas em 100%. Agora se procurar magicstorm tudo junto, com certeza são as informações minhas. O Nick é muito importante não só por isso, mas por N fatores. Também eles te encobertam caso exista alguma caça as bruxas. Hoje todo mundo sabe que Joel Correa é magicstorm, mas um tempo atrás ninguém sabia porque por medo, ah naquela época de caça as bruxas vamos pegar, tipo operação SundEvil, ah todo mundo que é hacker cracker seja lá o que for que gosta de tecnologia e que é mais chegado na parte de segurança, nós vamos conversar com eles e vamos chamar para interrogatório e esse tipo de coisa. O Nick ajudou a encobertar muita gente porque só se conhecia o Nick, tipo cyberotic era um Nick muito conhecido mas ninguém sabia que ele era o Miker Bee, por exemplo.

Guilherme: E aí vem um pouco disso a imagem do hacker destruidor?

Joel: Sim sim, é porque daí aquela confusão que se criou desde a década de 60 quando se começou a explorar a tecnologia.

Guilherme: Tu percebes um crescimento no software livre hoje?

Joel: Existe um crescimento, mas assim: nos últimos dois anos até 2006 o software livre teve um crescimento exponencial, foi um absurdo o que cresceu o software livre no mundo. Depois desse tempo e agora até esse mês de agosto que nós estamos eu tenho visto uma redução no crescimento, não que não tenha crescido, mas houve uma redução no crescimento. Até porque as empresas que são “concorrentes” do software livre tipo: Sun, Microsoft, Sun não porque eles abriram o código e eles estão trabalhando com software livre. Mas Microsoft principalmente e a Oracle também. Eles estão investindo em software livre deles, do jeito deles, e a parte corporativa é que puxava muito o crescimento do software livre. A parte corporativa eles estão reduzindo e vendo o que essas empresas vão mostrar realmente. Então eles estão reduzindo e esperando o que vai acontecer

Guilherme: Tem um gráfico na lista do Debian-RS que mostra o fluxo de mensagens e eu dei uma observada e notei que um momento teve um alto pico de mensagens e agora esse ano particularmente a gente tem uma redução, como tu estás observando isso?

Joel: Eu tenho observado isso muito por culpa nossa mesmo, tipo, os topos da pirâmide do grupo. Tipo, eu to muito envolvido em projetos do Debian fora do estado, eu trabalhei no Debian installer que é o instalador gráfico do Debian. Eu fiz parte do Bug Team que corrigiu esta nova versão do Debian e acabei ficando como moderador da DUP Debian User Portuguese e isso me sobrecarregou bastante e fez que eu não fomentasse muito a lista.

Guilherme: Tu como coordenador, no caso?

Joel: Exatamente, o Spectra (Pablo Lorenzoni) antigo presidente do grupo e extremamente ativo também por coisas particulares principalmente a vida dele dupla como técnico e médico fez com que ele se afastasse também. Hoje ele não ta nem em POA para participar do evento. Então essas coisas fazem com que a lista realmente tenha uma queda. Mas geralmente os picos são próximos a algum evento ou quando acontece alguma coisa nova, assim que as pessoas tenham interesse em perguntar e estamos direcionando muito as coisas técnicas pra DUP porque é difícil atender duas listas com boa qualidade na parte técnica. E então geralmente quando chega alguma coisa técnica em alguma lista que não seja a DUP alguém vai lá e posta “essa mensagem seria melhor respondida na DUP” e isso também reduz.

Guilherme: E rolam temas não técnicos na lista também?

Joel: Sim, na realidade as listas dos grupos de usuários são pra temas não técnicos ou pra temas organizacionais do próprio grupo, tipo filosofia ou assim o que vamos fazer para usarmos software livre em tal cidade.

Guilherme: Tu acha que existe alguma coisa no Debian-RS que não é percebido pelos outros usuários? Existe algo peculiar?

Joel: Existe sim, o topo da pirâmide do Debian-RS é o topo da pirâmide da maioria dos movimentos de software livre no Brasil

Guilherme: Concentra lideranças do Brasil inteiro?

Joel: Exatamente, as lideranças do Debian-RS, tipo os topos da pirâmide são os topos da pirâmide do Fórum Internacional do Software Livre, do próprio projeto Debian-Brasil de coordenação das listas, do próprio projeto OLPC (One Laptop per Child) no Brasil, esse projeto do MIT que está crescendo muito e existe uma força muito grande dentro do Debian para um porte já que foi feita a parceria com a Red Hat ter um porte do Debian para isso.

Guilherme: Como tu identificas o Debian-RS? O que é peculiar?

Joel: O Debian-RS é o grupo mais eclético possível: nós temos desenvolvedores, nós temos antropólogos, temos jornalistas, médicos, psicólogos, músicos não sei enumerar quantas específicas.

Guilherme: Tu consideras o Debian-RS uma comunidade?

Joel: Sim e é uma comunidade muito forte se precisa unir nós sabemos as pessoas que podem ajudar e há anos são sempre as mesmas pessoas. Algumas pessoas ficam sumidas, mas se nós chamarmos e ah nós precisamos fazer alguma coisa pelo grupo, essas pessoas vão aparecer.

Guilherme: Tens conhecimento que o Debian está presente em diversos países?

Joel: Sim sim na realidade na maioria dos países, eu não tenho conhecimento de algum país que o Debian não esteja presente, de alguma forma, hoje em dia.

Guilherme: Qual tua experiência nesse sentido?

Joel: É muito interessante o Debian em si porque o Debian ele te obriga a ser meio itinerante, em termos de relacionamento. Pois como nós temos desenvolvedores espalhados pelo mundo inteiro existe uma conferência anual que é a Debian Conference e cada ano se faz em um país justamente para fazer com que estas pessoas conheçam esse país e as comunidades deste país. Geralmente esta conferência é organizada pelo grupo que mantém ou o grupo de desenvolvedores Debian daquele país, em 2004 nós fizemos no Brasil foi uma conferência que contou com 960 desenvolvedores, dos 1300 que existiam na época, foi uma das maiores conferências já feitas e foi no Sesc Campestre, muito próximo ao FISL daquele ano e foi uma conferência muito interessante porque foi nessa conferência que surgiu o Ubuntu, tipo um marco.

Guilherme: O Ubuntu é uma distribuição Debian pura?

Joel: ele não é um Debian CDD e ele não pode usar um nome Debian,

Guilherme: Tu conheces outros grupos de usuários dentro do Brasil? Conheces outros grupos de usuários?

Joel: Sim sim, na realidade esse evento de hoje que é o Debian Day ele é sincronizado e está acontecendo em mais 12 localidades no Brasil. Os grupos mais ativos no Brasil somos nós o do Paraná, o de São Paulo e o do Rio de Janeiro. Teve uma época que o Debian da Amazônia era muito ativo e o Debian do Ceará. Eles estão meio sumidos nos últimos dois anos, mas já foram muito ativos também.

Guilherme: Se algum usuário de fora do RS quisesse entrar no Debian-RS teria algum problema?

Joel: Não não, na realidade nós temos cinco ou seis pessoas que não são do estado e duas pessoas que não são do Brasil que participam da lista

Guilherme: O Debian é diferente dos outros grupos de usuários?

Joel: Ela tem uma diferença muito grande pela parte democrática, qualquer um pode fazer parte dela. Então penso assim: outras distribuições e outros projetos de software livre eles têm um limitador uma barreira de entrada que o Debian não tem. Hoje você pode fazer parte sem precisar passar por uma barreira que vai te avaliar ou que vai te puxar pra dentro ou pra fora do projeto. O Debian se diferencia muito nisso, é uma distribuição da comunidade para a comunidade.

Guilherme: Tu achas que as empresas de software proprietário elas se preocupam com o software livre hoje?

Joel: Existe uma frase que não lembro de quem é que diz assim: “no início eles não te dão bola, ai depois eles te menosprezam, ai depois eles riem de você e ai depois você vence”. É mais ou menos o que acontece com relação ao software livre e o software proprietário. Hoje as empresas de software proprietário estão chegando muito próximas do último estágio porque todas estão correndo de alguma forma a criar licenças de seus aplicativos com o foco em open-source. Isso é um tema muito forte, a Oracle a Microsoft. A Oracle inclusive criou uma distribuição e criou uma versão open-source do seu principal produto que é o Oracle Server. Extremamente caro. Eles criaram uma versão livre e open-source deles justamente para fazer frente a outros bancos de dados que teriam o mesmo dado. Assim a Microsoft está fazendo e a Sun.

Guilherme: Há algum tempo a Microsoft criou uma parte em seu website chamada *Get the Facts* (encare os fatos) que é composta por cases de empresas que relatam sucesso e redução de custos ao optar por uma solução proprietária. Nesta parte, um artigo assinado por Paulo Binder, traz em seu final a seguinte frase: “O Windows é mais que uma ideologia, é uma poderosa ferramenta para garantir a segurança e disponibilidade de uma rede”. Conheces o *Get the Facts*? Ao que atribuis ao que este posicionamento?

Joel: Conheço, a Microsoft trabalha muito em cima de FUD (Fear Unsettling Doubt) semear o medo e insegurança no Mercado, em relação a soluções que não soluções dela não apenas a software livre mas em relação a soluções que não sejam dela. Eles fazem muito forte isso e sempre fizeram. Não é só com o software livre, historicamente falando. Com o Get the Facts eles começaram mais um FUD desses, eles pegaram depoimentos de empresas que migraram uma parte ou tentaram migrar uma parte de suas soluções para software livre, mas sem um suporte adequado e isso fez com que uma grande parte dessas empresas retornasse a software proprietário por dois motivos: um dos motivos provavelmente é porque não funcionou e outro é que o custo para colocar isso a funcionar seria muito alto. Pensa-se que os investimentos, o software livre não é um software sem custo. Ele é livre e você pode pegar e usar, mas você

tem um custo de aprendizado ou um custo de contratar alguém que saiba para implementar isso pra você se você não quiser aprender. E isto muitas vezes não é visto e não encarado pelas empresas ou não é planejado e isso faz com que algumas migrações não dêem certo realmente. Neste caso do custo da Microsoft exige uma coisa muito importante que é o treinamento. Realmente se você pensar em não retrainar tuas pessoas e deixar as pessoas adestradas como são no Windows, porque as pessoas não são treinadas no Windows, são adestradas. Então, realmente esse custo com o software livre se torna mais elevado do que o software proprietário. Porque além das licenças com o software proprietário você já tem um adestramento que a pessoa tem neste software proprietário que é o mesmo que ela tem em casa e que usou na faculdade e que o vizinho conhece e que o cachorro sabe como se usa. E então o software livre por ser uma coisa nova ele ainda não tem essa projeção. Então as pessoas não têm cultura de uso e precisam de um treinamento.

Guilherme: Tu achas que o software livre é mais que uma ideologia?

Joel: Existem duas formas na realidade: existe o software livre que realmente ele tem um teor ideológico muito forte e existe o open-source que não tem nenhum teor filosófico assim. O open source ele abre o código pra melhorar a qualidade do código e esse código pode ter custo ou não. E geralmente esse código retorna para quem cria ele ou pra quem desenvolve ou mantém de uma forma muito rentosa. Se fatura muito em cima de open-source. Software livre que é uma idéia mantida pela Free Software Foundation FSF Richard Stallman e companhia que é muito forte também e é uma das bases do Linux e não de todos os aplicativos pois muitas coisas são open-source, onde realmente existe uma gama de ideologia, filosofia muito grande e que não é o suficiente para derrubar uma empresa como a Microsoft. Eu acho que a qualidade do software que hoje tem em cima do software livre são coisas pra se mensurar em derrubar uma empresa como a Microsoft. Tanto que eles estão começando a usar isso. E é muito interessante porque provavelmente nesta época do Get the Facts já tinha se tornado público isso a Microsoft usava Linux e BSD nos seus servidores externos e eles não usavam o Windows ou o IIS, por exemplo, que era o servidor de web deles, eles já usavam software livre nos servidores deles por não garantirem a sua qualidade de software de segurança e esse tipo de coisa.

Guilherme: Quais os principais argumentos que já escutasse contra o software livre?

Joel: Bom, o valor agregado é maior, isso é uma coisa facilmente rebatida porque se for implementar software livre como software proprietário com certeza o valor é maior, se for implementar software livre como software livre o software proprietário não tem como competir. É difícil de usar, na realidade não é difícil de usar as pessoas têm preguiça de aprender coisas novas essa é a diferença. Não tem suporte, isso não é verdade hoje o software livre tem muito mais suporte que o software proprietário. Não rodam todos os aplicativos isso é uma verdade, tinha muita coisa que não rodava.

Guilherme: Qual tua opinião sobre pirataria?

Joel: Bom a pirataria é a força do software proprietário, ele não seria tão forte senão existisse a pirataria. É muito fácil coibir a pirataria, mas não é interessante porque é ela que faz a distribuição e o conhecimento deste software. A pirataria hoje em dia é uma ferramenta de marketing desse software proprietário, basicamente isso. Isso é uma das coisas que prejudica bastante o software livre porque como você não precisa pagar pelo código, muitas pessoas confundem software pirata com software livre. Inclusive teve um caso muito interessante na Inglaterra que uma pessoa queria levantar dinheiro para um projeto de software livre, gravou alguns CD's e DVD's de software livre e foi vender o CD e DVD em praça pública como os

camelôs fazem isso aqui na Inglaterra. Essa pessoa foi presa por pirataria, por falta de conhecimento das autoridades britânicas sobre o tema. E isso é uma coisa muito interessante, a pirataria existe e é presente em todos os lugares, mas a confusão entre software livre e software pirata ou shareware, ou seja, lá o que for é muito grande. Então eventos de conscientização das pessoas quanto a essa diferença são muito importantes. Até em escolas, coisas afim onde seja a base da sociedade.

Guilherme: Provavelmente tu tens e usas algum souvenir do Debian, adesivos, camisetas, Joel Corrêa estava vestindo a camiseta do Debian.

Joel: Sim, tenho muitas coisas na realidade.

Guilherme: Qual o sentido que isto tem pra ti?

Joel: Na realidade existem duas coisas: primeiro que eu ajudo o projeto comprando alguma coisa desse projeto e ajuda o projeto a se manter e é interessante porque você mostra que está ajudando o projeto em público. Uma outra coisa é que eu exponho para o mundo que eu tenho condições de ajudar as pessoas neste tipo de tecnologia que eu represento. É uma forma de identificar sem precisar falar. Portanto a pessoa não precisa te conhecer se ela conhece a espiral do Debian ou a garrafinha ou alguma coisa que lembre ele vai relacionar, ah aquele lá conhece o Debian. Talvez se eu perguntar alguma coisa sobre, ou esta coisa que eu esteja em dúvida ele pode me ajudar, ou me tirar alguma dúvida se eu devo usar ou não. Então se torna uma referência para outras pessoas. Uma forma de levantar a bandeira de uma causa que você acredita.

Guilherme: O que a logo do Debian significa, qual é a história dela?

Joel: Na realidade ela é meio que o início de tudo assim né, é o início da coisa, tipo o espiral ele representa o infinito, e o espiral saindo da garrafinha é o início do infinito. Então existe um logo que nós não estamos usando aqui no momento que é um logo só para desenvolvedores que é uma garrafinha e uma espiral saindo da garrafa.

Guilherme: Existe para download no site.

Joel: Existe para download, mas você não pode usar publicamente se não for desenvolvedor.

Guilherme: Então é o lance do infinito, do princípio de tudo a garrafinha? O desenvolvedor como matriz do processo?

Joel: Exatamente, uma matriz do conhecimento saindo para o infinito.

Guilherme: Tu sabes quem é que criou?

Joel: Na realidade isso foi criado pelo pessoal do Debian Artistic logo nos primeiros meses da idéia de se criar uma distribuição. O Ian Murdock de criar uma distribuição. Existem algumas pessoas que dizem que este símbolo foi usado na antiguidade, não sei por que civilização, e que era uma marca de supremacia entre povos.

Guilherme: Seria algum problema pra ti trabalhar em uma empresa de software proprietário? Mesmo colaborando como usuário de software livre?

Joel: É assim, todo mundo precisa pagar suas contas de alguma forma, eventualmente eu preciso dar suporte e servidores Windows que não rodam aplicações Linux porque não existem aplicações Linux. E eventualmente se coloca até servidores proprietários como

terminal Server para rodar uma aplicação que não vai rodar em cima de Linux a não ser que reescreva e o custo pra isso é muito alto de reescrever uma aplicação. Eu não vejo problema nenhum nisso desde que você não fira o teu conhecimento dentro do software livre. Por exemplo não vamos inserir dentro de uma aplicação proprietária códigos livres e fechá-la.

Guilherme: Já usasse alguma outra distribuição de software livre a não ser o Debian?

Joel: Sim, sim já passei por quase todas e já instalei quase todas.

Guilherme: Tu usas o teu tempo livre para ajudar a comunidade?

Joel: Sim sim sim. Meu foco é criar coisas e fomentar coisas para ajudar a comunidade.

Guilherme: Quantas horas semanais tu dedicas?

Joel: Em média de duas horas por dia. Geralmente à noite e as vezes mais quando é necessário. Tipo, vai sair o release em tal dia, ah então nós precisamos dar um gás para acabar isso e então nós ficamos bem mais tempo.

Ao final da entrevista, o pesquisador agradeceu a colaboração do usuário Joel Corrêa. O usuário então voltou às atividades de organização do Debian Day.

ANEXO B – Arte do cartaz confeccionada para o Debian Day 2007

The poster features a teal background. At the top, the title 'Dia 18 é o Dia D' is written in large white font. Below it, a paragraph in black text describes the event. A red URL is provided for more information. The central graphic shows a white flag with a red spiral on a red pole, set against a blue globe with a red spiral. The text '18/08 das 9h às 18h' and the location 'Casa do Bancários de POA (General Câmara, 424 Centro) Porto Alegre/RS' are on the right. At the bottom, the website 'www.debian-rs.org' and the 'debian.rs' logo are displayed. The words 'Free Software Libre' are faintly visible in the background.

Dia 18 é o Dia D

Levantar a bandeira do Debian no mundo inteiro. Comemoramos 14 anos da distribuição Debian GNU/Linux. Grupos de todo o globo realizam atividades para comemorar esta data. O Debian-RS está convidando você para participar, quem não conhece também está convidado. Será um dia inteiro de palestras e workshops para todos os usuários.

Mais informações em <http://shurl.org/DebianDay>

18/08

das 9h às 18h
Casa do Bancários de POA
(General Câmara, 424 Centro)
Porto Alegre/RS

www.debian-rs.org **debian.rs**

ANEXO C – Fotos do Debian-RS durante o FISL 2007

